



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS –
PPGEL
MESTRADO EM ESTUDO DE LINGUAGENS

SANDRA SINARA ARAÚJO CERQUEIRA

USOS SOCIAIS DA ESCRITA: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA
NA COMUNIDADE DO BALDEZ

Salvador

2010

SANDRA SINARA ARAÚJO CERQUEIRA

**USOS SOCIAIS DA ESCRITA: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA NA
COMUNIDADE DO BALDEZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ligia Pellon de Lima Bulhões

Salvador

2010

FICHA CATALOGRÁFICA : Sistema de Bibliotecas da Uneb

Cerqueira, Sandra Sinara Araújo

Usos sociais da escrita : uma abordagem etnográfica na comunidade do Baldez / Sandra Sinara Araújo Cerqueira . – Salvador, 2010.

127f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ligia Pellon de Lima Bulhões.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia . Departamento de Ciências Humanas. Campus I. 2010.

Contém referências.

1. Escrita - Aspectos sociais. 2. Língua portuguesa - Escrita. 3. Hábito(Sociologia). 4. Comunidade - Escrita. 5. Lingüística. 6. Sociolingüística. II. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas.

CDD: 401.93

SANDRA SINARA ARAÚJO CERQUEIRA

**USOS SOCIAIS DA ESCRITA: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA NA
COMUNIDADE DO BALDEZ**

(ESPAÇO RESERVADO AO TEXTO PADRÃO DE FOLHA DE APROVAÇÃO)

Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim
Doutora em Linguística – UNICAMP

Profa. Dra. Rosa Helena Blanco Machado
Doutora em Letras – UNEB

Profa. Dra. Ligia Pellon de Lima Bulhões - Orientadora
Doutora em Linguística - UNEB

SALVADOR

2010

AGRADECIMENTOS

À professora Ligia Pellon de Lima Bulhões, pela orientação responsável e cuidadosa, por sua generosidade em partilhar ideias e, principalmente, pelo respeito ao meu trabalho, disposição e necessária paciência ao me orientar.

Às professoras Tânia Maria Alkmim (UNICAMP) e Rosa Helena Blanco Machado (UNEB) pela gentileza ao aceitarem compor a Banca.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, PPGEL, a quem pude expor minhas ideias e de quem recebi valiosas contribuições; a Camila e a Danilo, funcionários do PPGEL, solícitos a qualquer necessidade nossa, inclusive a do cafezinho.

Aos colegas do mestrado pelos bons momentos de riso, auxílio mútuo e boas vibrações. Aprendi muito com os trabalhos de vocês.

À minha amiga Eliene Barbosa Lima, com quem pude partilhar os mais diversos estados de espírito experimentados neste trabalho; obrigada por sua amizade sincera. E ao colega Antônio Vilas Boas, obrigada pelo edital que me conduziu ao mestrado e pelas quatro folhas nas quais o cômico desenho de um roteiro me ajudava a chegar à UNEB.

A seu Edvaldo, que tornou minhas viagens a Salvador mais seguras e agradáveis. E aos meus colegas de trabalho, Flávia Ribeiro e Idmar Boaventura, pelo constante incentivo e interesse em relação à minha pesquisa.

À comunidade do Baldez, a todos os sujeitos pesquisados, que disponibilizaram parte de seu tempo para as entrevistas e permitiram meu acesso a espaços onde pudessem ser observados. Sou grata pela forma simpática e acolhedora com que me receberam.

À minha mãe, dona Bernadete, que cuidou da minha casa e dos meus filhos para que eu pudesse me ausentar sem culpas; e a meu pai, seu José Vicente, que, quando o cansaço ou a simples necessidade de companhia eram evidentes, lá estava do meu lado. Obrigada também à minha irmã Simone, por sempre desejar o meu sucesso.

A Waldemir, companheiro perfeito, querido e solidário. Seu amor me faz prosseguir e realizar sonhos. A meus filhos maravilhosos que, apesar de tão sacrificados, expressavam satisfação em ver a mãe estudando. Marília se oferecia para transcrever entrevistas e Gabriel, com a “experiência” de seus sete anos, procurava nas estantes das livrarias livros de Pierre “de” Bourdieu, por quem desenvolveu particular curiosidade. Amo vocês.

Agradeço a Deus e ao meu Bom Jesus por tudo que vivi, por ter colocado no meu caminho pessoas tão especiais e uma oportunidade incomparável de aprendizado.

Pesquisa é teoria em ato.”
(Pierre Bourdieu)

“Ver-nos como os outros nos veem pode ser bastante esclarecedor. Acreditar que outros possuem a mesma natureza que possuímos é o mínimo que se espera de uma pessoa decente. A largueza de espírito, no entanto, sem a qual a objetividade é nada mais que autocongratulação, e a tolerância apenas hipocrisia, surge através de uma conquista muito mais difícil: a de ver-nos, entre outros, como apenas mais um exemplo da forma que a vida humana adotou em um determinado lugar, um caso entre casos, um mundo entre mundos.”

(Clifford Geertz, *O Saber Local*, 2007)

RESUMO

Este estudo apresenta, por meio de uma abordagem etnográfica, reflexões sobre os usos e concepções de escrita em uma comunidade de um pequeno município do interior baiano. Os dados coletados provêm de entrevistas a dez sujeitos do local, de observações registradas em anotações de campo, de registros fotográficos e de textos escritos produzidos pelos sujeitos pesquisados. A análise baseia-se em autores cujas concepções de língua e de escrita colocam-nas como práticas sociais. A orientação assumida para a compreensão da escrita na comunidade é a de que ela é desenvolvida como competência social estabelecida em contextos de práticas regulados por disposições adquiridas pelos sujeitos, por *habitus*, bem como por suas necessidades de uso. Daí depreende-se que concepção de escrita os sujeitos pesquisados apresentam como referência às suas práticas. Nessa perspectiva, o contexto se define pela própria comunidade estudada, percebida em ações sociais compartilhadas por indivíduos em situações que se alteram constantemente, de modo a também serem alteradas as relações entre os sujeitos. Para isso, caracterizam-se os indivíduos pesquisados, a comunidade e as relações estabelecidas entre eles.

Palavras-chave: Escrita; etnografia; *habitus*; comunidade.

ABSTRACT

This study presents, through an ethnographic approach, reflections on the uses and conceptions of writing in a community of a small city in the interior of Bahia. The collected data are from interviews with ten subjects of the site, observations recorded in field notes, photographs and written texts produced by individuals. Analysis is based on authors whose conception of language and writing places them as social practices. The orientation assumed for the understanding of the writing in the community is that it is developed as social competence established in contexts of practice governed by rules acquired by the subjects, by *habitus*, as well as for their necessities of use. From there it is inferred that conception of writing of research subjects have to refer to their practices. In this perspective, the context is defined by the studied community, understood in social actions shared by individuals in situations that change constantly, in order also to be changed the relationships between subjects. For this reason, the individuals surveyed, the community and the relationships between them are characterized.

Keywords: Writing; ethnography; *habitus*; community.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| 1 ESCRITA: UMA PRÁTICA SOCIAL | 11 |
| 1.1 ORALIDADE E ESCRITA: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA | 15 |
| 1.2 ESCRITA, ESPAÇOS SOCIAIS E RELAÇÕES DE PODER | 17 |
| 1.3 <i>HABITUS</i> E ESCRITA | 20 |
| 1.3.1 A QUESTÃO DA LINGUAGEM | 23 |
| 2 O OLHAR ETNOGRÁFICO: <i>IN VIVO</i> X <i>IN VITRO</i> | 29 |
| 2.1 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS | 34 |
| 2.2 PESQUISA DE CAMPO: UM CAMINHO E SEUS OBSTÁCULOS | 36 |
| 3 A COMUNIDADE: CONTEXTO DE USOS DA ESCRITA | 40 |
| 3.1 CONCEITUANDO COMUNIDADE | 40 |
| 3.2 A ESCOLHA DO BALDEZ | 43 |
| 3.3 A EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE | 46 |
| 4 OS SUJEITOS E SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS: A ESCRITA | |
| LOCAL | 49 |
| 4.1 QUEM SÃO E O QUE FAZEM OS SUJEITOS PESQUISADOS | 49 |
| 4.2 PRÁTICAS COLETIVAS DE ESCRITA NO CONTEXTO DE OUTRAS PRÁTICAS | 55 |
| 4.3 A ESCRITA NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS INDIVIDUAIS | 84 |
| 4.4 ATITUDES SOBRE ESCRITA NO CONTEXTO DAS EXPERIÊNCIAS PARTICULARES | 100 |
| 5 ANÁLISE DOS DADOS | 104 |
| 5.1 USOS E ATITUDES DOS SUJEITOS EM RELAÇÃO À ESCRITA | 104 |
| 5.2 ORALIDADE, ESCRITA, CONTEXTO E OUTRAS LINGUAGENS | 114 |
| 5.3 ESCRITA E <i>HABITUS</i> LINGUÍSTICO..... | 117 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 122 |
| REFERÊNCIAS | 126 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se a um estudo etnográfico sobre a escrita, concebida como um conjunto de práticas sociais. Nessa perspectiva, a escrita é estudada no contexto das demais práticas sociais que caracterizam uma comunidade de baixa renda, o bairro Baldez, situado num pequeno município do interior baiano, a cidade de Conceição do Jacuípe.

O objeto de estudo são as manifestações de escrita, constituídas por atividades de produção, leitura e cópia de textos, que fazem parte do cotidiano de indivíduos dessa comunidade, e a atitude que assumem com relação a elas. E os sujeitos da pesquisa são dez moradores, entre homens e mulheres, residentes no bairro por pelo menos quinze anos. Todos têm níveis de escolaridade distintos entre si e idades que compreendam adultos mais jovens e mais velhos.

Interessa ao estudo saber que usos e concepções de escrita constituem o cotidiano familiar e comunitário dos moradores da comunidade do Baldez, nos diferentes contextos de interação verbal.

Existe uma diversidade de práticas contextualizadas sócio-historicamente que constituem e são constituídas pela escrita, já que esta é mediadora de várias atividades sociais. Porém, a visão tradicional e hegemônica de escrita da sociedade, que a considera apenas do ponto de vista escolar, ou das instituições burocráticas, faz com que os seus usos cotidianos sejam pouco conhecidos. A busca por peculiaridades sobre as diversas manifestações de escrita, e a realidade dos contextos sociais específicos de que fazem parte, pode contribuir de forma significativa para o conhecimento das escritas que circulam nas várias instâncias da vida social.

Os objetivos desse trabalho são, portanto:

- a) Investigar os usos de escrita que fazem parte do cotidiano dos moradores da comunidade do Baldez, ou seja, as atividades de produção e recepção de textos escritos que circulam entre sujeitos da comunidade, em quais contextos o fazem e com que objetivos;
- b) Analisar se as variáveis ou fatores biossociais gênero, idade, escolaridade, função social, relações familiares e profissão são pertinentes para a caracterização dos usos e das atitudes sobre a escrita que os sujeitos mantêm;
- c) Analisar as relações entre escrita, oralidade e contexto nas práticas de escrita observadas;

- d) Investigar se os usos da escrita instituem e fazem parte das relações de poder locais, tendo em vista a posição social assumida pelos sujeitos; e,
- e) Investigar as concepções de escrita dos sujeitos a partir do conceito de *habitus* linguístico, segundo Bourdieu.

Servem de referencial teórico para o estudo a pesquisa etnográfica de Heath (1983) e o modelo ideológico de escrita postulado por Street (1984). Além desses trabalhos, é igualmente relevante a contribuição teórica de Marcuschi (2007) e de outros autores com relação à língua e à escrita, ao fundamentá-las em usos sociais historicamente situados.

Para análise das concepções que os sujeitos revelam acerca da escrita, é utilizada a noção de *habitus* linguístico postulada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1998). Por essa noção, de modo geral, entendem-se as práticas sociais como condicionadas ao modo como os sujeitos regularizam suas atividades a partir de esquemas incorporados e atualizados conforme tais sujeitos vão sendo constituídos socialmente. Essa concepção exige os usos e práticas de escrita de serem explicados por meio de regras, mas por sua real ocupação nos espaços cotidianos.

Desenvolve-se neste trabalho uma abordagem etnográfica que exige um envolvimento direto com o objeto pesquisado, através de procedimentos que visam a não deixar escapar detalhes que possam se tornar relevantes ao estudo. Entende-se, portanto, a etnografia não como um método, mas como um consistente aporte teórico para a compreensão de fenômenos sociais no seu ocorrer natural. Por isso, a etnografia requer o constante refletir do pesquisador sobre sua postura de, ao mesmo tempo, inserir-se no universo pesquisado e dele manter distanciamento.

No caso deste trabalho, entende-se a abordagem etnográfica como fundamental à explicação de como os indivíduos se relacionam com a escrita no seu cotidiano. Acredita-se que esse modo de ver a escrita expande as possibilidades de entendimento desse fenômeno, principalmente pelas contribuições entre campos de estudo antropológicos e sociológicos. Para isso, tomam-se como referência, além de outros autores, as concepções de Mirian Goldenberg (1997), para quem os dados qualitativos requerem que sejam descritas detalhadamente as situações, para que os sujeitos sejam compreendidos em seus próprios termos, o que exige do pesquisador ser flexível e criativo na coleta e análise dos dados. Ainda na perspectiva etnográfica, contribuem para o trabalho as considerações do antropólogo Clifford Geertz (2007) acerca de como conhecer o outro localmente e do caráter dinâmico da etnografia.

Compreender como os indivíduos de diferentes grupos sociais usam a palavra escrita em suas vidas, em diferentes situações, para atender as suas necessidades cotidianas, as suas relações sociais, é destituir-se do olhar excludente que rotula a competência de tais indivíduos para escrever e, ao mesmo tempo, é inteirar-se das suas condições reais de uso. Assim, acredita-se que este trabalho tem relevância pela possibilidade de contribuir para a ampliação de estudos voltados a questões referentes aos usos reais da escrita em atividades cotidianas de grupos sociais variados, de modo a se somarem experiências que viabilizem uma base teórica sobre tais usos.

1 ESCRITA: UMA PRÁTICA SOCIAL

A escrita pode ser concebida, a depender da concepção de língua, numa visão homogênea, em que se desconsideram os sujeitos sociais. Os estudos linguísticos de Saussure e de estruturalistas como Bloomfield, por exemplo, principalmente na primeira metade do século XX, observam a língua em sua imanência. Isto serviu de orientação a muitas investigações científicas cujas preocupações não contemplam dimensões sociais, nas quais a observância dos usos linguísticos, em situações reais, a escrita inclusive, pudesse contribuir com novos elementos para análise. A homogeneidade da língua, portanto, dificultaria relacioná-la a fatores externos de uso propriamente dito, aqui entendido, conforme Orlandi (2006, p.104), “como a probabilidade de uma regularidade na conduta, quando e na medida em que essa probabilidade, dentro de um grupo, está dada unicamente pelo exercício de fato”.

De outro lado, está a visão heterogênea da língua, constituída e constituindo o que lhe é exterior. De acordo com esta concepção, a língua é um fenômeno sócio-histórico e cultural, voltado para a ação e para a prática em contextos de interação. A heterogeneidade, portanto, faz parte da língua, e é a partir dela que devem ser pensadas as relações entre o sistema da língua e os usos que dele fazem os sujeitos e as sociedades. Nessa perspectiva, enquanto conjunto de atividades sociais, a escrita se inscreve na multiplicidade de outras práticas que constituem os domínios da vida cotidiana dos sujeitos de diferentes grupos sociais.

Na segunda metade do século XX, surgiram novos estudos sobre a escrita, através de campos de conhecimento como a psicologia, a antropologia, a sociologia e a própria linguística. Dentre eles, estão as perspectivas histórico-culturais de Goody e Watt ([1963] 2006), no livro *As consequências do letramento*, que, ao tratar do desenvolvimento de uma cultura escrita – tomando como referência a sociedade grega, por ela representar um marco inicial do uso da escrita e por associarem isso às transformações culturais ocorridas nessa sociedade –, consideravam fortemente o aspecto cognitivo, de forma a ver na escrita a capacidade de empreender no mundo mudanças cognitivas e sociais de modo a promover uma cultura mais ampla em termos de conhecimento. Estas concepções foram denominadas por Street (1984) de modelo autônomo de comunicação. Por este modelo, a escrita é consideravelmente diferente da oralidade, “do ponto de vista do sistema, da cognição e dos usos” (MARCUSCHI, 2001, p.26). Essa condição de autonomia da escrita em relação à oralidade firmou, devido a um processo de padronização, a concepção de que a escrita era a

principal responsável pelo desenvolvimento de habilidades linguísticas, sociais e cognitivas, enquanto que a oralidade estaria num plano inferior, ou até oposto.

Esse processo de padronização da supremacia da escrita conduz a se pensarem as sociedades com escrita como um todo, fato para o qual Gnerre (1998, p. 73) chama a atenção: “É impossível fazer generalizações como ‘sociedades com escrita’: tradicionalmente, existiam e existem somente grupos sociais com escrita, e só em casos muito recentes e específicos podemos falar de ‘sociedades’ com escrita”. Esse comentário de Gnerre provém de sua crítica às perspectivas de Goody e Watt ([1963] 2006) quanto à separação entre sociedades letradas e não-letradas, o que para Marcuschi (2007, p.28-31) representa uma “tendência fenomenológica de caráter culturalista”, “tipo de visão pouco adequada para a observação dos fatos da língua” que contrapõe a cultura oral à cultura letrada¹ sem dar conta dos fenômenos linguísticos relacionados aos usos.

Não se pode reduzir a escrita a somente um instrumento de codificação da fala para registro mnemônico de experiências humanas. A escrita não é uma técnica, pelo menos na acepção de conjunto de métodos essenciais à execução de algo que o termo técnica evoca. A capacidade de escrever, atrelada à de ler, tem sua importância naquilo que representa de realização para as pessoas, se são práticas significativas ou não, o que os sujeitos fazem com ela, se atendem as suas intenções expressivas e comunicativas, que papéis sociais podem desempenhar por meio dos usos da escrita. Ao sair desse foco, corre-se o risco de entender a escrita como representação técnica da fala, como desvinculada dos contextos de usos e de seus sujeitos.

Os usos da escrita, bem como as finalidades a que ela serve, correspondem a instâncias ainda pouco exploradas, mas que evidentemente passam pela maneira como os indivíduos entendem o que a escrita representa para eles. Assim, numa compreensão mais ampla, histórica e cultural, inserem-se as considerações de Bazerman, quando afirma que

[...] a escrita afeta aquilo que somos, o que pensamos, o que temos realizado e como nos relacionamos uns com os outros num modo de vida complexo. A escrita estendeu nossas possibilidades, e criou a própria infra-estrutura de nossos intelectos individuais e de nossas inteligências comuns. (BAZERMAN, 2007, p.9)

Ao modelo de escrita que se pode inferir a partir de Goody e Watt, e que foi denominado por Street (1984) de autônomo, contrapõe-se, também por Street (1984), o “modelo ideológico”, que compreende a escrita como prática social, teorizando-a conforme as

¹ cf. quadro em Marcuschi (2007, p.29)

relações sociais de poder. Essa concepção reconhece serem várias as práticas de escrita em diferentes contextos e indica ser o modelo mais apropriado de compreensão da escrita, principalmente porque ele se baseia na relação entre oralidade, escrita e contexto social, ao tempo em que, conforme Marcuschi (2001, p.18), “trata-se de uma visão que possibilita um leque muito grande de análise sem trazer como central a questão ideológica e sem se fixar na morfossintaxe nem em modelos estratificados e alienados da realidade sociocomunicativa”.

O modelo ideológico acabou por fornecer bases para a identificação e análise de aspectos mais complexos sobre a escrita, de acordo com as relações de poder que caracterizam o contexto social em que a escrita se manifesta. Seu mérito se assenta, sobretudo, em pautar-se em práticas sociais concretas, ampliando o olhar para os contextos nos quais diferentes usos da escrita estão envolvidos. O modelo ideológico, conforme propõe Street, tem como princípio o fato de que

[...] o que as práticas particulares e os conceitos de leitura e de escrita são para uma dada sociedade depende do contexto; que elas já estão embutidas em uma ideologia e não podem ser isoladas ou tratadas como ‘neutras’ ou meramente ‘técnicas’.² (STREET, 1984, p.1) (tradução nossa)

Enquanto prática cultural, com usos situados, envolvendo sujeitos e contextos, admitir haver diferenças no modo como diferentes grupos sociais se utilizam da escrita não é o mesmo que dizer de tais usos serem aleatórios e assistemáticos. As atividades de escrita em uma comunidade são organizadas em função das necessidades cotidianas próprias daquele espaço e, portanto, precisam fazer sentido para situações específicas (STREET, 1984.). Com isso não se está negando a existência de regularidades, de semelhanças, nos usos de um grupo em relação a outro. Os usos da escrita implicam tomar parte em modos específicos de vida com motivações e necessidades inerentes ao mundo do qual se participa e se posicionar nesse mundo conforme as interações várias com ele estabelecidas.

Street (1984) sugere que os estudos sobre oralidade e escrita sejam inseridos no contexto das análises etnográficas e discursivas e, dentre outros, destaca o trabalho de Shirley Brice Heath (1983), *Ways with words*, produto de uma pesquisa etnográfica em duas comunidades norte-americanas, Roadville e Trackton, formadas por indivíduos brancos e negros, respectivamente, pertencentes à classe operária. Heath, neste trabalho, estudou eventos de escrita, situações nas quais as interações dos sujeitos das comunidades estudadas são integradas pela escrita. Os eventos correspondem às ocasiões nas quais a escrita toma

² [...] what the particular practices and concepts of reading and writing are for a given society depends upon the context; that they are already embedded in an ideology and cannot be isolated or treated as ‘natural’ or merely ‘technical’.

parte nas interações dos indivíduos em contextos reais, situando as práticas sociais ao mesmo tempo em que são moldados por tais práticas.

Heath (1983) mostra que tanto Roadville quanto Trackton são comunidades letradas, mas que cada uma possui suas próprias tradições de escrita que se estruturam em relações recíprocas com as tradições orais, conforme sejam as necessidades e contextos. Assim, uma e outra comunidade não podem ser classificadas como de tradições ou totalmente orais, ou totalmente escritas. Segundo Heath (1983, p.231), “[...] as formas, ocasiões, conteúdos e funções de leitura e escrita diferem muito de uma para outra e cada uma varia em níveis e padrões seguidos pelos moradores da cidade”³ (tradução nossa). Os moradores de Roadville, por exemplo, usam a escrita como uma ferramenta de apoio à memória em suas atividades cotidianas, para auxiliá-los em atividades financeiras, para substituir ou confirmar mensagens orais, ou eventualmente, para estabelecer contato com familiares e amigos.

Em Trackton, a escrita serve apenas ocasionalmente para auxílio à memória, quando a comunicação oral não for possível, também para atividades financeiras e, particularmente, para divulgar atividades da igreja, eventos e decisões políticas e financeiras.

É importante ressaltar que, na perspectiva de Heath, a escrita interage com a oralidade de diversas formas, constitui e é constituída pelas outras práticas sociais existentes. Heath (1983) descreve, por exemplo, como os pais das crianças em fase pré-escolar da comunidade de Roadville desenvolviam com os filhos práticas domésticas de escrita que envolviam o criar e contar histórias a partir de suas experiências religiosas cotidianas, como meio de melhorar a formação moral de tais crianças.

Nesse trabalho, as conclusões de Heath esclarecem alguns dos aspectos fundamentais do modelo ideológico de escrita, tais como o fato de a dicotomização entre cultura oral e cultura escrita ser apenas um constructo de pesquisadores, não sendo então uma descrição dos usos cotidianos de escrita em grupos sócio-culturais específicos. Além disso, a pesquisa de Heath (1983) mostra que o modelo autônomo de escrita não permite que se conheçam os usos e padrões de escrita que fazem parte das tradições sócio-culturais das duas comunidades pesquisadas.

É possível entender que cada grupo social estabelece seus modos de se relacionar com a escrita/oralidade e seus contextos, de forma a se constituírem realidades específicas, com diferentes maneiras de produção e de circulação.

³ [...] the forms, occasions, content, and functions of their reading and writing differ greatly from each other, and each varies in degree and kind from patterns by the townspeople.”

1.1 ORALIDADE E ESCRITA: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

Uma primeira e relevante consideração para o entendimento da oralidade e da escrita é concebê-las como práticas cotidianas que se apresentam em várias instâncias das relações sociais e, por conta de tais práticas, é possível ao homem integrar-se ao mundo, movimentar-se em direção à realidade que o cerca e inclusive transpor os limites dessa realidade. Tanto a oralidade como a escrita representam meios de preservação, continuidade e também renovação da história do homem. A relevância dessas colocações está em dar uma abrangência maior a tudo que pode ser visto ou conhecido por meio dessas duas modalidades, sem restrições canônicas que desconsideram a diversidade das manifestações. Conforme os estudos tradicionais sobre a língua, descritos anteriormente, os usos orais e os usos escritos da língua se encontram separados de forma dicotômica.

À oralidade coube representar o lugar do erro, da espontaneidade, do uso informal e, com viés preconceituoso, de uso efetivo pelas camadas mais populares da sociedade. De modo geral, apenas diferenças são evocadas quando o oral e o escrito são objeto de comparação, tradicionalmente vistos em campos dicotômicos. Marcuschi, sobre isso, afirma:

O curioso é que, no geral, quem se dedica aos estudos da relação entre língua falada e língua escrita, sempre trabalha o *texto falado* e raramente a língua escrita. Por outro lado, as afirmações feitas sobre a escrita fundam-se na gramática codificada e não na língua escrita enquanto texto e discurso. Em suma, o que conhecemos não são nem as características da fala como tal nem as características da escrita; o que conhecemos são as características de um sistema normativo da língua. (MARCUSCHI, 2007, p.34-35) (grifos do autor)

Afirmar a existência de relações entre a oralidade e a escrita não significa dizer que esta é uma mera representação daquela. Ambas são parte de um mesmo sistema linguístico, mas são modalidades linguísticas com perspectivas específicas, conforme a funcionalidade da expressão. Reconhece-se, por exemplo, na oralidade, uma forma mais usual de interação, munida de recursos vários, de elementos expressivos (gestualidade, entonação, reações do interlocutor, expressões faciais, etc), nos quais o dizer pode se apoiar. De sua parte, a escrita resulta em domínio mais restrito, sua valorização social é mais evidente e sua representação física mais limitada. Não é possível, portanto, rejeitar de uma ou de outra a importância que lhes é devida.

Na verdade, a despeito das diferenças evidentes entre fala e escrita, tais como a realidade sonora daquela e a constituição gráfica desta, os recursos expressivos e prosódicos à

disposição da oralidade e os suportes materiais que atendem à escrita, uma e outra se interrelacionam e frequentemente chegam a se entrecruzar, revelando semelhanças que desconsideram uma ruptura. O oral e o escrito se estabelecem num contínuo não linear, mas complexo, multidimensional, havendo inclusive hibridez nos usos, de modo a possibilitar mais alternativas de expressão. Assim, como afirma Havelock,

Ambas, a oralidade e a cultura escrita, individualizam-se ao serem contrapostas, embora possam ser vistas ainda como interligadas em nossa própria sociedade. É claro que constitui erro polarizá-las, vendo como mutuamente exclusivas. A relação entre elas tem o caráter de uma tensão mútua e criativa, contendo uma dimensão histórica – afinal, as sociedades com cultura escrita surgiram a partir de grupos sociais com cultura oral – e outra contemporânea – à medida que buscamos um entendimento mais profundo do que a cultura escrita pode significar para nós, pois é superposta a uma oralidade em que nascemos e que governa, dessa forma, as atividades normais da vida cotidiana. (HAVELOCK, 1995, p.17-18)

Assim, torna-se necessário o entendimento das influências de uma modalidade noutra, bem como dos fenômenos linguísticos para os quais essas influências apontam e em que contexto ocorrem. Marcuschi defende

[...] uma noção de contínuo não como “continuidade” ou linearidade de características, mas como uma relação escalar ou gradual em que uma série de elementos se interpenetram, seja em termos de função social, potencial cognitivo, práticas comunicativas, contextos sociais, nível de organização, seleção de formas, estilos, estratégias de formulação, aspectos constitutivos, formas de manifestação e assim por diante. (MARCUSCHI, 2001, p.35-36)

O conhecimento de como a língua é usada em práticas sociais nas quais oralidade e escrita se interrelacionam depende das circunstâncias de realização dessas práticas, bem como da relação que os sujeitos estabelecem com a oralidade e a escrita, como meios de se inserirem sócio-culturalmente. Uma e outra são práticas sociais interativas com possibilidade de se apresentarem sob diversas formas comunicativas e em variadas atividades; uma e outra convivem numa mesma comunidade, em situações nas quais tanto só uma possa prevalecer quanto as duas sejam fortemente marcadas. Daí se estabelece a noção do contínuo que sugere “correlações em vários planos”, “um conjunto de variações e não uma simples variação linear” (MARCUSCHI, 2007, p.37).

A visão do contínuo enfatiza a contextualização dos usos da língua e a conseqüente ausência de homogeneidade na relação oralidade/escrita. São os contextos de práticas sociais de produção oral e escrita que possibilitam um conjunto de variações nessa relação, de modo que não é possível estabelecer limites rígidos entre a oralidade e a escrita, dentro dessa concepção de contínuo.

1.2 ESCRITA, ESPAÇOS SOCIAIS E RELAÇÕES DE PODER

A escrita, conforme proposto anteriormente, pode ser entendida como um sistema simbólico pelo qual os sujeitos representam sua realidade enquanto seres sociais, representando inclusive a si mesmos por meio dela. Ela opera em muitas situações do cotidiano compostas por diversas práticas que caracterizam os diferentes grupos sociais, servindo cada vez mais a diferentes e múltiplos propósitos de interação.

Bourdieu (1998) chama a atenção para o fato de que não se deve entender a importância da conjuntura social e cultural como uma recusa à análise linguística da língua. Para ele, o risco está em, nessa análise, fixar-se no que se encontra fora das relações sociais, fora das condições de produção. A escrita apenas supõe um meio comum, na verdade ela está condicionada às situações sociais várias, às “transações e interações da vida cotidiana” que lhe atribuem significados. O desempenho das pessoas que ocupam posições na estrutura social acaba correlacionado com a competência linguística. Por isso, segundo este autor,

“as competências linguísticas constituem capacidades de produção socialmente classificadas que caracterizam unidades linguísticas de produção socialmente classificadas e, ao mesmo tempo, configuram capacidades de apropriação que, por sua vez, definem mercados eles mesmos socialmente classificados”. (BOURDIEU, 1998, p.54)

Vê-se na escrita a possibilidade de projeção e perpetuação de um mundo de representações das vivências dos indivíduos. Essa forma de poder organizacional e regulador da vida social, histórica e cultural dos homens concedeu à escrita um caráter excludente, à medida que nem todos partilham dela com igual acesso. Para De Certeau,

A prática escriturística assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim, fazer história. Entendo por mito um discurso fragmentado que se articula simbolicamente. No Ocidente moderno, não há mais um discurso recebido que desempenhe esse papel, mas um movimento que é uma prática: escrever. (DE CERTEAU, 2008, p.224)

Esse modo de apreensão e compreensão da escrita, de certa forma, dimensiona os espaços ocupados por ela na sociedade e a importância que lhe foi atribuída naquilo que De Certeau (2008) denomina “economia escriturística”.

Quando examinados os espaços de circulação da escrita na sociedade moderna, ao menos duas situações ficam evidentes: uma diz respeito à versão oficial, institucionalizada, que coloca a escrita na condição soberana de promotora da modernização e transforma-a em objeto de desejo, por representar um instrumento de ascensão social, associado ao poder

político e econômico; outra se refere aos usos da escrita em diversos grupos sociais em várias situações do cotidiano, e não apenas em situações que requerem a escrita institucional, o que é entendido por Gnerre (1998, p.60) como “usos ativos da escrita quantitativamente significativos”. De uma forma ou de outra, percebe-se que a escrita povoa o cotidiano dos mais diversos grupos sociais modernos.

É também notório que a escrita estabelecida por grupos sociais de prestígio não é aquela igualmente praticada pela sociedade como um todo. Os usos são distribuídos de forma seletiva e isso os torna heterogêneos nos modos de circulação, nas condições de produção, nas práticas sócio-culturais com as quais interage. Há de se acrescentar a relação complexa com a oralidade que, em maior ou menor medida, exerce influência sobre a escrita, sendo também por esta influenciada em muitas atividades de produção discursiva.

A visão que persiste na sociedade moderna consiste em vincular a escrita a grupos sociais de prestígio, de modo que a condição privilegiada de alguns grupos seria consequência do acesso a esse bem simbólico uniforme e estável, de acordo a esse entendimento. Essa concepção consolida e fortalece a ligação entre escrita e poder e ao mesmo tempo evidencia uma sociedade grafocêntrica. Gnerre (1998, p.5) afirma que “o poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico”. Ele acrescenta ainda que

As regras que governam a produção apropriada dos atos de linguagem levam em conta as relações entre o falante e o ouvinte. Todo ser humano tem que agir verbalmente de acordo com tais regras, isto é, tem que “saber”: a) quando pode falar e quando não pode, b) que tipo de conteúdos referenciais lhe são consentidos, c) que tipo de variedade linguística é oportuno que seja usada. Tudo isso em relação ao contexto linguístico e extralinguístico em que o ato verbal é produzido. (GNERRE, 1998, p.6)

Essa maneira de regular os usos que os indivíduos fazem da língua, seja na oralidade ou na escrita, acaba por delimitar e refletir as estruturas de poder constituintes dos grupos sociais. Toda essa conjuntura não implica uma simples aceitação, na verdade os indivíduos tendem a passar por um processo de ajustamento aos determinismos sociais, muitos deles despercebidos pela consciência.

A língua é um bem cultural em torno do qual os sujeitos estabelecem distinções que socialmente determinam padrões como um modo de expressão legítimo. Nesse sentido, Bourdieu (1998) enfatiza que essa legitimação da língua provém de contínuas lutas no campo lingüístico, no qual, ao mesmo tempo, é produzida a consagração do que se considera legítimo e a desvalorização da língua comum, evidenciando ser a violência simbólica inerente a todo esse processo. Para Bourdieu, a língua legítima não deve ser entendida como natural e

comumente partilhada entre os sujeitos, mas como produto de condições sociais, de intenções políticas, que viabilizam a legitimação. No curso da história, estabelecer uma variedade da língua, ou uma língua propriamente dita, como legítima e de prestígio significa sistematizá-la por meio da escrita. Os relatos de colonização, por exemplo, dão conta do esforço dos colonizadores na imposição de sua língua sobre os colonizados através de uma sistematização gramatical que servisse de apoio e garantia à disseminação dessa língua, propagando os saberes de uma dada cultura como igualmente legítimos. Por esse caminho, constitui-se uma tradição de serem valorizadas as formas representativas de poder com vistas a também alcançá-las. O desejo de apropriação dos usos escritos legitimados passou a inculcar, mesmo naqueles que não dispõem dos meios de alcançá-los, a ideia de que esses usos se constituem parâmetro para definição de suas posições sociais, isso em sociedades nas quais a cultura escrita se impõe como modelo. Assim sendo,

O domínio da linguagem garante e isola um novo poder, “burguês”, o poder de fazer a história fabricando linguagens. Este poder, essencialmente escriturístico, não contesta apenas o privilégio do “nascimento”, ou seja, da nobreza: ele define o código da promoção sócio-econômica e domina, controla ou seleciona segundo suas normas todos aqueles que não possuem esse domínio da linguagem. A escritura se torna um princípio de hierarquização social que privilegia, ontem o burguês, hoje o tecnocrata. (DE CERTEAU, 2008, p.230)

Historicamente, o ato de escrever, foi definido como instrumento inquestionável para constituição de identidades dos sujeitos. Isto implica impor limites à produção escrita, corresponde a enquadrá-la em contextos formais, institucionais, tornando-a uma espécie de expressão por meio da qual fica definido quem é quem pela “qualidade” do que escreve. Escrever representa, nesses moldes, um ritual socialmente válido e, portanto, eficiente que exige sacrifícios para o alcance de privilégios. Essa visão decorre da institucionalizada superioridade da cultura escrita sobre a cultura oral, gerando um comportamento preconceituoso por parte de um poder burocrático que afeta muitos indivíduos à margem dos contextos institucionais de circulação da escrita. Sob esse aspecto, é possível inferir não ter sido a escrita compartilhada de forma homogênea. Na verdade, formou-se uma rede de relações mediadas pela escrita nas quais os sujeitos são autorizados a ocupar determinados lugares e, conseqüentemente, terem suas práticas legitimadas. E, conforme sintetiza De Certeau (2008, p.226), “no final das contas, a empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior”.

Os usos que os sujeitos fazem da escrita refletem o complexo conjunto de relações e papéis por eles assumidos, o que vai definir diferentes modos de produção e de recepção dessa escrita. São formadas, assim, as relações de poder que vão possibilitar ou não práticas de escrita por determinados indivíduos e, inclusive, a circulação de seus discursos.

1.3 *HABITUS* E ESCRITA

A noção de *habitus* não é recente, remonta à concepção aristotélica de *hexis*, na qual corpo e alma se constituíam por meio de uma aprendizagem constante (HANKS, 2008). Retomado ao longo da história por pensadores e estudiosos, o conceito de *habitus* assume, pelos postulados do filósofo/sociólogo francês Pierre Bourdieu, uma matriz sociológica através da qual é possível estabelecer correspondências entre os indivíduos e a sociedade. Tais correspondências dizem respeito a como os indivíduos agem e ao que socialmente condiciona as ações, ou seja, como realidades individuais e sociais se fundem em práticas cotidianas, em um campo do qual esses indivíduos fazem parte. Para Bourdieu, o *habitus* é um

[...] sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquema geradores, é gerador de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses objetivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidas para esse fim. (BOURDIEU, 2003, p. 125)

Assim dito, compreende-se a noção de *habitus* como dinâmica, pois tem por princípio a necessidade contínua de se adaptar às condições históricas, às experiências dos indivíduos ao longo de sua existência e às próprias condições sociais nos diversos contextos nos quais as relações se estabelecem. Conforme assinala Boltanski,

[...] o *habitus*, como conjunto de esquemas interiorizados, é esse espaço intermediário – se assim pudermos dizer – que permite passar, nos dois sentidos, das estruturas determinadas ao longo do trabalho de organização do *corpus* às ações de um ator singular e à experiência que ele adquire. (BOLTANSKI, 2005, p.162)

Como todo conceito inovador, o de *habitus* foi e é objeto de apropriações distintas passíveis de gerar controvérsias. Uma delas, por exemplo, é a de que há limites quanto ao alcance de todas as práticas sociais; outra refere-se à dificuldade de categorizar estruturas objetivas e subjetivas nas relações entre indivíduos e seu meio social. Entretanto, interessa neste trabalho a perspectiva de prática em que o conceito se sustenta, ou melhor, em como os

sujeitos sociais orientam suas ações a partir da experiência desenvolvida em suas vidas e que os faz lidar, de forma estratégica, com situações várias do cotidiano, mesmo sem a necessidade de racionalizar ou demonstrar consciência a esse respeito. Transpondo estas noções para o estudo de usos e práticas de escrita, elas correspondem ao modo como os indivíduos, numa dada realidade social, histórica, cultural, e também espacial, orientam seus usos e práticas de escrita para atender àquilo que lhes parece necessário. Por isso é possível, nas palavras de Girardi Jr., dizer que

O *habitus* é a mediação que permite ao pesquisador entender a relação dialética entre a sociedade e os indivíduos [...]. Trata-se de uma maneira por meio da qual se torna possível a superação do objetivismo e da fenomenologia pela objetivação do sujeito da ação. (GIRARDI JR, 2007, p.196)

O *habitus* produz disposições oriundas do percurso feito pelos indivíduos ao longo de suas vidas e tais disposições transmutam-se em ações. Assim, pode-se entender que, pela noção de *habitus* postulada por Pierre Bourdieu, as práticas de escrita estão condicionadas ao modo como os sujeitos sociais regularizam os usos por meio de esquemas incorporados, atualizados conforme tais sujeitos vão sendo constituídos socialmente. Essa noção exige as práticas de serem explicadas por meio de regras, mas pela “real ocupação dos espaços cotidianos” (HANKS, 2008).

Ter vistas para o real na contemporaneidade requer a percepção de como os sujeitos sociais se encontram posicionados nos diversos espaços sociais dos quais fazem parte, agindo conforme as disposições que orientam tais espaços e os interesses de adaptação às condições sociais nos diversos contextos em que as relações interativas se estabelecem. Assim, é dada aos indivíduos a possibilidade de “escolherem” os caminhos para as suas ações, enfim, constituírem seus *habitus* tanto individuais quanto coletivos, naquilo que Bourdieu (1996, p.15) define como “histórias coletivas diferentes”.

Compreendido como produto dos condicionamentos e práticas sociais, o *habitus* se apresenta como de natureza múltipla e em constante processo de adaptação a novas ações, ao mesmo tempo em que se mostra como um princípio para a unificação de aspectos característicos de uma comunidade. Há, portanto, o estabelecimento de um jogo no qual as pessoas se colocam em práticas distintas e distintivas constituídas fortemente pela linguagem. Toda essa conjuntura faz dos indivíduos seres significativos de modo que cada um vive um processo no qual estão em jogo todas as marcas adquiridas na existência, refletidas nas posições sociais ocupadas, nos espaços dos quais é parte ou não, na percepção que tem do mundo e nas formas de interagir com este mundo. A esse respeito, Bourdieu chama a atenção para o fato de que

[...] se o mundo social, com suas divisões, é algo que os agentes sociais têm a fazer, a construir, individual e sobretudo *coletivamente*, na cooperação e no conflito, resta que essas construções não se dão no vazio social, como parecem acreditar alguns etnometodólogos: a posição ocupada no espaço social [...] comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo. (BOURDIEU, 1996, p.27) (grifo do autor)

Nessa perspectiva, os indivíduos assumem um ponto de vista a partir do qual o espaço social é o espaço de representações que torna viável aos sujeitos passar de um campo a outro e experimentar diversos *habitus*. Aí está o sujeito agente, pois procura significar constantemente as suas práticas, inscrevendo-se na sociedade, na história e na cultura e nelas projetando os percursos feitos e aqueles ainda por fazer. A esse respeito, ainda segundo Bourdieu (apud LOYOLA, 2002, p.33), “[...] o todo social não se opõe ao indivíduo. Ele está presente em cada um de nós, sob a forma do *habitus*, que se implanta e se impõe a cada um de nós através da educação, da linguagem... Tudo o que somos é produto da incorporação da totalidade”.

O conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu evidencia a criatividade, as ações dos sujeitos sociais no campo onde tais sujeitos atuam. Dessa forma, na teoria da ação por ele empreendida, os homens não são submissos em relação às estruturas sociais. Para ele,

Os “sujeitos” são, de fato, agentes que atuam e que sabem, dotados de um *senso prático* [...], de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras (que são essencialmente produto da incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. O *habitus* é essa espécie de *senso prático* do que se deve fazer em dada situação [...]. (BOURDIEU, 1996, p.42)

Na perspectiva de Bourdieu, o *habitus* só é compreendido quando se considera o fato de os sujeitos sociais se encontrarem em constantes interligação e interação, mesmo na obviedade das características singulares constitutivas de cada indivíduo que o distinguem dos outros. Assim, quanto mais níveis de interligação e de interação social ocorrerem, mais *habitus* diferenciados serão manifestados de modo a possibilitar o trânsito dos sujeitos em campos também distintos, representativos de um estilo de vida comum, de um espaço estruturado de posições hierarquizadas. Sobre isso, Setton (2002, p.60) afirma que “o processo de construção dos *habitus* individuais passa a ser mediado pela coexistência de distintas instâncias produtoras de valores culturais e referências identitárias”. Daí, conforme a autora, família, escola, igreja, enfim, diversas “instâncias socializadoras” tradicionais e a mídia se constituem fortes campos para o estabelecimento de relações múltiplas nas quais os sujeitos agem conforme suas posições.

A teoria da prática bourdiesiana pressupõe o sujeito inacabado, que, ao longo de sua trajetória, internaliza disposições, as quais funcionam como princípios não conscientes de ações que, na maioria das vezes, não são previstas, ou não obedecem a regras preestabelecidas, mas que, mesmo não sendo organizadas de modo evidente, conduzem a uma finalidade. Nesse caso, em relação ao *habitus*, não há finitude espaço-temporal, mas a constante incorporação dos sujeitos em espaços cotidianos.

1.3.1 A QUESTÃO DA LINGUAGEM

As incursões de Pierre Bourdieu no campo linguístico estão longe de representarem uma unanimidade entre os linguistas. Primeiro, por levantarem a polêmica de a linguística lidar com uma noção de língua sem a devida análise sociológica, mesmo ele admitindo o conhecimento inexorável dos linguistas acerca das variações sociais da língua; segundo, por polemizar, mas não levar adiante, uma discussão na qual suas concepções pudessem ser refutadas ou validadas, ou, mais proveitosamente, compreendidas. Bourdieu declara, por exemplo, que

De fato, enquanto ignorarem o limite que é constitutivo de sua ciência, os linguistas não têm alternativa senão buscar desesperadamente na língua o que está inscrito nas relações sociais nas quais ela funciona, ou fazer, sem o perceber, sociologia, isto é, com o perigo de descobrir na própria gramática o que a sociologia espontânea do linguista importou inconscientemente para ela. (BOURDIEU, 1998, p.24)

Em *A economia das trocas linguísticas*, Bourdieu (1998) estabelece suas concepções sobre o campo linguístico, nas quais se coloca numa perspectiva não formalista em relação à linguagem, propondo que sejam consideradas as condições socioculturais como recorrentes, também, nas ações linguísticas dos indivíduos desenvolvidas na interatividade. Assim, o que Bourdieu deixa entrever é que não faz sentido entender a linguagem posicionada em dicotomias, ora no social, ora no individual, mas numa relação dinâmica contínua, numa relação dialética. Nesse aspecto são os sujeitos sociais que significam os usos da linguagem não por intermédio de regras, mas pelos *habitus* orientadores da ação verbal em contextos de produção e de recepção.

De acordo com Bourdieu (1998), as interações da vida cotidiana impõem o estabelecimento de um consenso entre atores sociais por meio de um sistema econômico de

negociações e trocas de bens simbólicos. Forma-se assim um mercado em que são atribuídos valores a esses bens segundo a própria lógica de um mercado econômico, ou seja, as possibilidades de lucro, a raridade do produto e a demanda por ele são alguns dos fatores determinantes para a instituição dos preços. Para Bourdieu, essa lógica é extensiva aos usos que se fazem da língua, uma vez que

“constituição de um mercado linguístico cria as condições de uma concorrência objetiva na qual e pela qual a competência legítima pode funcionar como capital linguístico produzindo um *lucro de distinção* por ocasião de cada troca social” (BOURDIEU, 1998, p.42) (grifo do autor).

Os sujeitos adquirem, dessa forma, um certo capital linguístico a depender do que sua posição na estrutura social lhe possibilite para ter acesso a esse bem simbólico de consumo que é a língua legitimada enquanto produto de uma dominação política e reproduzida institucionalmente.

Nesse aspecto, o reconhecimento da autoridade linguística resulta mais de uma via externa à questão da língua. É muitas vezes a importância atribuída às qualidades do sujeito que tornam seus usos linguísticos validados na lógica peculiar das relações entre membros do grupo ao qual pertence, ou seja, institui-se, conforme Bourdieu (1998) assinala, um mercado linguístico no qual o capital circulante é produto das condições sociais que se apresentam, atribuindo-lhe um valor simbólico e definindo-lhe a aceitabilidade. E é nesse ponto que o *habitus* linguístico se evidencia como determinante, já que os usos são aceitáveis ou não a depender de como os indivíduos orientam suas ações linguísticas por meio de disposições incorporadas, de *habitus*, no decorrer de suas vidas e refletidas nos campos sociais onde interagem. Como evidencia Bourdieu,

[...] a competência, adquirida no contexto pela prática, comporta, de modo inarredável, o domínio prático de um uso da língua e o domínio prático das situações nas quais esse uso da língua é socialmente aceitável. O sentido do valor de seus próprios produtos linguísticos constitui uma dimensão fundamental no sentido do lugar ocupado no espaço social [...]. (BOURDIEU, 1998, p.70)

A linguagem como ação e interação, como fenômeno social, revela as relações entre a língua, a ação verbal e o mundo do qual os indivíduos usuários desta língua fazem parte. Isto implica uma perspectiva processual, na qual a língua se constrói em práticas cotidianas e, assim sendo, está sempre circunscrita no plano do inacabado. Ao se relacionar, portanto, o conceito de *habitus* à questão linguística, interessa mais o *modus operandi* da língua para que se observe como os sujeitos se incorporam ao social “por meio de usos, disposições para agir

de formas específicas, e esquemas de percepção que regulam as perspectivas individuais ao longo de eixos socialmente definidos (BOURDIEU, 1998, p.36)”.

O conceito de *habitus* aplicado à linguagem evidencia o fato de não haver independência entre os indivíduos e os contextos, o que faz com que os usos linguísticos sejam atualizados à medida que ocorrem as interações nas diversas organizações sociais às quais todos estão sujeitos, seja por meio de posições e papéis, seja pelo processo histórico constituinte dessas posições e papéis. Segundo Bourdieu (In: ORTIZ, 1983, p.177-178), o *habitus* linguístico “é uma expressão da posição (sincrônica e dicronicamente definida) na estrutura social”. Dessa configuração, emerge a concepção de *campo*⁴, tão cara à noção de *habitus*. Para Hanks (2008, p.44), “do ponto de vista da ação, qualquer campo é um espaço de possibilidades estratégicas no qual os atores possuem trajetórias em potencial e cursos de ação”. A linguagem é então um instrumento para ocupação de posições em campos sociais.

Cada campo social está constituído de valores a serem moldados nos e pelos indivíduos de modo a assumirem posições e formas discursivas oriundas dessas posições. Dessa maneira, descrever os usos linguísticos de uma comunidade é ter vistas para tudo o que está em jogo: os valores, as posições sociais, a historicidade da ocupação de tais posições, os *habitus* dentro de determinados campos. E, em se tratando de jogo, os usos linguísticos envolvem disputa pela ocupação das posições, crenças, interesses, escolhas e expectativas em relação às posições.

A noção de campo empreendida por Bourdieu ilustra bem sua visão de sociedade e serve de instrumento para uma compreensão do que ocorre no Baldez em relação aos usos da escrita, conforme descrito anteriormente. São os campos que determinam a lógica relacional que envolve os indivíduos. Segundo Loyola, analisando o conceito bourdiesiano de campo,

[...] nenhuma ação (ou produto) – seja um enunciado, uma criação estética ou uma tomada de posição política – pode ser diretamente relacionada à posição social de seus autores, pois esta é sempre retraduzida em função das regras específicas do campo no interior do qual foi construída. Como um prisma, todo campo refrata as forças externas, em função de sua estrutura interna. (LOYOLA, 2002, p.67)

Ao se considerar o campo como espaço de relações moventes, que expõe os indivíduos a certas condições sociais, é possível perceber como se constituem os *habitus* e como estes são revelados na e pela linguagem, à medida que conhecimentos práticos são adquiridos de

⁴ Para Bourdieu, o *campo* se refere ao espaço social de dominação e de conflitos; o indivíduo age (ou joga) segundo sua posição neste espaço delimitado, que possui regras próprias de organização. (BOURDIEU, 1998)

modo a permitir aos sujeitos agirem linguisticamente dentro de uma configuração social. Loyola (2002, p.69) diz ainda que “o *habitus* é um operador de racionalidade, mas de uma racionalidade prática, inerente a um sistema histórico de relações sociais; assim transcende o indivíduo. O *habitus* é criador, inventivo, mas nos limites de suas estruturas”. Pelo *habitus*, o indivíduo tanto se situa num universo linguístico particular, quanto tem inscrito em si um universo linguístico coletivo, que lhe possibilita agir linguisticamente em situações diferenciadas, em razão de ter adquirido disposições, esquemas, em práticas anteriores variáveis em função do tempo, do lugar e das relações sociais estabelecidas.

O poder representado pela língua é descrito por Bourdieu (1998) como sendo simbólico e cujo exercício está diretamente relacionado à aquiescência dos usuários da língua, tanto do ponto de vista dos que a ele se submetem, quanto da parte daqueles que o executam. São os usos que definem as posições de uns e outros, categorizadas conforme os indivíduos se movem nas estruturas sociais. São as práticas linguísticas que fazem emergir as relações de poder nas diversas situações interativas dentro das quais os sujeitos estão inclinados a se ajustarem, mesmo que inconscientemente, às exigências dos campos sociais. Em tais campos, os usos linguísticos são permeados de valores, atribuídos de acordo às posições ocupadas, de modo a estabelecer quem está autorizado a produzir certos discursos dentro de critérios específicos de cada campo. É o caso, por exemplo, de um sujeito que, enquanto líder comunitário, tem agregado à sua produção escrita o valor da posição que ocupa, evidenciando-a não por sua competência linguística⁵ propriamente dita, mas pela percepção dos sujeitos com os quais interage acerca da hierarquia estabelecida pelas relações sociais nessa esfera de atuação comunitária.

Então, o que se pretende mostrar, neste trabalho, no tocante à questão do *habitus*, é exatamente como as práticas de escrita da comunidade do Baldez ocorrem a partir de como seus membros revelam os usos e percepções da escrita. Dessa forma, quando confrontadas as entrevistas com os diários de campo e os escritos dos moradores do bairro, acredita-se ser possível perceber o quanto estes escritos estão impregnados de marcas sociais, históricas e culturais que foram sendo adquiridas pelas pessoas e que se revelam conforme a oportunidade e as relações de poder local. Segundo Bourdieu,

⁵ Na concepção de Bourdieu (1998, p.57), “a competência linguística constitui não tanto uma simples capacidade técnica, mas uma capacidade estatutária que se faz acompanhar frequentemente pela capacidade técnica [...]. A competência legítima é a capacidade estatutariamente reconhecida a uma pessoa autorizada, uma “autoridade”, de empregar [...] a língua autorizada que tem autoridade, fala autorizada e digna de crédito, ou numa palavra, *performativa* [...]. (grifo do autor)

Tudo leva a crer que as instruções mais determinantes para a construção do *habitus* se transmitem sem passar pela linguagem e pela consciência, através de sugestões inscritas nos aspectos aparentemente mais *insignificantes* das coisas, situações ou práticas da existência comum. Logo, a modalidade das práticas, as maneiras de olhar, de se apurar, de ficar em silêncio, ou mesmo de falar (“olhares desaprovadores”, “tons”, ou “ares de censura” etc), são *carregadas* de injunções tão poderosas e tão difíceis de revogar por serem silenciosas e insidiosas, insistentes e insinuantes. (BOURDIEU, 1998, p.38) (grifos do autor).

Quando tomados para estudo os usos sociais que uma dada comunidade faz da escrita, é possível perceber as peças componentes do jogo, incorporadas a um sistema hierárquico constituído de relações de poder que também fazem parte da língua. Vale mais no jogo tudo o que está legitimado e autorizado. As relações de poder são assim incorporadas aos usos da língua que tem em seus usuários a aquiescência para a difusão de tais relações. Daí decorre então a junção daquilo que Bourdieu (1998) denomina “disposições socialmente modeladas”, *habitus* linguístico”, “capacidade social” para usos da língua em determinadas situações e as “estruturas do mercado linguístico” que regularizam os usos.

É importante ressaltar o fato de todo esse processo de constituição de *habitus* e usos da linguagem ser algo legitimado nos indivíduos ao longo do tempo, de modo a tornar imperceptível o sistema determinante e distintivo das relações de poder. A dinâmica das práticas cotidianas impõe aos sujeitos tomarem lugar dentro de campos, sem que haja consciência da sistematicidade dessas práticas. Cria-se assim o efeito de que os usos linguísticos são regulados por regras e não pelo “valor de mercado” a que estes usos estão submetidos. Assim, conforme Bourdieu (1998, p.38-39), “o poder de sugestão exercido através das coisas e das pessoas é a condição de eficácia de todas as espécies de poder simbólico capazes de se exercerem em seguida sobre um *habitus* predisposto a senti-las”. Tal predisposição não implica uma simples adesão, na verdade os indivíduos tendem a passar por um processo de ajustamento aos determinismos sociais, muitos deles despercebidos pela consciência.

Hanks (2008, p.55) afirma que “em uma explicação mais exata, tal como Bourdieu a vê, o que é valorizado é o que atende às demandas do campo, assim como o produtor mais eficaz é aquele que está melhor sintonizado ao campo”. Por meio desse raciocínio, os usos linguísticos estão condicionados principalmente às legitimações do meio social, às convenções estabelecidas e herdadas. No caso da comunidade do Baldez, o grau de escolaridade, por exemplo, poderá não ser o fator determinante para autorizar quem pode ou

não escrever em nome da comunidade; antes, a posição que os sujeitos ocupam dentro dos diversos campos coexistentes na comunidade.

Os atos linguísticos dos sujeitos são revestidos de poder em função de um contexto que os abrigue e no qual seja possível lançar mão de uma autoridade adquirida ou atribuída. Daí o *habitus* linguístico se orienta pela exterioridade das condições sociais e pela subjetividade dos indivíduos, funcionando como princípio mediador entre indivíduo e sociedade nas diversas situações. Pensado dessa maneira, o *habitus* linguístico não compõe padrões, mas se flexibiliza de acordo com as demandas dos campos, portanto uma linguagem em constante processo de configuração em ações cotidianas. E, como essas ações estão condicionadas à transitoriedade dos papéis e posições, tão característica do mundo moderno, o *habitus* linguístico muitas vezes se apresenta amplo, conferindo aos indivíduos mais possibilidades de ação e constituição de identidades. Essas considerações se ratificam em Setton, ao especificar *habitus* como

[...] um sistema flexível de disposição, não apenas visto como sedimentação de um passado incorporado em instituições sociais tradicionais, mas um sistema de esquemas em construção, em constante adaptação aos estímulos do mundo moderno; *habitus* como produto de relações dialéticas entre uma exterioridade e uma interioridade; *habitus* visto de uma perspectiva relacional e processual de análise, capaz de apreender a relação entre indivíduo e sociedade, ambos em processo de transformação. (SETTON, 2002, p.69)

As práticas de linguagem estruturam relações e são por elas estruturadas; ao tempo em que inscrevem, também incorporam histórias sociais que fornecem possibilidades de usos da língua constantemente atualizadas nas interações dos sujeitos e acionadas quando a ocasião determina. Daí Bourdieu (1998, p. 28) chamar a atenção para o fato de que “a linguagem é o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são ilimitadas” e, só a partir dessa percepção, é possível compreender os efeitos que ela produz dentro dos campos sociais, dentro das condições materiais da vida cotidiana.

2 O OLHAR ETNOGRÁFICO: *IN VIVO X IN VITRO*

Quando se fala em etnografia, geralmente, os primeiros trabalhos dizem respeito a uma certa aura de pioneirismo, desbravamento, e são marcadas fortemente por concepções antropológicas. Isso provoca, muitas vezes, numa audiência um pouco desatenta, um sentido de aventura, de experiência de contato com culturas distintas e distantes. Entretanto, “aventurar-se” na e pela etnografia exige do pesquisador muito mais que um lançar-se em campo à cata de dados.

Magnani, sobre etnografia, assinala:

[...] não se confunde nem se reduz a uma técnica, pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ela é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. (MAGNANI, 2002, p.17)

Realizar um estudo etnográfico pode parecer, logo em primeira instância, colocar-se entre o objetivo de apreensão de uma realidade sócio-cultural como esta se apresenta e, de modo paradoxal, expor essa representação como produto de um processo interpretativo do investigador e, por isso, inevitavelmente marcada por certa subjetividade. Entretanto, aquilo que poderia significar um fator de “purificação” ou de distorção ao se apreenderem e analisarem os dados acaba por se constituir num forte instrumento de controle e avaliação entre a realidade e sua interpretação, entre o objeto de pesquisa e pesquisador, este mesmo também objeto, já que termina por se incluir na realidade observada. Essa situação, na verdade, proporciona uma perspectiva crítica acerca dos fatos observados e tende a descortinar algumas concepções arraigadas a determinados grupos sociais e suas práticas cotidianas. Para Geertz,

[...] é possível relatar subjetividades alheias sem recorrer a pretensas capacidades extraordinárias para obliterar o próprio ego e para entender os sentimentos de outros seres humanos. Possuir e desenvolver capacidades normais para estas atividades é, obviamente, essencial, se temos esperança de conseguir que as pessoas tolerem nossa intrusão em suas vidas ou de que nos aceitem como seres com quem vale a pena conversar. (GEERTZ, 2007, p.106-107)

O fato de exigir um envolvimento direto com o objeto pesquisado, através de procedimentos que visam a não deixar escapar detalhes que possam se tornar relevantes, faz da etnografia não somente um método, mas um consistente aporte teórico para a compreensão

de fenômenos sociais. Além disso, deve ser considerado o constante refletir do pesquisador sobre sua postura de, ao mesmo tempo, inserir-se no universo pesquisado e dele manter distanciamento. A subjetividade parece estar, a todo momento, sendo colocada à prova de forma a intervir o mínimo possível nos resultados.

Normalmente, os pesquisadores se munem de teorias para confrontá-las ou aplicá-las em dados da realidade posteriormente coletados. Na perspectiva etnográfica, a inversão é perfeitamente possível, o contato com o real e o registro sistemático e disciplinado do que dele se depreende é que vão estabelecer os caminhos a serem percorridos, assim mesmo, no plural, porque pontos de vista se multiplicam, a depender de como os dados são selecionados e interpretados, com o cuidado de não se conduzir ao risco de fechá-los em apenas “como foram vistos” e não em “como são”. A esse respeito, Geertz, referindo-se às três sociedades que estudou (javanesa, balinesa e marroquina), assim se manifesta:

[...] tive como um dos meus objetivos principais tentar identificar como as pessoas que vivem nessas sociedades se definem como pessoas, ou seja, de que se compõe a ideia que elas têm [...] do que é um “eu” no estilo javanês, balinês ou marroquino. E, em cada um dos casos, tentei chegar a esta noção tão profundamente íntima, não imaginando ser uma outra pessoa [...] para depois descobrir o que este pensaria, mas sim procurando, e depois analisando as formas simbólicas – palavras, imagens, instituições, comportamentos – em cujos termos as pessoas realmente se representam para si mesmas e para os outros, em cada um desses lugares. (GEERTZ, 2007, p.89-90)

A abordagem etnográfica adotada neste trabalho é de caráter dinâmico, de aprendizado mútuo entre as partes envolvidas, pois, como aponta Triviños,

A participação do investigador como etnógrafo envolve-o na vida da própria comunidade com todas suas coisas essenciais e acidentais. [...] sua atividade, sem dúvida alguma, está marcada por seus traços culturais peculiares, e sua interpretação e busca e significados da realidade que investiga não pode fugir às suas próprias concepções do homem e do mundo. O valor científico de seus achados, porém, dependerá, fundamentalmente, do modo como faz a descrição da cultura que observa e que está tratando de viver em significados. (TRIVIÑOS, 1987, p.121)

Heath (1983) chama a atenção para o fato de a compreensão de fenômenos sociais por uma abordagem etnográfica não ser uma tarefa fácil. Para ela, tal abordagem envolve um constante debruçar-se sobre a realidade para além de uma simples descrição, mas pela interação com uma diversidade de práticas existentes num grupo social, procedimento que evitaria o risco de um senso comum. Em relação específica com seus estudos sobre práticas e eventos de escrita em comunidades norte-americanas, Heath considera ser possível, somente pela meticulosa investigação etnográfica, avançar no entendimento de padrões culturais de usos da linguagem oral e escrita.

Dizer de uma dada realidade que ela é apenas especial incorre em particularizá-la em relação às outras e muitas vezes tomá-la como parâmetro para se pensar sobre as demais. Assim, ao invés de compreendê-la como especial, mais adequado é tratá-la como complexa e buscar conhecê-la como tal, dentro dos aspectos que lhe constituem. Por isso, Geertz lembra que

[...] aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo. Para um etnógrafo, remexendo na maquinaria de ideias passadas, as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros. Pode-se, é claro, obscurecer esta realidade [...]. Mas não podemos fazer com que simplesmente desapareça. (GEERTZ, 2007, p.11)

Com isto, não se buscou fazer dos usos e práticas que a comunidade do Baldez faz da escrita uma realidade especial, mas entender a complexidade de tais usos e práticas ali situados e que, de alguma forma, são significativos para esse grupo social. Daí a conveniência de uma abordagem *in vivo*, sendo, portanto, imprescindível ir a campo à procura de informações representativas acerca das ações do grupo em torno da escrita. Entretanto, na perspectiva etnográfica, não basta estar no local para apreender sua realidade, é necessário participar diretamente, dentro do possível, dos modos de vida dos sujeitos observados a partir das diferentes situações que venham a se apresentar. A abordagem etnográfica não se constitui um arranjo de natureza experimental, não sendo assim uma observação *in vitro*. Ela se define pela dinâmica dos sujeitos em seu ambiente natural, captada por alguém que precisa se posicionar “de dentro” das situações, mesmo delas não sendo parte, mas com elas estabelecendo interações e partilhando experiências. Desse ponto de vista, é possível captar uma simbologia implícita nas ações dos indivíduos.

Ao se considerar o Baldez como uma unidade social representativa para estudo, é importante para o trabalho uma abordagem etnográfica de base qualitativa, já que a investigação recai sobre a significação da escrita enquanto usos sociais a partir das situações nas quais se manifesta. Conforme Triviños (1987), a etnografia proporciona uma forte aproximação do pesquisador com o grupo estudado, de modo a ser possível compreender melhor a sua realidade, inclusive partilhando significados entre si, o que não invalida uma ação “disciplinada, orientada por princípios e estratégias gerais”.

Outro aspecto relevante para o olhar etnográfico diz respeito aos dados coletados não se encontrarem prontos, à espera da perspicácia do investigador. Eles são extremamente dinâmicos, móveis, na mesma proporção que o é a vida em sociedade, por conta das ações múltiplas dos sujeitos e das diversas interações estabelecidas no cotidiano. Essa constatação

exige do pesquisador diferentes posturas a depender de como a situação se apresenta: ora naturalmente integrado a alguma atividade; ora limitado pela diferença de costumes e, muitas vezes, distanciado pela razão óbvia de não ser parte do grupo observado. Entretanto é preciso estar consciente do risco de ser tomado por uma sensação de autoconfiança que ofusca o pesquisador e o faz considerar-se tão entrosado ao grupo investigado a ponto de julgar que os sujeitos sequer desconfiam de serem objeto de observação e que, então, a captação dos dados se dará com certa fluidez. É o que Geertz (2007, p.85) denomina de “o mito do pesquisador de campo semicamaleão, que se adapta perfeitamente ao ambiente exótico que o rodeia, um milagre ambulante em empatia, tato, paciência e cosmopolitismo [...]”.

A investigação etnográfica é um processo de descobertas iminentes, no qual o entendimento de um fenômeno evolui no transcorrer das observações por meio do constante exercício de interpretação. Nesse caso, embora a teoria seja imprescindível à interpretação, a abordagem etnográfica não se deixa guiar exclusivamente por ela, antes pela compreensão de cada situação apresentada na perspectiva dos envolvidos. Essa particularidade dos estudos etnográficos provoca críticas quanto ao que equivocadamente se toma como ausência de rigor científico, ou se limitam tais estudos a uma técnica de coleta de dados, sem se considerarem as implicações teóricas específicas de investigações dessa natureza, a saber, por exemplo, munir-se de teorias relativas a um campo disciplinar e se deparar com uma realidade que apresenta outros desafios para ser entendida e interpretada. Depreende-se, então, não ser a abordagem etnográfica um mecanismo de utilização de dados para esclarecimento ou ratificação de algum ponto de vista teórico; há sempre dados apontando para novos indícios e possibilitando perspectivas diversas.

Numa reunião da associação de moradores da comunidade do Baldez, quando da comunicação de que a pesquisadora faria entrevistas para resgatar a história do bairro, uma jovem se manifestou, em tom de brincadeira, alertando que a pesquisadora haveria de ter o cuidado de não se assemelhar a *Antônio Biá*, personagem do filme *Narradores de Javé*⁶ (2004), pois este distorcia os depoimentos dos moradores do povoado de Javé e não retratava as pessoas e suas histórias como realmente eram. Em palavras simples e certamente não

⁶ Filme que retrata a situação de Javé, povoado ameaçado de extinção por conta da construção de uma hidrelétrica. Seus moradores se unem para reconstruir a história do povoado através de depoimentos por eles dados a Antônio Biá, sujeito de índole duvidosa, que se aproveita da situação para distorcer os casos contados, já que, a princípio, não está nem um pouco disposto para a empreitada, mas se vê forçado a ela. *Narradores de Javé* (2004) é um filme com José Dumont, Nelson Dantas e Nelson Xavier, dirigido por Eliane Caffé.

intencionais, chamava a atenção para uma etnografia que se aproximasse do “como são” e não a do “como serão vistos”. Segundo Geertz,

[...] seja qual for nossa compreensão – correta ou semicorreta – daquilo que nossos informantes, por assim dizer, *realmente* são, esta não depende de que tenhamos, nós mesmos, a experiência ou a sensação de estar sendo aceitos, pois esta sensação tem que ver com nossa própria biografia, não com a deles. Porém, a compreensão depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão, aquilo que chamo de sistemas simbólicos, e o sermos aceitos contribui para o desenvolvimento desta habilidade. (GEERTZ, 2007, p.107) (Grifo do autor)

Numa situação dessas, emerge a complicadora questão da ética, porque não é simples chegar a uma comunidade, praticamente tornar-se parte dela, com todas as implicações que isso possa acarretar, e fazê-la objeto de estudo sem que as verdadeiras intenções sejam reveladas, em nome de um fazer científico, ou, como nas palavras de Cesar,

[...] afinal, é lícito ser recebido numa comunidade, compartilhar de momentos significativos da sua história, abusar do seu tempo, fazer amigos, retornar para nossa casa e aí transformá-los no nosso “objeto de estudo”, como se fossem “alguma coisa” – inteira, estática, parada no tempo? E o pior: ir falar para outros, sem que os próprios “pesquisados” saibam, pelo menos, o que você tem a dizer? (CESAR, 2006, p22)

De que forma proceder, então? A tal indagação parece não se vislumbrar resposta, nem no momento, nem em horizontes mais distantes. O fato é que tudo o que puder ser feito com vistas ao benefício dos indivíduos pesquisados, ao menos minimizará os efeitos de uma apropriação cujos ecos atingem, a depender da consciência ética que tenha, muito mais o pesquisador do que propriamente seu objeto de estudo.

Conforme exposto, o trabalho etnográfico requer um grande esforço e simultâneo repensar sobre o tipo de empreendimento adotado e sobre os objetivos que com ele serão possíveis alcançar. Na busca pelos significados de práticas para as pessoas, dentro de uma dada realidade social e histórica, deve-se cuidar para não serem artificializadas as situações de interação e, como consequência, a interpretação ser prejudicada. Para uma pesquisa qualitativa, o processo é tão importante quanto o produto. No caso desse trabalho, não se trata de especulações, mas de uma tentativa de explicitação do real sociolinguístico de uma comunidade através de sua relação com a escrita, sendo imprescindível para isso que pesquisadora e pesquisados compartilhem experiências e modos de vida.

O fazer etnográfico não é tão simples quanto possa parecer, os dados não se encontram facilmente à disposição de quem os colha. Nem tudo dá certo ou é tão evidente, por isso a persistência, a busca de rigor nas observações, a combinação de diferentes modos de chegar aos dados e o controle dos limites do envolvimento com os sujeitos pesquisados para

possibilitar a escolha teórica e verificação mais precisa dos significados das ações dos sujeitos em relação à escrita em seus contextos particulares de ocorrência.

2.1 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS

De modo geral, foram sistematizadas para este trabalho dez entrevistas, seis observações em reuniões de grupo, cinco participações em campanhas e eventos comemorativos, mais as incontáveis visitas e passagens informais pela comunidade, apenas oito delas registradas em diário de campo em função da presença de dados relevantes à pesquisa.

Os dados coletados são produto de entrevistas gravadas em áudio, registros fotográficos, diários de campo, estes fundamentais para o registro de participação em alguns eventos da comunidade, de visitas informais, além da própria produção escrita dos sujeitos, quando acessível ou disponibilizada para coleta.

As entrevistas aconteciam tendo como tema pré-estabelecido a história do bairro, mas avançava para outros temas, a exemplo das práticas religiosas, de lazer, sobre família e comunidade, já que a escrita se inscreve em outras práticas que podem revelar algo sobre seus usos e representação mantidos pelos sujeitos. Sobre esse ponto em especial, a condução das entrevistas foi constantemente revista como forma de avaliar até que ponto elas colaboravam para os objetivos traçados, ou faziam emergir questionamentos de outra natureza sobre o objeto estudado. Cada sujeito se apresentava na sua singularidade e, assim sendo, cada entrevista tomava rumos distintos até que fosse possível mencionar a respeito da escrita e os sujeitos estivessem naturalmente e voluntariamente inclinados a comentar sobre seus usos e práticas. De modo geral, quanto mais entrevistas iam sendo realizadas e quanto mais informal era o ambiente dos encontros, os dados passavam a emergir com mais naturalidade dos depoimentos. Além disso, segundo Goldenberg (1997, p. 47), “observações numerosas feitas durante um longo período de tempo ajudam o pesquisador a se proteger contra o seu *bias*⁷, consciente ou inconsciente, contra ‘ver apenas o que quer’”. Nas palavras de Goldenberg,

⁷ De acordo à autora, o termo vem do inglês, é empregado entre os cientistas sociais e “Pode ser traduzido como viés, parcialidade, preconceito” (GOLDENBERG, 1997, p. 44).

[...] o pesquisador deve buscar o que Pierre Bourdieu chama de *objetivação*: o esforço controlado de conter a subjetividade. Trata-se de um esforço porque não é possível realizá-lo plenamente, mas é essencial conservar-se esta meta, para não fazer do objeto construído um objeto inventado. [...] Quanto mais o pesquisador tem consciência de suas preferências pessoais mais é capaz de evitar o *bias*, muito mais do que aquele que trabalha com a ilusão de ser orientado por considerações científicas. (GOLDENBERG, 1997, p.45) (grifos da autora)

As entrevistas e visitas destinadas ao trabalho começaram a ser feitas ainda no primeiro semestre de 2008 e se estenderam ao início do segundo semestre de 2009, sendo que cada registro em áudio contém cerca de no mínimo 60 minutos de gravação. Todas elas foram transcritas para que seu registro não ficasse apenas em áudio. Para isso, por conta do tempo e dos interesses da pesquisa, não foi utilizada nenhuma técnica específica de transcrição, apenas foi realizada uma transposição do oral para o escrito como forma de possibilitar a leitura das informações.

Foram escolhidos sujeitos com tempo de moradia na comunidade superior a 15 anos, de modo a serem contempladas as práticas de escrita na perspectiva dos sujeitos mais velhos e a possibilidade de influência de tais práticas para os mais jovens. Assim, os indivíduos entrevistados e observados estão distribuídos em duas faixas etárias nas quais se consideram como mais jovens aqueles com idade entre 22 e 34 anos, e mais velhos os que têm entre 58 e 74 anos.

Para cada entrevista realizada, foi feito um diário de campo no qual se buscou registrar informações relativas às ações e reações dos entrevistados, aos aspectos ambientais que escapavam aos instrumentos tecnológicos. Da mesma forma, também foram registradas em diário as participações em eventos da comunidade.

Os registros fotográficos compreendem imagens de cartazes, avisos e mensagens afixadas em salas de reuniões, tanto dos grupos de trabalho da igreja local, quanto de reuniões da associação de moradores que, por falta de uma sede própria, utiliza os mesmos espaços destinados às atividades religiosas.

À medida que os encontros foram se intensificando e as entrevistas ocorrendo, os membros da comunidade demonstravam querer envolver a pesquisadora nas atividades dos grupos, principalmente em questões que requeriam certas habilidades formais com a língua ou ao solicitarem ajuda nas diversas campanhas por eles desenvolvidas. Desse ponto em diante, a comunidade passou a anunciar seus encontros e a fazer convites à pesquisadora de modo a viabilizar observações em contextos vários e com certo grau de relaxamento em relação à presença de alguém de fora. Esses momentos foram bastante significativos para se perceber

como a escrita circula na comunidade, a que serve, como se apresenta e o que representa para aquelas pessoas.

Conforme assinalado em outros momentos, tão importante quanto as entrevistas, os diários de campo ou os registros fotográficos, é a própria produção escrita em circulação na comunidade. Não basta querer saber sobre a escrita, é preciso ter acesso à sua materialização, aos textos propriamente ditos, estes sim provas concretas das observações empreendidas em todos os procedimentos citados. Esses textos não poderiam advir de uma solicitação direta, fato que provavelmente tenderia a uma artificialização dos dados ou, de forma mais radical, à negação de acesso aos escritos. Assim, sua coleta representou um dos pontos mais delicados de todo o processo de coleta de dados, cujas explicações compõem um item à parte.

Desse modo, a investigação se faz acerca dos textos escritos que circulam no bairro; das características socioculturais dos sujeitos e os padrões de uso da escrita do local; das situações de interação verbal em que as manifestações escritas são realizadas; da posição social de poder; dos gêneros textuais, aqui entendidos como textos encontrados no cotidiano, com características sociocomunicativas definidas a partir da composição, dos objetivos enunciativos e do estilo em realizações concretas, histórica e socialmente situadas.

2.2 PESQUISA DE CAMPO: UM CAMINHO E SEUS OBSTÁCULOS

Por representar uma imersão no universo sociocultural do outro, emerge do estudo etnográfico uma série de situações conflitantes que vão desde a questão do tempo para sua realização, as dificuldades na coleta dos dados, a própria relação com eles, passando pelo controle da subjetividade, até a interpretação do silêncio e das hesitações. Cada um desses fatores, somados a outros de natureza operacional como a escolha adequada dos vieses temáticos pelos quais cada entrevista, por exemplo, deveria ocorrer para melhor captação dos dados sobre a escrita, constituiu-se num contraponto à ideia romantizada acerca da abordagem etnográfica. Muitas vezes vista apenas como método de observação, essa perspectiva de estudo vai além da percepção de impressões sobre uma realidade com vistas a se produzir uma amostragem social. Trata-se de uma experiência na qual o referido universo sociocultural dos sujeitos observados se comunica, dialoga ou se confronta com o universo do pesquisador, principalmente no tocante às opções teóricas que este faz.

Um dos primeiros desafios a se apresentar para este trabalho foi lidar com o fator tempo, pois, quando se faz uma pesquisa de campo, a necessidade imediata se constitui numa tentativa de captar todas as informações possíveis e, para isso, é também preciso disponibilizar-se consideravelmente às idas a campo. A pesquisa na comunidade do Baldez, quanto a esse aspecto, não foi diferente, o que requereu conciliar, nem sempre livres de tensão, os momentos de coleta, as transcrições das entrevistas, a sistematização e uma prévia interpretação dos dados e, como num ciclo, o retorno a campo para a confirmação de hipóteses e consequente reestruturação da interpretação.

A coleta dos dados compõe uma dificuldade singular, já que as informações sobre os usos e práticas da escrita não surgiam de forma tão simples e muitas vezes não se mostravam tão aparentes. Questionar os sujeitos de modo direto era perder de vista a realidade e veracidade dos dados, pois havia uma tendência de os sujeitos ocultarem informações, motivados por uma visão institucionalizada e legitimada do conceito de escrita disseminado socialmente como ideal. Isso fez com que cada entrevista se estendesse, enveredando por outros assuntos, até que fosse possível inserir a questão da escrita sem provocar hesitações. Sobre isso é importante ressaltar que alguns entrevistados nada disseram em relação à escrita, inclusive alguns eram taxativos ao admitirem não usá-la, apesar de, em outras ocasiões, serem coletados materiais escritos que denunciavam os usos por essas mesmas pessoas. Esse comportamento remonta às palavras de Goffman que servem de alerta para o que é confessado nas entrevistas. Assim diz:

A expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividade significativa: a expressão que ele transmite e a que ele emite. A primeira abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos, que ele usa propositadamente e tão-só para veicular a informação que ele e os outros sabem estar ligadas a esses símbolos. [...] A segunda inclui uma ampla gama de ações, que os outros podem considerar sintomáticas do ator, deduzindo-se que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação assim transmitida.⁸ (GOFFMAN, 2007, p.12)

⁸ Erving Goffman considera ser possível estudar a vida social dentro dos limites físicos mais restritos como forma de captar como os indivíduos descrevem a si mesmos e as suas práticas cotidianas para constituir uma imagem própria. Para isso, Goffman se vale da representação teatral para explicitar que os sujeitos, como se estivessem num palco, apresentam sua realidade sob a forma de personagens que se utilizam de máscaras. Essas máscaras auxiliam os “atores” no controle da impressão que fazem de si mesmos, assim como daquela transmitida aos demais. É importante considerar esses aspecto para uma observação mais atenta das ações empreendidas pelos sujeitos observados no que Goffman (2007, p.17) define como um “palco para um tipo de jogo de informação, um ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas”. A observação atenta, de certo, pode revelar alguns aspectos manipulados, algo que escapa ao controle dos indivíduos, mas que referencia valores e modos de vida.

Outro aspecto referente à coleta diz respeito aos imprevistos causados por uma diversidade de fatores, a exemplo de falha nos equipamentos utilizados, ausência de alguns deles em momentos estratégicos, assim como condições ambientais e presença de indivíduos alheios aos objetivos do trabalho e que, por conta disso, acabaram comprometendo a coleta, obrigando a pesquisadora, em algumas situações, a retomá-la em outras ocasiões. Desses imprevistos, destacam-se certas situações que fazem compreender a inviabilidade de algumas entrevistas. Uma delas foi ao entrevistar um dos moradores mais antigos. A pesquisadora notou por parte dele uma atenção incômoda ao pequeno aparelho de gravação e, ao tentar minimizar essa dispersão colocando-o sob uma agenda, acabou por desligar o equipamento, fato só percebido ao término da entrevista cuja duração foi de mais de sessenta minutos. Outro imprevisto foi numa gravação de uma das reuniões de membros da igreja para preparação da festa do padroeiro e, nessa ocasião, o aparelho de MP3 apresentou problemas de modo a não ser possível registrar em áudio as discussões.

Em relação às condições ambientais, ocorreu, numa entrevista, uma forte chuva, tornando a conversa entrecortada por constantes mudanças de lugar, pois, sob um telhado bastante perfurado, a sala, onde estavam pesquisadora e entrevistada, ficou tomada pela água. Quanto à presença de sujeitos alheios à pesquisa, aconteceu de alguém estar sendo entrevistado e chegar outra pessoa de outro bairro ou cidade e tomar parte no depoimento por vezes se sobrepondo ao entrevistado; em outra situação, como era período de eleições municipais, e notadamente por se tratar de uma cidade pequena onde as campanhas políticas são levadas a extremos, um rapaz comentou com um dos entrevistados que ele tivesse cautela, pois a pesquisadora poderia estar a serviço de certo candidato a prefeito, comentário que provocou no entrevistado um depoimento quase monossilábico e sem valia para os objetivos desse trabalho.

A relação estabelecida com os dados após algum esforço para coletá-los requer uma avaliação e confronto por parte do pesquisador acerca de suas reais necessidades para a análise e interpretação. As dificuldades de acesso às informações tendem a torná-las todas relevantes e a fazer com que a investigação tente dar conta de todas elas nos diversos aspectos que as envolvem. Essa situação exige melhor discernimento ao se determinar a representatividade dos dados para um estudo etnográfico de base qualitativa, que, de acordo com Goldenberg (1997, p. 50), “está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a ‘descrição densa’ dos fenômenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica”. Assim dito, reconheceu-se que os dados coletados sobre os usos e práticas de escrita na comunidade do Baldez, em muitas ocasiões,

extrapolam os aspectos eleitos para interpretação, incluem outras especificidades que numa única pesquisa seria inviável abordar.

O contato intenso com as pessoas da comunidade, as próprias concepções de mundo e expectativas particulares da pesquisadora representaram um constante estado de alerta para não se constituírem interferências indevidas em todo o processo da pesquisa. Na verdade, as diferentes maneiras de observar os sujeitos em seus contextos de práticas acabam por fornecer aos dados e à sua análise um complexo mecanismo de controle que limita as influências de uma manipulação excessivamente subjetiva e comprometedora no processo de interpretação e apresentação do estudo. O cruzamento de informações sobre usos e práticas de escrita, advindas das entrevistas, dos registros de campo, de fotografias e dos textos dos sujeitos estudados, compõem um quadro que tornou difícil à investigação sobrepor vontades e expectativas. De outro lado, foram essas diferentes maneiras de observar que também conduziram a pesquisadora a captar nuances das ações dos sujeitos em relação à escrita quando do seu silêncio, hesitação ou até mesmo simulação. Justamente por estar na comunidade em diversas ocasiões e situações, foi possível fazer deduções baseadas na lógica das interações, das relações entre os membros da comunidade. Não houve, confessadamente, uma pretensão à objetividade absoluta, muito menos a tornar o estudo produto de impressões pessoais; ao contrário, primou-se pela recorrente conscientização de que, na impossibilidade de um controle total de influências pessoais, melhor seria reconhecer sempre os limites da parcialidade e da valoração no encaminhamento da pesquisa.

3 A COMUNIDADE: CONTEXTO DE USOS DA ESCRITA

O valor social da escrita em usos efetivos na comunidade incorporou-se aos contextos formados pelas situações de interação. Sob esse aspecto, é importante entender contexto para além de sua ambientação física, ou seja, é percebê-lo em ações sociais compartilhadas por indivíduos em situações que se alteram constantemente, de modo a também serem alteradas as relações entre os atores sociais. Como isso é a dinâmica cotidiana de uma comunidade, esta se tornou, num sentido mais amplo, o próprio contexto da pesquisa. Assim, seguiu-se a perspectiva de Hanks para quem

Contexto é um conceito teórico, estritamente baseado em relações. Não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para”. Como este conceito é tratado depende de como são construídos outros elementos fundamentais, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais, dentre outros. (HANKS, 2008, p.174)

Foi justamente em função dos usos e práticas da escrita que se estabeleceu a correlação entre contexto e comunidade, pois nesta é que se encontram as ações efetivas dos sujeitos. As atitudes dos sujeitos sociais em relação à escrita são fundamentadas nos contextos nos quais ocorrem. Entretanto esses contextos não são imediatos, dizem respeito à vida cotidiana dos indivíduos e envolvem aspectos sociais, culturais e históricos, compartilhados por todos em usos significativos. Acredita-se que a análise da comunidade enquanto contexto viabiliza uma melhor compreensão do lugar da escrita e, assim sendo, a comunidade não representa apenas uma espécie de pano de fundo à interpretação, ela é um elemento importante para a compreensão dos dados. Isso posto, é relevante esclarecer a seguir o sentido de comunidade adotado neste trabalho.

3.1 CONCEITUANDO COMUNIDADE

O sentido do termo comunidade tende a assumir acepções diversas. Uma delas corresponde ao espaço físico compartilhado por pessoas que se socializam e interagem compondo grupos sociais localizados, de certa forma tomados por uma perspectiva globalizante que tende a ver o mundo como uma grande aldeia. De outro lado, na contramão de uma visão tão abrangente, está o sentido de comunidade advindo da necessidade de

estabelecimento de um território específico, no qual os sujeitos possam se reconhecer como parte de uma cultura que os aproxime uns dos outros por interesses em comum, por suas condições de vida e também pela defesa de um espaço próprio. Sobre isso, Castells explica que

Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos recorrendo à sua memória histórica. (CASTELLS, 2008, p.85)

Diante dessas considerações e conforme os campos teóricos, comunidade pode representar desde agrupamentos isolados, de fronteiras quase impermeáveis, até a noção de espaço mediador das relações entre o indivíduo e o mundo. Nesta última acepção, não se poderia falar então em comunidade, mas, considerando o caráter múltiplo das relações sociais, soa como mais adequado o plural, comunidades. Estas, a despeito das fronteiras que possam lhes servir de limites, são permeáveis, transponíveis e muitas vezes se entrecruzam. Assim, enquanto sujeito, é possível o pertencimento não apenas a uma, mas a várias comunidades.

A vida em comunidade é fundamental à constituição identitária dos indivíduos. Para Sandra Jovchelovitch (2008, p. 127), “é como membros de uma comunidade que nos tornamos nós mesmos, emergimos como atores sociais competentes e aprendemos a falar uma língua”. Isto corresponde a dizer que toda interpretação e significação dos mundos individual e social referenciam-se nas relações empreendidas nas e por meio de comunidades, nas quais é preciso o envolvimento em ações e contextos provenientes de pessoas diversas, porém disponibilizadas a uma coletividade. Ainda segundo Jovchelovitch,

No coração da comunidade está, portanto, a construção de espaços intersubjetivos que configuram não apenas a identidade do EU, mas também um conjunto de relações intercoordenadas que produzem fenômenos como a comunicação e o diálogo, as identidades sociais, a memória social, a vida pública e, ligado a todos estes, os saberes sociais.” (JOVCHELOVITCH, 2008, p.128)

Uma análise que se proponha à compreensão dos usos da escrita passa também pela compreensão da comunidade na qual esses usos emergem. O modo como uma comunidade se constitui, como se define, quais identidades são apresentadas, tudo isso conduz aos seus modos de relação com a escrita, bem como a significação atribuída aos usos. Nesse aspecto, não se tratou de sair em busca de uma totalidade homogênea em relação aos usos, tão pouco

fixar-se na dispersão; antes, foi ter olhos para a complexidade de um espaço de tensão e inter-relações entre seus membros.

Jovchelovitch (2008, p.127) diz ainda ser a comunidade “um espaço intermediário que nos oferece os recursos simbólicos e materiais para a vivência da dialética entre o sujeito singular e o mundo social”. É então nesse espaço de trocas, que saberes são compartilhados obedecendo à lógica das relações entre os atores sociais a partir dos papéis assumidos dentro desse universo particular. Essa lógica se instaura e se move mediante ação contínua de uns sobre os outros, nem sempre harmoniosa, mas necessária ao estabelecimento de vínculos entre os indivíduos, com vistas a se tornar uma estrutura coesa. Em todo esse processo está a linguagem da prática pela qual os sujeitos atuam e se colocam em contínuo ajustamento ao mundo social por meio das disposições, ou *habitus* (BOURDIEU, 1998), que lhes constituem, ao mesmo tempo em que elas mesmas estão em curso de constituição.

Dentro da comunidade ocorre uma distribuição dinâmica de papéis sociais, conforme estejam os sujeitos autorizados e legitimados por seus pares a ocupar posições em atividades situadas, conferindo-lhes mais ou menos autonomia diante dos saberes compartilhados. Os usos e práticas de escrita se inscrevem nesse espaço de trocas como mediadores desse processo de coesão e também revela o *habitus* que orienta o comportamento dos sujeitos.

No sentido adotado para este trabalho, a comunidade se constitui e se organiza em torno de valores compartilhados por meio dos quais significa suas práticas cotidianas. Essa noção se ajusta ao modo como os sujeitos pesquisados definiam sua convivência, de forma a reclamarem para si uma identidade específica que os faria ser reconhecidos como pertencentes a um determinado local. Esse sentimento de auto-identificação fazia-os inclusive distinguir por vezes comunidade de bairro, atribuindo a este um caráter mais impreciso, impessoal e distante daquilo que entendem por uma organização coletiva. Dessa forma, alguns dos sujeitos entrevistados davam a entender que constituem o bairro do Baldez todas as pessoas residentes naquele espaço civil delimitado na cidade, já a comunidade do Baldez é composta por aqueles cujo sentimento de pertencer àquele local está vinculado aos valores históricos e culturais que marcaram sua origem, notadamente inscritos em práticas religiosas católicas. Tal postura, inclusive, válida, na concepção dos entrevistados, a inclusão na comunidade de pessoas que lá não residem, mas que participam efetivamente das atividades dos diversos grupos lá existentes, também compartilhando dos mesmos valores. Daí qualquer transgressão a um estilo de vida coletivo tende a incompatibilizar com o sentimento de pertencer ao lugar.

3.2 A ESCOLHA DO BALDEZ

Como ocorre em tantos outros projetos de pesquisa, a ideia que originou esse estudo sofreu uma alteração de curso significativa. De início, a proposta baseava-se no estudo da produção escrita em uma instituição pública de ensino, nível médio, comparando-a aos usos significativos no cotidiano dos indivíduos pesquisados. Amadurecendo-se melhor a ideia, chegou-se à conclusão de que normalmente era esse o percurso adotado em outros estudos e que o tempo destinado à coleta e análise dos dados a partir da escola poderia ser efetivamente empregado no estudo da escrita em contextos de usos e práticas cotidianas em uma comunidade apenas. Essa comunidade deveria, entretanto, constituir-se por interesses comuns, de forma a definir-lhe um território próprio, envolvida em ações coletivas em torno de valores compartilhados. Isso possibilitaria uma compreensão mais precisa acerca do papel e significados da escrita em situações reais de circulação.

Dentro dessa perspectiva, enquadrou-se a comunidade do Baldez, que tanto atendia a uma questão prática, por localizar-se no município de domicílio da pesquisadora, quanto, mais importante, apresentava características de organização e mobilização coletiva bastante peculiares que conferem ao lugar um perfil diferente dos demais bairros da cidade. Quanto a essas características de organização e mobilização, o Baldez se destaca por possuir uma associação de moradores, por desenvolver projetos de amparo e desenvolvimento social de um jeito politizado e crítico, por meio de diversos grupos formados e estruturados em torno de intensas práticas religiosas católicas, cujo ponto de referência é a Igreja de São Roque, padroeiro do bairro, construída há 26 anos por iniciativa e recursos dos próprios moradores, com instalações ampliadas para abrigar encontros e reuniões da comunidade.

Também ratificou a escolha a possibilidade de um estudo sobre escrita numa comunidade que não compõe um grande centro urbano, nem possui referências étnicas, ou de grupos sociais marginalizados, tendência normalmente evidenciada em pesquisas de mesmo tema. O Baldez é uma comunidade periférica do município de Conceição do Jacuípe, interior da Bahia, que se encontra a cerca de 100 Km da capital, na região do recôncavo, e possui 27.522 habitantes, conforme dados do IBGE, censo de 2007⁹. É um município de pequena área (116 Km²), cuja economia baseia-se na horticultura, sua principal atividade, em um

⁹ Fonte IBGE: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

pequeno comércio e em algumas variadas fábricas instaladas recentemente por conta de incentivos fiscais.

Outro fator decisivo à escolha do Baldez foi em relação ao fácil acesso da pesquisadora à comunidade, pois, no período de 24 meses do mestrado, realizar um estudo etnográfico em local onde ainda fosse preciso estabelecer um clima de receptividade e até que se conseguisse o consentimento para a pesquisa, o tempo se tornaria um elemento complicador. Por haver participado como voluntária em algumas ações, a pesquisadora, mesmo não sendo moradora do bairro e com pouco tempo residindo na cidade, não é de todo estranha e mantém relações cordiais com algumas pessoas da comunidade.

Da convergência de todos os fatores acima, empreendeu-se a investigação de campo por meio dos procedimentos já explicitados de coleta e sistematização dos dados, o que, reforça-se, não significa a ausência de dificuldades, de recusas ou situações complexas que se apresentaram ao longo de todo processo.

A comunidade do Baldez se formou a partir do loteamento de terras de algumas propriedades rurais que faziam limite com a área urbana. De seu surgimento como bairro, não há registros oficiais na prefeitura, câmara de vereadores, ou qualquer órgão público. Todas as informações obtidas provêm de entrevistas com moradores mais antigos e de um texto de uma página, composto de seis curtos parágrafos, intitulado *Territorialização do Baldez*, fornecido pela AMBB (Associação de Moradores do Bairro do Baldez). Esse texto, segundo informou LR, ex-presidente da entidade, foi produzido também com base em entrevistas a cinco moradores escolhidos dentre os mais velhos e, como está registrado no próprio texto, foram entrevistas realizadas por três integrantes da AMBB, em 8 de janeiro de 2006, “entre 9 e 12 horas da manhã”.

De organização confusa, o texto da AMBB traz algumas incoerências, pois de início menciona duas fazendas de mesmo nome como originárias do bairro, porém, ao final, acrescenta mais três propriedades, sem definir precisamente os limites de constituição territorial. Desse mesmo texto, entretanto, foi possível saber que no local havia uma cultura de subsistência, cujos produtos excedentes, feijão, mandioca, frutas, etc, eram comercializados na feira livre do município. Além desses produtos, cultivava-se em maior escala o tabaco, que era vendido a armazéns de beneficiamento da folha de fumo, pertencentes a empresários estrangeiros. Havia também, em uma das propriedades, uma olaria que produzia e vendia telhas e tijolos para o município e região.

Todo escoamento da produção, normalmente feita em carros de boi, passava por uma pequena estrada, via única de acesso às fazendas, hoje dividida em duas ruas, Avenida

Berimbau e rua João Marinho Abade, em torno das quais o bairro tomou forma, como nos mostra o mapa a seguir.

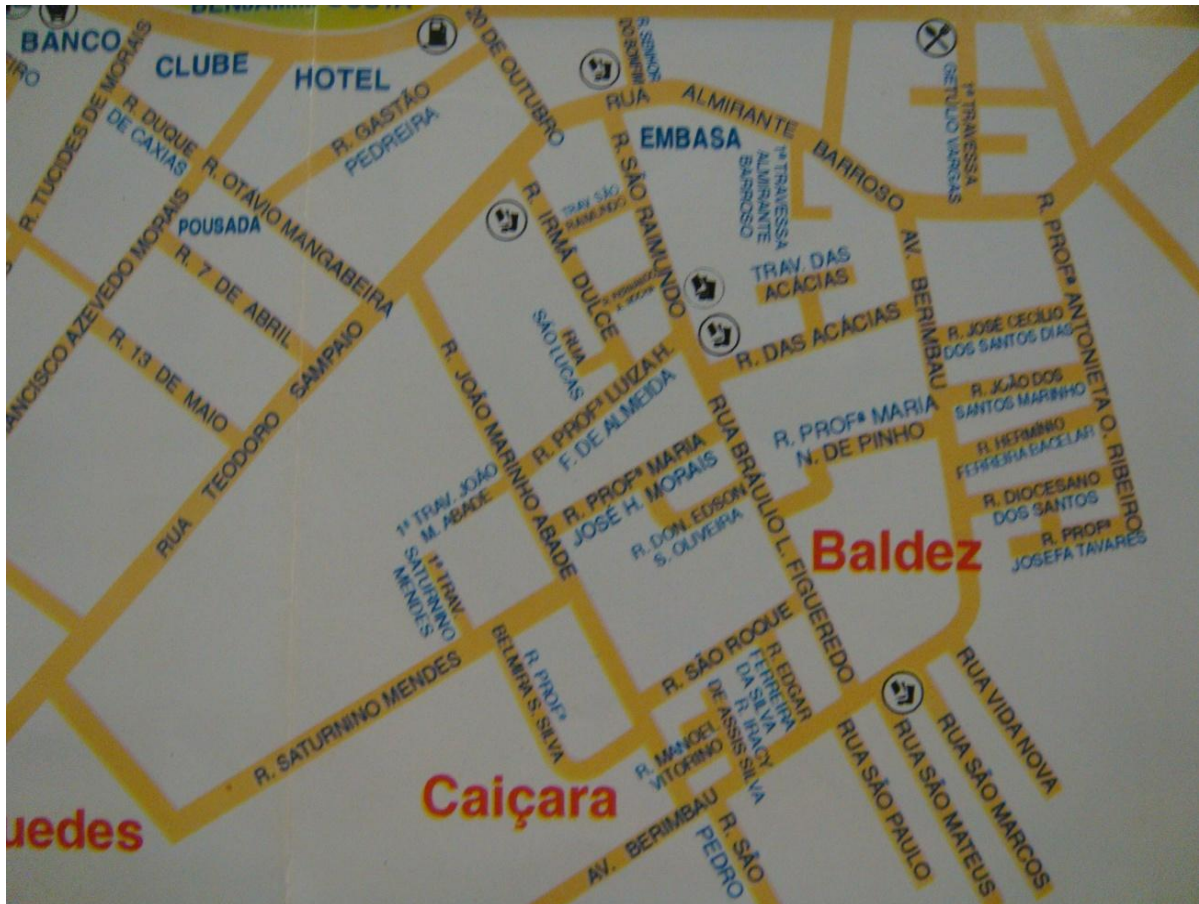


Figura 01: Mapa do bairro Baldez¹⁰

Ao se observarem os nomes das ruas no mapa e confrontando-os com as informações obtidas nas entrevistas, um fato fica evidente: quase a totalidade dos nomes das ruas, ou são homenagens aos antigos proprietários, ou são nomes de santos (São Raimundo, São Marcos, São Mateus, São Paulo, São Pedro, São Roque, São Lucas), ou nomes de pessoas que na cidade foram conhecidas pelo forte vínculo com a igreja católica, a exemplo da rua Edgar Ferreira da Silva, líder religioso comunitário, ou da rua Profª Maria José Azevedo Moraes, antiga e famosa catequista já falecida. Além dessas, há ainda a rua Irmã Dulce e a Dom Edson Oliveira. Este último teve a cidade como a sua primeira paróquia e hoje é bispo da diocese de Eunápolis, Bahia. Muito querido pelos moradores do bairro, foi bastante citado nas entrevistas como fundamental à estruturação católica que o bairro evidencia. Em quase todos os depoimentos, as pessoas fizeram questão de contar a história da igreja local, erguida por

¹⁰ A imagem foi recortada de um mapa da cidade produzido pela prefeitura como parte de um material de divulgação das características do município. (2002)

iniciativa do pároco e de um morador do bairro, com recursos de contribuições e campanhas dos próprios moradores.

Definindo os limites do local com outros, estão os logradouros que não pertencem à comunidade e que já trazem denominações diferentes, rua 20 de outubro, rua Almirante Barroso e 1ª Travessa Getúlio Vargas.

Ainda sem infra-estrutura adequada, a maioria das ruas não dispõe de pavimentação, nem de rede de escoamento das águas da chuva. Em razão disso, são comuns os alagamentos e, em alguns casos, o acesso a determinados lugares é dificultado, principalmente pela formação de muitos buracos e de imensas poças que chegam a fazer sumir trechos inteiros de ruas. Essa situação inclusive motiva uma série de protestos dos moradores em sessões da Câmara Municipal, além da confecção de faixas cobrando providências do poder público.

3.3 A EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE

Ao explicitar seus modos de compreensão dos indivíduos em suas culturas, Geertz chama a atenção para o que considera essencial à postura do investigador:

A largueza de espírito, [...] sem a qual a objetividade é nada mais que autocongratulação, e a tolerância apenas hipocrisia, surge através de uma conquista muito mais difícil: a de ver-nos, entre outros, como apenas mais um exemplo da forma que a vida humana adotou em um determinado lugar, um caso entre casos, um mundo entre mundos.(GEERTZ, 2007, p.30)

O empreendimento de um estudo etnográfico interpretativo sobre as ações dos indivíduos em seus contextos requer, num momento mais imediato, a aceitação de que eles têm maneiras diversas de conduzir seu cotidiano e constituem suas vidas conforme a cultura que os envolve. Diante dessa constatação, a primeira atitude é procurar saber sobre essas vidas, estabelecer uma relação de proximidade com os sujeitos para se ter uma visão mais objetiva dos processos sociais em jogo e, ao mesmo tempo, munir-se da consciência de não pertencer àquele contexto e, portanto, não se deixar seduzir por um modo de ver autosuficiente. Entretanto, nenhum dos envolvidos, seja pesquisador ou pesquisados, passa incólume após um período de contato efetivo, o que não deve ser diferente por se tratar de seres humanos.

No caso da comunidade do Baldez, como pareceu ser importante para seus membros ter um registro escrito da história do bairro, e sendo ela o motivo da pesquisa para eles

revelado, a pesquisadora se comprometeu em entregar-lhes uma espécie de compilação dos depoimentos colhidos, no tocante ao surgimento e características da localidade. Esse retorno materializado de parte da pesquisa não redime a pesquisadora de seus questionamentos quanto ao seu principal interesse de estudo, a escrita, porém há de se questionar as fronteiras de qualquer intervenção local e com que autoridade fazê-la.

Pesquisar acerca dos usos e práticas de escrita na comunidade do Baldez requereu uma compreensão interpretativa das ações dos indivíduos nos seus próprios ambientes de vida. Essa abordagem implicou, então, de imediato, o estabelecimento de uma aproximação e circunstâncias de convivência entre a pesquisadora e a escolha do viés por onde essa relação deveria ocorrer, de modo a não comprometer os dados coletados com falseamento ou artificialização. Assim, para a comunidade, foi explicitado o objetivo da pesquisa como o de um estudo histórico do bairro, em que a pesquisadora, por meio de entrevistas, coleta de registros escritos e fotografias, reconstituiria e sistematizaria a história da comunidade e esse levantamento certamente foi imprescindível para a contextualização do objeto. Tal procedimento tornou-se um facilitador do acesso aos mais diferentes sujeitos da comunidade, já que muitos tinham depoimentos a dar a respeito do bairro. Estava dessa forma estabelecida a convivência.

Quanto à aproximação, esta já se constituía uma etapa há muito realizada. A pesquisadora é conhecida da comunidade pela prestação de serviços voluntários no curso pré-vestibular promovido pela associação de moradores, bem como em atividades que envolvem reformas na igreja católica local, por mediar contatos entre os representantes católicos do bairro e profissionais especializados na área de construção civil.

Convivência e aproximação, apesar de necessárias, não equacionam ou neutralizam as perspectivas diferentes entre pesquisador e pesquisados. Há uma constante tensão num jogo de se envolver e se afastar, de servir e ser servido, de manifestar-se ou ser indiferente. Não há como extrair de uma situação assim uma verdade absoluta, mas pontos de vista que motivam reflexões e possibilitam olhares de diversos ângulos. Partiu-se a campo com o intuito de perceber aspectos dos usos e práticas de escrita pela comunidade, bem como a engrenagem que fazia mover esses usos e práticas, tais como o *habitus* linguístico, as relações intersubjetivas dos sujeitos e suas ações cotidianas. Nessa conjuntura se encontrou a pesquisadora, experimentando lugares onde pudesse entender o significado da escrita para aquelas pessoas.

Quando a comunidade foi informada, em reunião da associação de moradores de que a história do bairro seria estudada com o objetivo de que o local tivesse um registro de sua

formação, algumas pessoas sugeriram nomes de moradores antigos que poderiam fornecer informações sobre características mais remotas da localidade. Assim, logo de início, foram realizadas entrevistas com membros representativos por seu tempo de vivência no bairro e, segundo declaração dos indicantes, pela idoneidade e respeito atribuídos a esses membros. A quantidade de indivíduos entrevistados não pôde ser inicialmente estabelecida porque a escolha deles estava condicionada à regularidade com que os dados sobre escrita, real motivo do estudo, iriam se apresentar. Por isso, à proporção que as entrevistas iam sendo feitas e as visitas à comunidade iam se intensificando, é que eram elencados os sujeitos em função das informações concernentes ao objeto de estudo e que estavam em consonância com os questionamentos e objetivos desse trabalho.

Os eventos da comunidade se constituíram fortes indicadores dos usos e práticas de escrita dos sujeitos, daí o interesse da pesquisadora em tomar parte em tais situações, como nas reuniões da associação de moradores, nos encontros dos grupos da igreja e do projeto Alerta Jovem¹¹, nas comemorações juninas, nas campanhas para reforma da igreja para outros fins e na festa do padroeiro da comunidade. A participação direta ou indireta nos eventos aconteceu de duas maneiras que se estabeleceram gradualmente. No início a pesquisadora pedia permissão para assistir às reuniões formais dos grupos de trabalho, fossem eles da associação de moradores, ou da igreja. Sem demonstrar objeção, mas mantendo uma postura impessoal e reservada na presença da pesquisadora, os participantes conduziam suas atividades apenas fazendo de vez em quando menção à pesquisa sobre a história do bairro, ao se lembrarem de pessoas ou de detalhes considerados por eles relevantes.

¹¹ Atividade anual, desenvolvida por jovens da comunidade que elegem um tema e, em função dele, planejam uma semana de debates, palestras, campanhas de doação de sangue e performances realizados na praça principal da cidade. Sempre nos primeiros meses do ano, o Alerta Jovem já está em sua 7ª realização.

4 OS SUJEITOS E SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS: A ESCRITA LOCAL

4.1 QUEM SÃO E O QUE FAZEM OS SUJEITOS PESQUISADOS

Categorizaram-se os sujeitos identificando os seus nomes por duas letras maiúsculas, preservando-lhes a identidade, conforme gênero, idade, escolaridade, função social na comunidade, tempo de moradia e profissão, nos quadros 1 e 2 seguintes:

| NOME | IDADE | ESCOLARIDADE | FUNÇÃO SOCIAL NA COMUNIDADE | TEMPO/MORADIA | PROFISSÃO |
|-------------|--------------|-------------------------------------|--|----------------------|------------------------|
| FS | 74 | Ensino Fundamental (até a 3ª série) | Sem função social definida | 74 anos | Lavrador aposentado |
| JD | 58 | Ensino Fundamental (até a 3ª série) | Coordenador da igreja do bairro | 29 anos | Vigilante aposentado |
| AB | 34 | Ensino Médio completo | Ex-presidente da associação de moradores | 32 anos | Técnico em Edificações |
| LR | 30 | Superior completo | Ex-presidente da associação de moradores/professor voluntário do curso da associação | 30 anos | Professor |
| AF | 28 | Ensino Médio completo | Coordenador do grupo de oração/locutor de programa religioso da rádio comunitária | 28 anos | Auxiliar de produção |

Quadro 01: Gênero masculino

| NOME | IDADE | ESCOLARIDADE | FUNÇÃO SOCIAL NA COMUNIDADE | TEMPO/MORADIA | PROFISSÃO |
|-------------|--------------|-------------------------------------|--|----------------------|---|
| CP | 67 | Ensino Fundamental (até a 4ª série) | Sem função social definida | 67 anos | Dona de casa |
| TF | 62 | Ensino Médio completo | Catequista/conselheira da comunidade | 19 anos | Costureira |
| MM | 61 | Ensino Médio completo | Catequista e coordenadora das atividades da igreja | 38 anos | Fumageira aposentada |
| SB | 32 | Superior incompleto | Catequista | 26 anos | Auxiliar administrativa |
| RS | 22 | Ensino Médio completo | Presidente da associação de moradores/coordenadora da pastoral da juventude e vice-coordenadora do grupo de jovens | 22 anos | (desempregada e sem profissão definida) |

Quadro 02: Gênero feminino

As informações contidas nos quadros acima foram fornecidas pelos próprios indivíduos nos momentos de entrevista. Os sujeitos categorizados não compõem a totalidade dos entrevistados, já que outros foram ouvidos. A exclusão desses outros foi motivada pela impossibilidade de observá-los em atividades comunitárias, por não se envolverem efetivamente com o cotidiano do bairro, mesmo lá residindo, e, em muitos casos, por demonstrarem resistência ao falar da comunidade e também de si mesmos. Foram, portanto, selecionados aqueles de quem foi possível coletar dados mais consistentes sobre os usos da

escrita, e que apresentaram a possibilidade de acompanhamento de suas ações, tanto individuais quanto coletivas, dentro da comunidade.

Os sujeitos entrevistados não foram caracterizados pela renda familiar, vez que todos se mostravam dentro de uma faixa entre dois e três salários mínimos, conforme declaração de suas profissões comparada aos valores salariais do mercado de trabalho, com condições similares de moradia e acesso aos bens de consumo. Apenas FS reside em uma pequena chácara ainda conservada em meio a uma ordenação urbana de casas cujos lotes são proporcionalmente pequenos em relação à residência desse senhor.

Foram consideradas duas faixas etárias para a categorização dos sujeitos: uma compreende adultos mais jovens, entre 20 e 35 anos de idade; a outra, de adultos mais velhos cujas idades estão acima dos cinquenta anos.

FS (74) é, dentre os entrevistados, o que mais tempo tem no bairro, pois reside lá desde que nasceu. Compõe o pequeno grupo de moradores que presenciaram o processo de urbanização e incorporação à cidade de uma área composta por terras rurais. Sua residência, inclusive, conserva-se uma pequena chácara com área suficiente para criar alguns animais de pequeno porte como aves, suínos e caprinos. Homem de muitos filhos, todos já adultos, mora em companhia somente da esposa e de uma filha. Bastante conhecido no bairro, FS mantém boas relações com muitos moradores.

JD (58) nasceu num município vizinho, numa família de lavradores. Mudou-se, quando jovem, para Conceição do Jacuípe, indo depois trabalhar em Salvador como ajudante de pedreiro. Na capital baiana, exerceu outras diversas funções. Aos 28 anos, fez curso de mecânica de automóveis pelo Instituto Universal Brasileiro. Nunca trabalhou como mecânico, mas guarda, com certo zelo, a carteirinha que comprova essa experiência. Este foi seu segundo contato oficial com uma instituição de ensino. O primeiro corresponde aos três únicos anos de escola que chegou a frequentar.

Trabalhou como vigilante para uma rede de supermercados e, por motivo de saúde, teve logo cedo que se aposentar, retornando a Conceição do Jacuípe, onde já conhecia algumas pessoas e onde vive até hoje. Contou que, ao chegar ao Baldez, não havia muitas casas e por isso se surpreende com o crescimento do bairro, chegando a contar ter se atrapalhado algumas vezes ao tentar localizar residências de conhecidos seus.

JD é coordenador das atividades da igreja católica local. Assumiu esse posto há doze anos e, por desejo da comunidade, segundo informou, ainda não conseguiu desocupá-lo, apesar de insatisfeito com algumas questões disciplinares de uso das dependências da igreja e de falta de colaboração de mais pessoas na divisão de tarefas. Conta com MM para

administração da igreja local, e ainda diz realizar pequenos reparos quando preciso, principalmente quando faltam recursos financeiros. Ele é casado, pai de três filhos, tendo um deles, AF, também feito parte deste estudo.

AB (34) era auxiliar de pedreiro até fazer um curso técnico após ter frequentado as aulas do curso promovido pela associação de moradores. Formou-se em Técnico em Edificações e passou a trabalhar em empresas de construção civil como encarregado de obra, mas, à época da entrevista, encontrava-se desempregado. É casado, tem um filho adolescente e, como filho único, é quem cuida da mãe, uma senhora adoentada que se aposentou como gari.

Ele atua bastante na comunidade, foi presidente da associação de moradores, período em que, segundo narrou, buscou, junto aos poderes públicos, resolver alguns problemas do bairro, como os de infra-estrutura, de desemprego e de falta de atividades sociais de formação profissional. Nesse período, diz ter se decepcionado com alguns políticos municipais por estes se aproximarem da associação apenas para usá-la como captadora de votos, razão pela qual resolveu ele mesmo se filiar a um partido, o PCdoB, e candidatar-se a vereador.

AB passou 11 anos sem estudar, depois que concluiu o Ensino Médio e, após frequentar o cursinho da Associação, fez um curso técnico na área de construção civil. Envolve-se constantemente em ações da comunidade e atribui sua atuação à influência dos grupos de movimento comunitário da igreja católica.

Ele se expressa com desenvoltura e demonstra entendimento em relação a causas sociais. Sobre isso, contou ter procurado o MOC (Movimento de Organização Comunitária) para compreender melhor sobre política e acabar com sua concepção de que “política não presta”. Segundo disse, o MOC, que tem vínculos com a igreja católica, deu-lhe orientações através de palestras e foi, a partir daí, que resolveu se candidatar a vereador para representar a comunidade e beneficiar a associação. Falou ainda com certa mágoa da pouca valorização que alguns moradores dão à comunidade, reclamou da pouca participação deles nas ações da associação e da igreja. Por outro lado, falou da importância do grupo de oração da comunidade, que se reúne toda quarta-feira e que atrai muita gente, principalmente de outros bairros.

LR (30), filho único de CP, tem uma trajetória parecida com a de AB. Contou que, diante da pouca instrução escolar de seus pais, considerada por ele um obstáculo para melhoria geral das condições de vida, resolveu seguir um caminho oposto e se dedicar aos estudos. Jovem de muitas iniciativas, instituiu o projeto Aprender e nele sempre atuou como professor, por conta de sua habilidade com a matemática, ainda quando tinha apenas formação

secundária. Sua renda provinha de cursos de reforço que ministrava em domicílio, as chamadas “bancas”. Daí tornou-se conhecido como professor. Essa situação motivou-o a se inscrever em alguns vestibulares e, após algumas tentativas, foi aprovado numa instituição particular de Feira de Santana, custeando seus estudos com aulas particulares, com contratos temporários de substituição de professores estaduais e como professor de uma escola privada. Foi presidente da associação de moradores. Candidatou-se, também sem sucesso, a vereador do município.

Pessoa de grande atuação comunitária, ele está sempre à frente das manifestações coletivas para melhoria das condições do bairro e tem ajudado a presidente da associação, RS, a realizar algumas ações, a exemplo da I Feira de Cultura da comunidade e das campanhas de arrecadação de donativos e alimentos para pessoas necessitadas. Entretanto, mesmo com esse envolvimento, alguns entrevistados disseram que LR se afastou um pouco dos propósitos da comunidade ao se envolver com questões político-partidárias.

Em quase todas as oportunidades de encontro da pesquisadora com LR na comunidade, ele estava ministrando, gratuitamente, aulas de reforço escolar a algum morador do local. A esse respeito disse querer que outros tenham a mesma iniciativa que teve de estudar e melhorar suas condições de vida.

AF (28), filho de JD, possui Ensino Médio completo e trabalha numa fábrica de montagem de eletrodomésticos que funciona nos arredores da cidade. Informou ter conseguido uma vaga de auxiliar de produção em decorrência de ser deficiente de uma perna, o que lhe garantiu o emprego pelo cumprimento da determinação legal de cotas para deficientes em empresas com mais de cem empregados. Há algum tempo residindo nas dependências da igreja, ele tem um histórico de envolvimento em atividades religiosas que o faz conhecido de praticamente todo o bairro. Já foi seminarista, coordenador do grupo de jovens, catequista.

AF é o encarregado da preparação litúrgica das celebrações da comunidade, organiza um grupo de oração vinculado ao movimento de Renovação Carismática e ainda assume voluntariamente parte de um programa de rádio diário destinado à orientação religiosa. Sua preparação para essas atividades provém de frequentes cursos oferecidos pela Arquidiocese de Feira de Santana. Além disso, ajuda na preparação do Alerta Jovem, evento anual promovido pelo grupo de jovens da comunidade.

CP (67) é a mais velha das mulheres entrevistadas. Dona de casa, mora com o marido, que é um senhor bastante doente, com o filho LR, também um dos sujeitos entrevistados, e uma irmã já idosa que aparenta passar por momentos de confusão mental. CP tem uma vida

bastante caseira, limita-se aos cuidados com a família e, quando sai, é para frequentar a igreja de São Roque, que fica ao lado de sua casa. Segundo informou, foi quem vendeu o terreno para a construção da igreja, já que a área de sua residência é extensa, o que permitiu desfazer-se de parte dela. Em razão disso, contou que a escolha do padroeiro da comunidade foi uma homenagem a esse ato, uma vez que foi escolhido um santo homônimo a um dos nomes de seu único filho. É senhora de poucas palavras manifestadas num fio de voz quase inaudível. Entretanto, seu depoimento foi fundamental para a reconstituição da história do bairro.

TF (62) nasceu num povoado do município, numa família de dez irmãos, sob a educação de um pai extremamente religioso e que conduziu toda a sua família às práticas do catolicismo. Depois de algum tempo, mudou-se para Salvador, onde viveu com a família numa comunidade religiosa. Casou-se e, quando seus pais já residiam no Baldez, deixou o marido que bebia muito e se mudou para a casa dos pais, hoje falecidos, com seus dois filhos, agora jovens adultos, e lá vive há dezenove anos. É costureira para somar uma renda à dos filhos que trabalham no comércio e em uma fábrica da cidade; disse ter concluído o Ensino Médio, mas não forneceu informações sobre o curso que fez, ou sobre seu período na escola.

MM (61) é solteira e aposentou-se após servir durante quase trinta anos a uma empresa de beneficiamento da folha de fumo. Trabalhava como fumageira, atividade executada apenas por mulheres e que consiste na abertura manual das folhas da planta a serem exportadas como capas para charutos. Ela mora com a mãe, de quem toma conta, e uma irmã com idade aproximada à sua. É uma referência na comunidade. Dentre as pessoas que se encontram à frente das atividades da igreja católica local, MM se destaca por sua dedicação constante. É ela quem arregimenta voluntários para a limpeza das dependências da igreja, realiza campanhas para reformas, participa na organização dos eventos religiosos, além de ser catequista e ministra da eucaristia. Toda essa disponibilidade lhe rende um sugestivo apelido maternal usado por todos da comunidade, quando a ela se dirigem ou a ela fazem menção, notadamente os jovens do bairro. Ainda assim, ela faz às vezes algumas críticas à postura de alguns indivíduos em relação ao pouco envolvimento deles na comunidade e confessa ficar ofendida quando descobre que, na sua ausência, alguém critica suas ações. Tem em JD e TF fortes aliados por não abandoná-la sozinha na execução dos serviços da igreja, denominando-os inclusive seus “irmãos brancos”, em referência à sua afrodescendência.

SB (32) tem um histórico de mudança repentina de estilo de vida. Casada, três filhos adolescentes, catequista da comunidade, ela era dona de casa até resolver participar do curso preparatório para acesso ao CETEB (escola técnica estadual sediada em Feira de Santana) promovido pela associação de moradores. Aprovada num dos cursos da instituição, formou-

se, começou a trabalhar como auxiliar administrativa e já cursa uma faculdade EAD com bolsa do PROUNI.

O depoimento de SB é marcado pelo entusiasmo com que fala de sua família, do bairro e das atividades da igreja. Funcionária administrativa de uma clínica médica, contou ter conseguido esse emprego ao precisar de um estágio para concluir o curso de Gestão Empresarial feito na escola técnica, após alguns anos afastada dos estudos. A esse respeito, atribuiu a responsabilidade pela sua formação profissional aos incentivos do grupo de jovens da comunidade e ao curso de reforço promovido pela associação de moradores. Sua trajetória faz com que seja exemplo recorrente das pessoas na comunidade ao falarem de dedicação e superação, ainda mais por ela continuar servindo à catequese em meio a tantas atribuições.

RS (22) é a mais nova dentre os entrevistados. Eleita presidente da associação de moradores, esforça-se por manter ativa a instituição que, pelas observações feitas, apóia-se basicamente na participação dos jovens da comunidade em projetos de incentivo à formação escolar, como o Aprender, curso preparatório para o ingresso no CETEB de Feira de Santana, além daqueles voltados a práticas esportivas e campanhas de solidariedade de alguma causa social. Sobre seus trabalhos na associação, resente-se do pouco interesse dos moradores em comparecer às reuniões, mas não sabe apontar motivos que justifiquem esse comportamento.

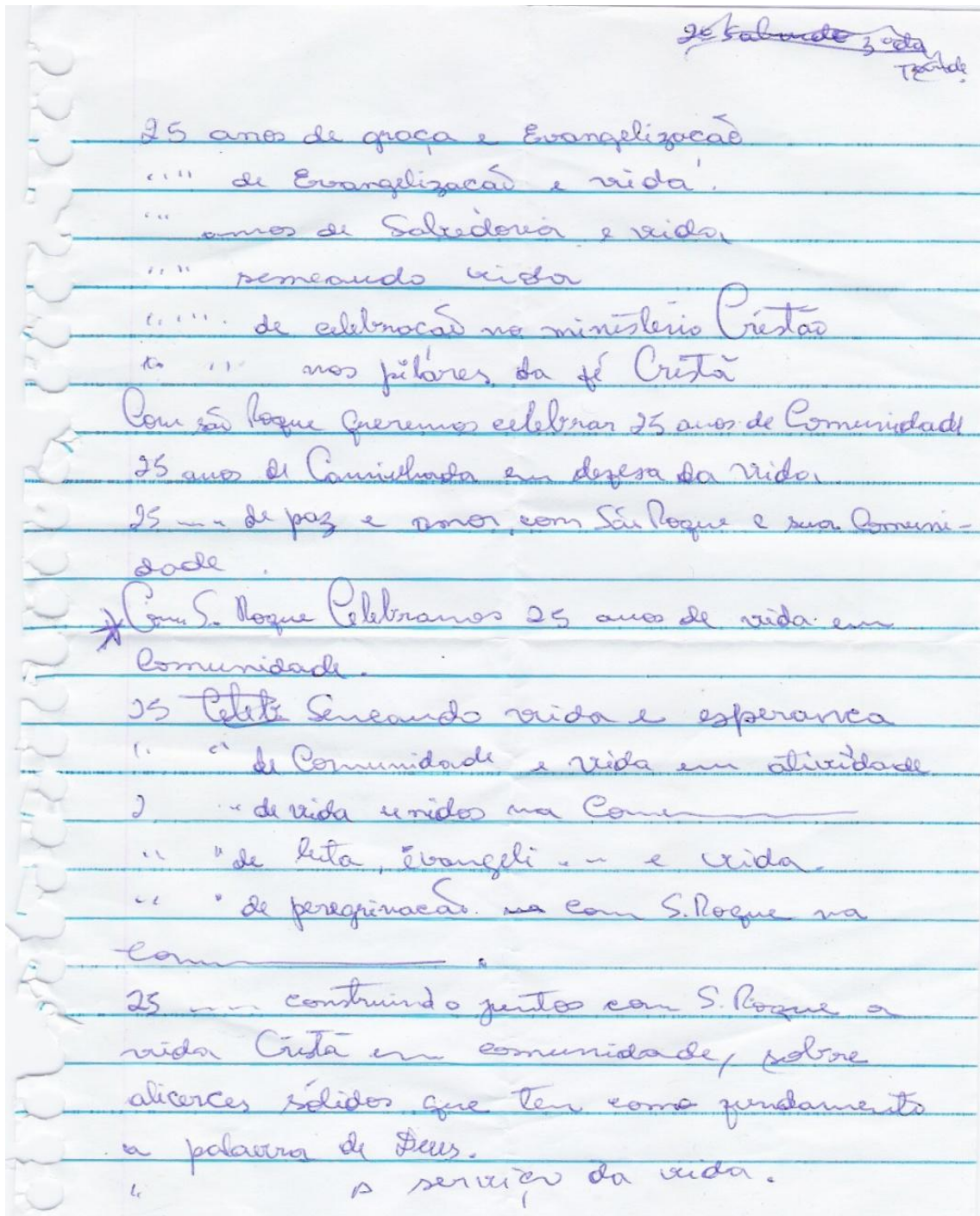
Ela também participa efetivamente de alguns grupos de trabalho da igreja católica local e está constantemente frequentando cursos de formação de leigos promovidos pela Arquidiocese de Feira de Santana. É vice-coordenadora do grupo de jovens e coordenadora da pastoral da juventude da paróquia. Essas atribuições, segundo disse, levam-na a querer fazer um curso superior para poder servir melhor ao bairro, o que considera um fato impossível por conta de sua situação financeira. RS concluiu o Ensino Médio e, após trabalhar por algum tempo com serviços domésticos, está hoje desempregada e estuda para fazer vestibular. Quer cursar Assistência Social ou Psicologia.

4.2 PRÁTICAS COLETIVAS DE ESCRITA NO CONTEXTO DE OUTRAS PRÁTICAS

As práticas sociais de escrita pesquisadas constituem e são constituídas por outras práticas sociais e compreendem produção, leitura e cópia de textos. Dessa forma, os dados sobre escrita apresentados a seguir são descritos nos contextos discursivos tanto coletivos quanto individuais em que se manifestam na comunidade, e que puderam ser observados.

I- A escrita em práticas religiosas coletivas

As celebrações religiosas na comunidade geralmente são constituídas de práticas de escrita. Quando se trata da escolha dos temas dos eventos da igreja, por exemplo, a maioria dos participantes das reuniões, incluindo JD, AB, LR e AF, dentre os homens pesquisados, e TF, MM, SB e RS, dentre as mulheres, dá sua sugestão; primeiro, oralmente, para que todos apreciem e, em seguida, passa-se ao registro escrito, sempre obedecendo à seguinte ordem: cada participante escreve sua sugestão num pedaço de papel que é levado a um mediador, este faz uma lista e então são realizadas sucessivas leituras através das quais são escolhidas pelos presentes em média cinco frases submetidas a ajustes por todos e, no final, há uma eleição que definirá aquela que será o tema dos festejos, como mostra o texto nº 01 a seguir, cujo registro foi feito por AF.





Texto 01: Lista de sugestão de temas para a festa do padroeiro.

As atividades compartilhadas de escrita também caracterizam a produção de faixas e cartazes de divulgação da festa religiosa, e de lembranças a serem entregues ao término das celebrações, que geralmente são marcadores de páginas recortados em cartolina, tecido, ou papel vegetal, ornados, e nos quais se copiam o tema do evento ou alguma passagem bíblica. A tarefa de ornar essas lembranças e nelas escrever fica sempre destinada aos membros mais jovens da comunidade, com idades que variam entre 18 e 30 anos, com participação efetiva nos grupos da igreja e cuja caligrafia seja considerada adequada a esse fim. Dos entrevistados,

RS, do grupo de mulheres, e AF, do grupo dos homens, são frequentemente solicitados a fazer esse tipo de registro.

Tudo o mais que se refere à distribuição de tarefas e responsabilidades que vão desde a escolha do pipoqueiro, a venda de quitutes numa barraca da comunidade, até a realização do leilão e coleta de prendas, é registrado num caderno, em forma de lista, pelo mediador das reuniões escolhido logo no primeiro encontro, conforme sua disponibilidade e grau de compromisso com as atividades da igreja. Dos sujeitos que compõem este trabalho, do grupo dos homens, JD, AB e AF, e, das mulheres, SB e RS estão entre aqueles que assumem a condução dos encontros e, portanto, realizam o registro das atividades; todos com maior grau de escolaridade, exceção feita a JD devido à função social que ele exerce.

No que se refere à festa do padroeiro, ainda há a criação de sub-temas referentes a cada noite do novenário. Nesse caso, a produção escrita se restringe aos representantes dos grupos da igreja (catequese, apostolado da oração, grupo de jovens), pessoas com mais entendimento em liturgia, por conta dos cursos que fazem na Arquidiocese e na paróquia. Participam dessa tarefa, dentre os homens, JD, AB e AF; e dentre as mulheres, TF, MM, SB e RS. São inclusive essas pessoas que, em conjunto, definem os convidados para as homilias e homenageados de cada noite da festa para, finalmente, serem produzidos e distribuídos *folders* com toda a programação dos festejos. O texto escrito nos folders, parte dele cópia da oração do santo padroeiro, é revisto pelos mais escolarizados, dentre eles, AF e SB, além de LR, de maior escolaridade dentre os entrevistados, mas que não participa da montagem desse material que, após revisto para serem “consertados os erros”, é encaminhado a um serviço de digitação, como se mostra abaixo no texto nº 02 .

| | |
|---|---|
| <p>FESTA EM LOUVOR A SÃO ROQUE</p>   <p>Tema :</p> <p>25 anos de comunidade a serviço da VIDA Jubileu de Prata De 07 a 16 de Agosto de 2008</p> | <p>Realização</p> <p>CCB (comunidade Católica da Baldez) 25 Anos</p> <p>Oração a São Roque Bondoso São Roque, grande amigo e benfeitor Das almas sofredoras, alcançai-me, por vossa intercessão juntos a Deus a graça que tanto almejo..(Pedidos)</p> <p>Eu proto viver como um bom cristão rezando, estudando a palavra de Deus e anunciando a todos o grande anuncio. “Bem aventurado os aflitos porque serão consolados”.</p> <p>Alcançai-me bondoso São Roque a graça de Contemplar em meu Próximo a imagem de Jesus para que inspirados, pelo . seu edificante exemplo, eu pratique as obras de caridade cristã em beneficio daqueles que a divina providencia puser em meu caminho Amém.</p> <p>Bondoso São Roque, Rogai por Nós (3 vezes)</p> |
|---|---|

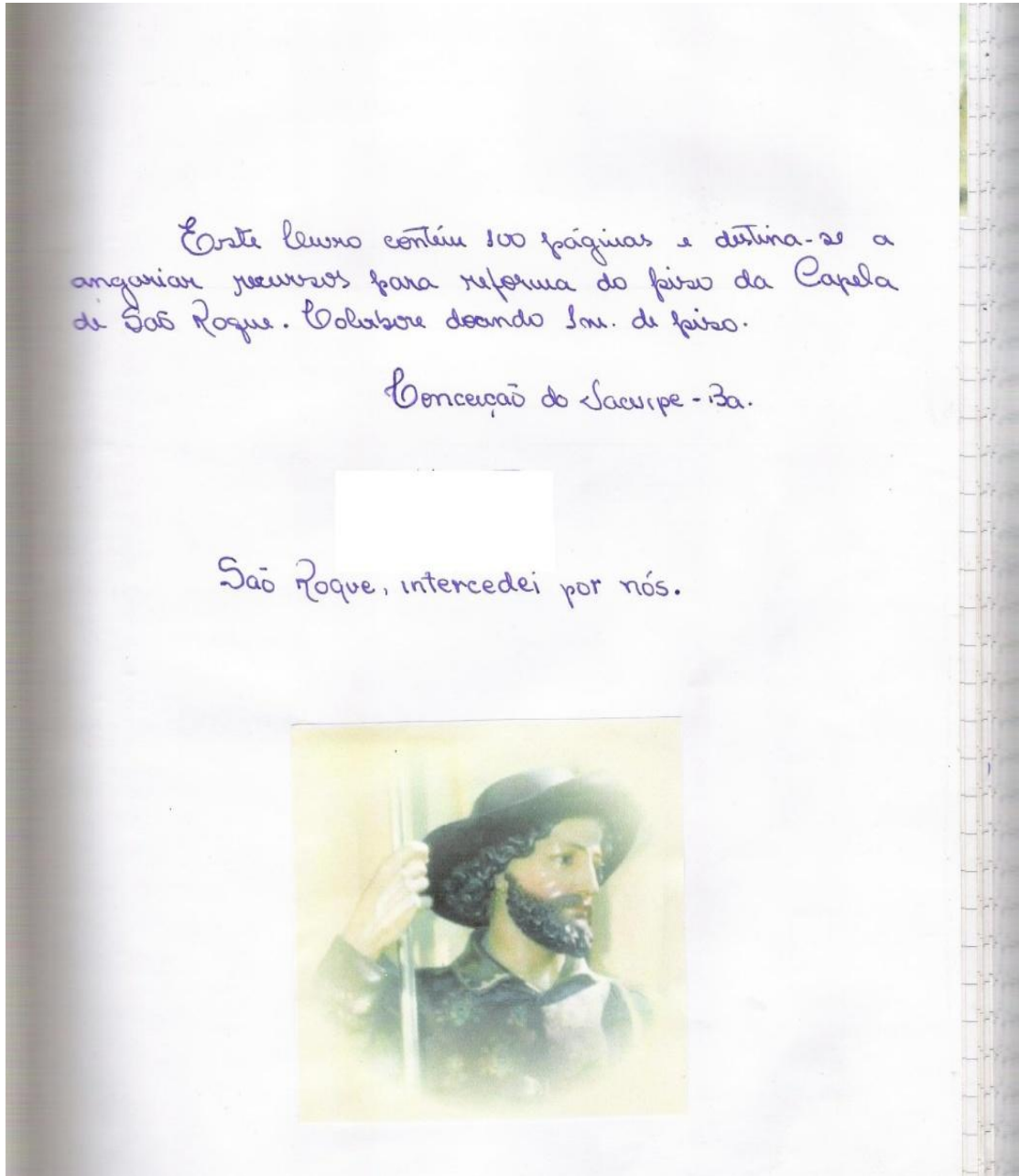
| | |
|--|---|
| NOVENARIO E / PROGRAMACÃO | |
| <p>07/08 – Quinta-Feira, 19:30 hs 05:00 hs – Alvorada Presidente: [redacted] Pregadora: [redacted] Noite dedicada: Pastoral familiar e os familiares Comunidades convidadas: Centro e Guedes Liturgia: Baldes</p> <p>08/08 – Sexta - Feira as 19:30 hs Presidente: Pregadora: Irmã [redacted] Noite dedicada: Hortifrutigajeiros, empresários fazendeiros e comerciantes Comunidade convidados: Deiró e Amparo Liturgia: Deiró (canto)</p> <p>09/08 - Sábado ,19:30 hs 05:00 hs- Alvorada Presidente: Pregador: Seminarista Noite Dedicada: Professores, diretores e estudantes Comunidade convidadas: Lages e Gameleira Liturgia: Gameleira.(canto)</p> <p>10/08 - Domingo, 19:00 hs Presidente: Pe [redacted] Pregador: Diácono [redacted] Noite dedicada: Pastoral catequética, catequistas e catequizando. Comunidade convidados: João Paulo II e Oitezeiro. Liturgia: Oitezeiro (canto)</p> <p>11/08 – Segunda - Feira, 19:30 hs Presidente: Pregador: Noite dedicada: Ministros Ex. da Comunhão Eucarística, Coroinhas grupo da 3ª idade “Ação” e vida. Comunidade convidados: Tanque Senzala, Campos, Volta, Urbes I e Parque Ouro Verde Liturgia: Ministério Diante do Rei (canto)</p> | <p>12/08 - Terça – Feira ,19:30 hs Presidente: Pe. [redacted] Pregador: [redacted] Noite dedicada: RCC, JUES MAC, MC, e conselho econômico Comunidades convidados: urbes II, são Francisco e nova Brasília Liturgia: RCC (canto)</p> <p>13/08 - quarta – feira, 19:30 hs 05:00 hs – Alvorada Presidente: Dom [redacted] Pregador: Dom [redacted] Noite dedicada: Apostolado da oração, MEJ Legião de Maria Comunidades convidados: Picado, Licuritiba, Zero Liturgia: [redacted] (canto)</p> <p>14/08-Quinta-Feira, 19:30 hs 15:00 – hs missa com os idosos e enfermos Presidente: Pe. [redacted] Liturgia: Baldes 19:30h - Novena Presidente: Pe. [redacted] Pregador: Pe. [redacted] Noite dedicada: Pastorais do dizimo, batismo, juventude Comunidade convidados: Bessa, Escoval e são Luiz Liturgia: Bessa (canto)</p> <p>15/08 - Sexta – Feira, 19:30 Presidente: Pe. [redacted] Pregador: Ministro [redacted] Noite dedicada: terço dos homens, ECC, MCC, Missionário Cristo Rei, autoridades do poder executivo, legislativo, judiciário, policia civil e militar. Liturgia: Ministério Diante do Rei (canto)</p> <p>A Festa - 16/08 - Sábado. 05:00 - Alvorada 18:00 hs - Procissão, em seguida Missa de Encerramento. Presidente: Pe. [redacted] Liturgia: Baldez Leilão de Prendas.</p> |

Textos 02: Folder com programação da festa do padroeiro.

Nas campanhas de arrecadação financeira ou de donativos, são produzidos bilhetes de rifas e pequenos textos de abertura dos chamados livros de ouro, nos quais são feitas listas com assinatura dos doadores ao lado da quantia ou produto que doaram. Tais livros são do tipo brochura, como os de ata, comprados em livrarias e que depois recebem uma capa ilustrada com algum motivo religioso, além de receberem um título específico, como o “Livro da Providência”, ou o “Livro da Boa Vontade”. Este último, mostrado abaixo, foi idealizado por MM e confeccionado com a ajuda de alguns jovens da comunidade, segundo ela informou, e era destinado à coleta de donativos para a reforma da igreja.



Texto 03: Capa do Livro da Boa Vontade



Texto 04: Termo de abertura do Livro da Boa Vontade

A ornamentação dos livros de ouro fica ao encargo de membros mais jovens da comunidade e que demonstram habilidades para esse fim, tarefa da qual participam AF e RS, respectivamente os mais novos dentre os homens e mulheres entrevistados. Uma vez confeccionados, os livros devem ficar sob responsabilidade dos membros mais velhos, sejam eles homens ou mulheres, a exemplo de JD, TF e MM, porque eles assumem funções de liderança nos grupos da igreja, ou de moradores a quem se credita respaldo para angariar contribuições. A cada pessoa é dado um prazo que varia entre oito e quinze dias de posse do livro, a fim de garantir a cada uma um período suficiente à procura de doadores.

A comunidade precisa prestar contas ao pároco da cidade quanto à movimentação financeira que realiza e, para isso, é preciso preencher um livro-caixa. Os registros feitos são geralmente de responsabilidade de JD e MM, que escrevem, em forma de lista, apenas as entradas e saídas de dinheiro, sem critérios contábeis formais. Ainda sobre essa prática, MM se queixa da dificuldade em compreender as orientações da secretária do padre, de modo que acaba por ter outro trabalho, ir à secretaria paroquial para explicar os registros, enquanto a secretária “conserta e passa a limpo” o que foi feito, criando outro livro-caixa. Depois disso, é preciso preparar, com a interferência da secretária, uma espécie de prestação de contas a ser lida no final das celebrações. Essa prestação, digitada por algum prestador de serviços, constitui-se numa lista de receitas e despesas e o saldo, informando aos presentes o destino de tudo o que foi arrecadado, como se mostra no texto nº 05 a seguir.

| CAPELA DE SÃO ROQUE | |
|--|--------------------|
| Comunidade do Baldez – Conceição do Jacuípe | |
| Prestação de contas parcial da reforma da Capela de São Roque – Comunidade do Baldez | |
| RECEITAS: | |
| Doações feitas no Livro da Boa Vontade até dia 07/08/08 | R\$13.095,22 |
| Saldo da Festa de São Roque ano 2007 | R\$ 800,00 |
| Saldo arrecadado até dia 07/08/08 | RS13.895,22 |
| DESPESAS: | |
| Compra do piso e revestimento | R\$ 3.942,66 |
| Fretê para transportar o piso | R\$ 931,48 |
| Compra de tintas | R\$ 1.080,00 |
| Pedras de Granito | R\$ 591,90 |
| Materiais Diversos (Argamassa, cimento, rejunte etc.) | R\$ 2.161,00 |
| Mão de Obra Pedreiro | R\$ 3.750,00 |
| Mão de Obra Pintura | R\$ 800,00 |
| Materiais Diversos (Espuma, tecido p/ almofada etc.) | R\$ 58,68 |
| Moldura p/ quadro | R\$ 24,00 |
| Recuperação da Imagem do Cristo no Globo | R\$ 40,00 |
| Partículas, Vinho, Hóstia | R\$ 39,50 |
| Total das Despesas | RS13.419,22 |
| Total da Receitas até dia 07/08/08 | R\$13.895,22 |
| Total da Despesa até dia 07/08/08 | R\$13.419,22 |
| Saldo em mãos até dia 07/08/08..... | RS 476,00 |
| (Quatrocentos e setenta e seis reais) | |

Texto 05: Prestação de contas para ser apresentada à comunidade

Dentre as práticas religiosas da comunidade, destaca-se o evento anual promovido pelo grupo de jovens da igreja. Esse evento, o Alerta Jovem, consiste na realização, durante uma semana, de palestras, apresentações de música, de dança, de teatro e de modalidades esportivas. A cada ano, da mesma forma como se escolhe o tema da festa do padroeiro, membros da comunidade, da faixa etária de 18 a 35 anos, dentre eles AB, LR, AF (do grupo dos homens), SB e RS (do grupo das mulheres), reúnem-se para definir o assunto que levam a público e que, segundo eles, deve promover uma reflexão sobre questões sociais, drogas, violência, meio ambiente, família e valores comportamentais. Esse evento rende uma farta produção escrita, pois são muitos os registros em cadernos sobre pauta das inúmeras reuniões que antecedem o acontecimento e que ocorrem toda segunda-feira à noite nas dependências da igreja. Nesses cadernos são escritas em forma de lista as providências a serem tomadas e seus respectivos responsáveis. Há também uma vasta produção de faixas e camisetas com o tema escolhido, além de *folders* e cartazes com a programação, como mostram os textos nº 06, 07 e 08 seguintes.



Texto nº 06: Faixa com tema do Alerta Jovem

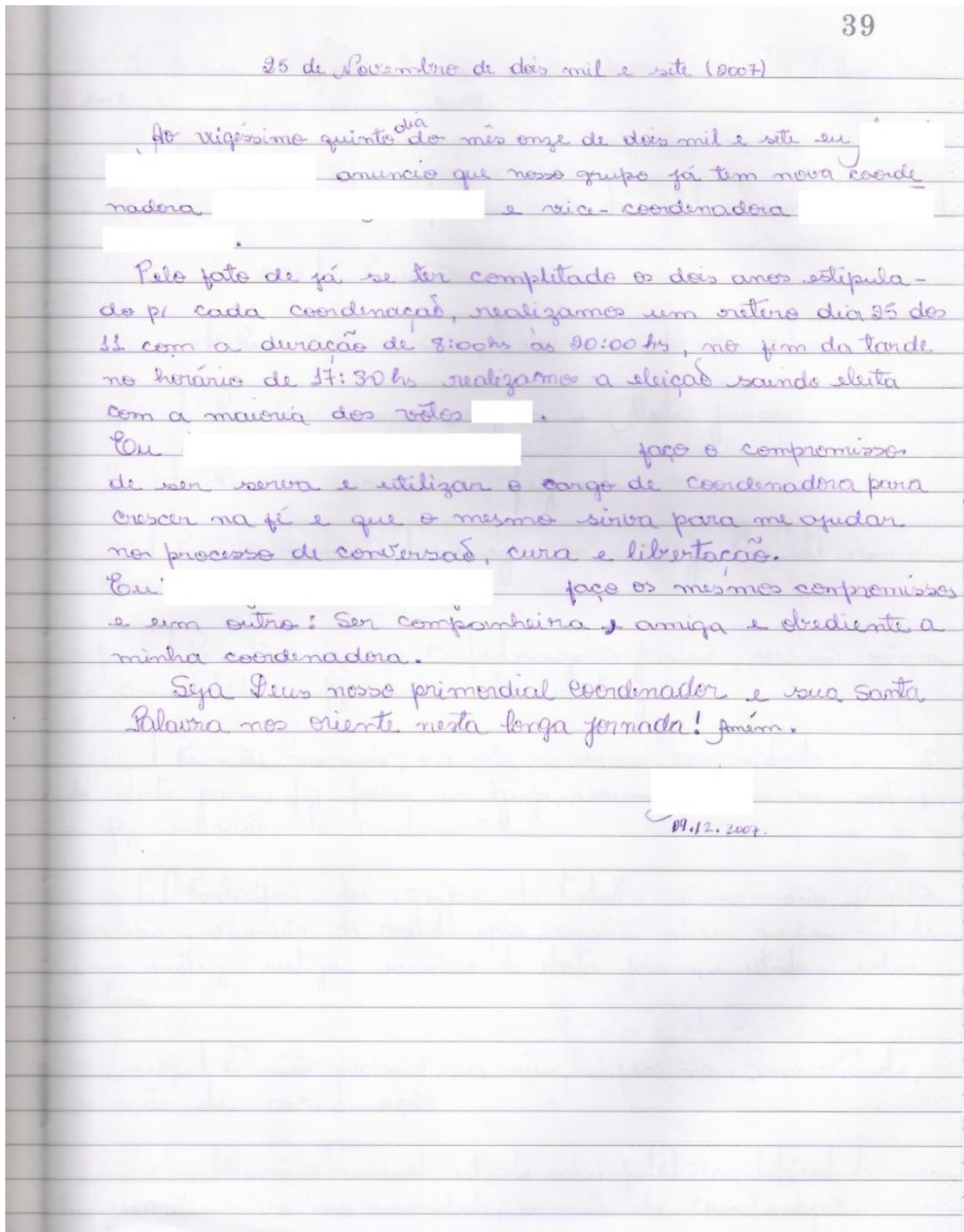


Textos nº 07 e nº 08: *Folders* do projeto Alerta Jovem

Como se trata de um evento na praça municipal do município, e que procura envolver muitas instituições, escolhe-se um membro, dentre alguns dos mais escolarizados líderes de movimentos e atividades (AB, LR, AF, SB e RS fazem parte desse grupo), para a elaboração de ofícios e convites destinados à prefeitura, à câmara de vereadores, às polícias civil e militar, à promotoria pública, bem como a sindicatos, escolas e igrejas de outras religiões. A composição de ofícios e convites ocorre sempre de forma compartilhada, entre duas ou três pessoas, mas tais textos são assinados somente pelo coordenador do grupo.

O texto nº 09 a seguir mostra a forma peculiar que alguns documentos assumem nos registros do grupo de jovens. Trata-se de uma ata com uma estrutura diferente do padrão para esse tipo de documento, porque o redator organiza o texto em parágrafos, deixando espaços em branco na folha e, no momento de citar a fala dos participantes identificando-as ele mesmo, usa o pronome de 1ª pessoa do singular para todos eles, seguido da assinatura de cada um. O final do documento apresenta estrutura e conteúdo com citações religiosas, como no

final do documento, que não se utilizam nesse tipo de texto, inclusive pela ausência das assinaturas que normalmente encerram uma ata. Apresentada em reunião posterior à data a que se referia, a ata foi lida para o grupo e aprovada, e algumas assinaturas foram colhidas, em lacunas específicas.



Texto nº 09: Ata produzida por AF com participação de RS.

O grupo de jovens da igreja, dentre os outros grupos (apostolado da oração e catequese, por exemplo), é o que mais apresenta atividades de escrita, seja por meio das atas das reuniões, ou dos vários cadernos com anotações e agendamentos das atividades que fazem parte dele. Nas reuniões desse grupo, a maioria dos participantes portava um pequeno caderno ou agenda para registro das decisões. Além disso, AF mostrou uma ficha que disse ter sido desenvolvida numa das reuniões do grupo e que correspondia a uma identificação individual de seus membros, a ser preenchida com alguns dados pessoais e outros referentes à participação no grupo, conforme se mostra a seguir, no texto nº 10.

JUVENTUDE
 FORÇA
 JOVEM
 COM
 CRISTO

Grupo de Jovem JFJC
Comunidade Católica do Baldez
(Paróquia Nossa Senhora da Conceição)
"Lembra-te do teu Criador nos dias da tua juventude"
 Ec. 12,1

Ficha de Identificação N° _____

Nome: _____
 Data de nascimento. Dia 27 Mês maio Ano 1981
 Endereço: Rua Prof. Palmira Santana da Silva
 Nome dos pais José Genesio da Silva e Adélia M^{te} Francisca Silva
 Quando entrou no grupo. Dia _____ Mês maio Ano 1998
 Porque e como entrou no grupo Porque fiz uma visita e fui bem
acolhido,
Porém a convite de Telma
 Qual o seu objetivo de participar do J.F.J.C? Concentrar-me pessoalmente
em Jesus através das experiências de orações e fazer
novos amigos
 Você pretende se doar para Cristo através do J.F.J.C? Como? Sim, estando presen
te nas reuniões e trabalhando toda vez que for
preciso.
 Como você acha que deveria ser o grupo e a igreja? Outros deveriam se atentar
para a realidade vivida pelo povo e ajudar e assumir
a preferência pelos mesmos.

Coordenador

Vice-Coordenador
 Nilton Queiroz

O Senhor nos chama a trabalhar!

44.245-000 Conceição do Jacuípe, Ba – Rua João Marinho Abade, 92.

Texto nº 10: Ficha de inscrição para o Grupo de Jovens

Existem ainda as práticas de escrita que fazem parte das aulas de catequese da comunidade. Dos sujeitos pesquisados, dentre os homens, AF e, dentre as mulheres, TF, MM e SB desenvolvem atividades na catequese, tendo, para isso, que preparar material escrito composto de produções individuais, mas que são lidos em voz alta durante as aulas.

Acrescenta-se também ao cotidiano de todos os sujeitos pesquisados, com exceção apenas, e mais uma vez, de FS e CP, a participação em cursos promovidos pela Arquidiocese de Feira de Santana, denominados Encontros Vocacionais e Escola de Preparação de Leigos. Conforme relataram os pesquisados, nesses cursos são discutidas questões políticas, noções de formação comunitária, além de preparação litúrgica para atuação nos grupos e pastorais da igreja. Após concluí-los, cada participante deve escolher um tema relacionado aos conteúdos do curso e compor um trabalho escrito no qual apresente considerações sobre o que aprendeu. Para ilustrar essa circunstância, é apresentado a seguir texto referente a um trabalho de final de curso. Este trabalho chegou às mãos da pesquisadora por meio de AF. Ele disse ser um trabalho de outro membro da comunidade e que essa pessoa não gostaria de entregá-lo com erros, por isso AF solicitava da pesquisadora que ela fizesse uma revisão. Entretanto, os textos já haviam sofrido interferência do próprio AF, como se pode notar pelas rasuras e correções. Quando questionado a esse respeito, AF confessou ter feito alterações, mas que precisava de alguém “mais entendido” para “corrigir melhor”. Ele é responsável pela parte litúrgica em celebrações e em outros eventos religiosos, por um grupo de oração e por oferecer orientação religiosa em um programa de rádio e isso o faz bastante procurado para que auxilie na elaboração de textos religiosos.

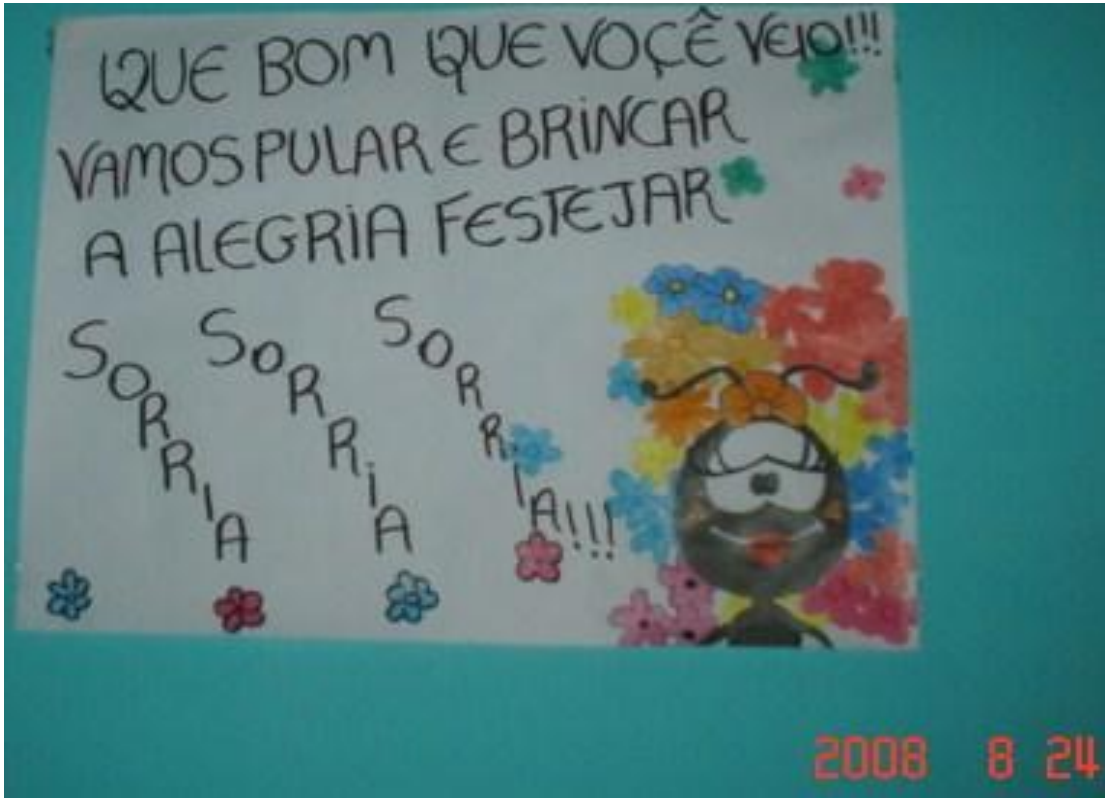
A seguir, o texto nº 11, que compõe o trabalho entregue por AF para correção:

Apresentação

Apresentar algo, ^{esper} para ser um conhecimento do conteúdo imediato, é um fato de muita responsabilidade pois neste período de formação ~~e~~ ~~incentivo~~ nossos formadores ~~seguem~~ ~~conhecendo~~ um caminho, no qual tivemos uma lição ~~de~~ ~~de~~ para Toda Vida. Aberto aqui a relação inter-jornal

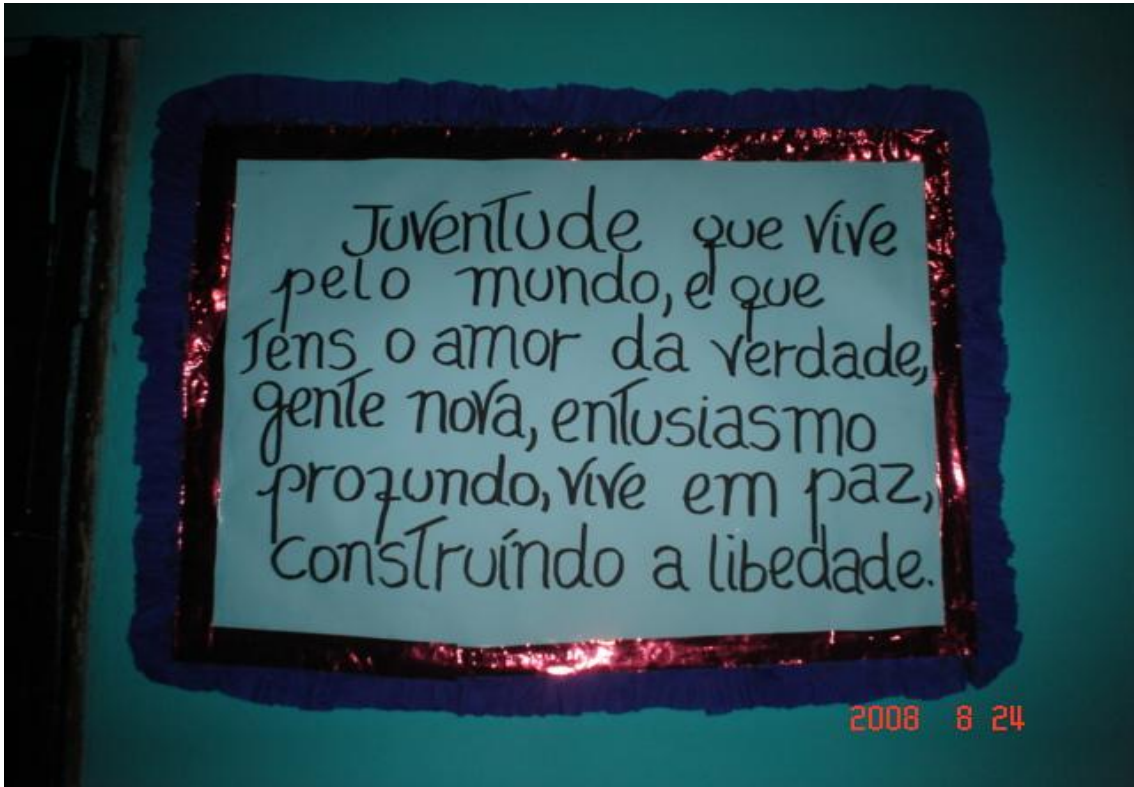
Texto nº 11: Parte do trabalho destinado ao curso da Arquidiocese

Os cursos promovidos pela Arquidiocese são de curta duração, variando entre um final de semana ou um semestre, com encontros quinzenais, e que exigem deslocamento para Feira de Santana. Outras vezes, por solicitação da comunidade, o padre do município e católicos de outras cidades são convidados a ministrarem palestras sobre diversos temas, ocasião na qual são preparados muitos cartazes com mensagens de boas vindas ou de referência aos assuntos a serem discutidos, como se mostra abaixo, no texto nº 12.



Texto nº 12: Cartaz de ornamentação das dependências da igreja

Constantemente, as dependências da igreja estão repletas de cartazes com textos copiados da Bíblia, com máximas, ou alguma exortação à participação da comunidade. A confecção desse material conta sempre com a produção, ajuda, ou supervisão, de AF e de RS. São cartazes muito coloridos e por vezes com tanto brilho que torna difícil a leitura, mas, segundo AF, tanto o conteúdo quanto o material empregado têm que expressar acolhida e representar um ambiente alegre. Preparar esse material pareceu uma atividade muito valorizada pelos mais jovens e incentivada pelos adultos mais velhos, principalmente por TF e MM. São estes alguns dos cartazes com textos colados às paredes das salas da igreja:



Texto nº 13: Cartaz de ornamentação das dependências da igreja



Texto nº 14: Cartaz de ornamentação das dependências da igreja

MM comentou que já preparou muitas encenações para as festas religiosas, mas, perguntada sobre os textos para ensaios e apresentações, disse que não escrevia para isso. Os participantes se orientavam em passagens bíblicas e reforçou, “não tinha nada escrito, era tudo na mente”.

Foram observadas leituras em voz alta de passagens bíblicas, principalmente de trechos dos evangelhos, em todos os encontros religiosos da comunidade. A leitura desse tipo de texto é sempre realizada por indivíduos mais escolarizados e com idade entre 20 e 35 anos, independente da função que exerçam nos grupos da igreja, mas, pelos comentários dos indivíduos no momento de escolher os leitores, faz-se uma seleção daqueles que “leem bonito”, ou seja, obedecendo à pontuação e pronunciando as palavras com clareza. São leituras para orientação religiosa e fundamentação bíblica. Dentre os pesquisados, os homens AB, LR e AF e as mulheres SB e RS são indicados para essas leituras, com destaque para AF, o locutor do programa de rádio, que também é o responsável por invocações e preces em vários eventos da comunidade. Há, entretanto, os casos específicos de JD e MM que apresentam dificuldades de leitura, na pronúncia de palavras e nas pausas, mas que algumas vezes se propõem a ler algo, atitude acatada pelos participantes dos encontros, ainda que se percebam certas trocas de olhares desaprovadores. Nesse caso, conta o fato de JD e MM desempenharem funções sociais de liderança comunitária.

Ao final das missas sempre se leem avisos para a comunidade e as prestações de conta de receitas e despesas da igreja. Encarregados disso normalmente são JD e AF, dentre os homens, e RS, dentre as mulheres.

São também lidos em voz alta, e pelos mesmos critérios de escolha dos leitores dos textos bíblicos, os textos referentes a documentos da igreja, cartas, ofícios, programações de eventos, convites e comunicados vindos de instâncias superiores da igreja e de outras comunidades. Essas são leituras em grupo com objetivos de instrução e informação.

No contexto religioso, além da intensa produção de textos, há muita cópia. Máximas religiosas, excertos de textos bíblicos, trechos invocatórios de orações, frases de efeito e provérbios estão sempre presentes em cartazes (como nos textos 13 e 14), faixas, cadernos, agendas, recortes de papel, camisas e até compondo atas de reuniões dos grupos da igreja (texto nº 09). Ainda nesse contexto, quando se trata dos usos coletivos, os mais jovens são os que mais copiam.

II- A escrita em práticas compartilhadas de lazer

A comunidade não dispõe de opções de lazer, muito menos de espaços destinados a esse fim, como uma praça ou lanchonetes, por exemplo. Assim, as práticas de lazer, pelo que se observou, estão de certa forma muito relacionadas às atividades religiosas.

Neste item, adotou-se a perspectiva dos sujeitos pesquisados sobre o que consideravam atividades de preenchimento do tempo livre, realizadas voluntariamente e por prazer junto a outras pessoas.

Os sujeitos pesquisados foram unânimes ao afirmar não dispor de tempo e recursos financeiros para se divertir. Todos os adultos mais velhos (FS, JD, CP, TF e MM) disseram estar sempre ocupados e preocupados com familiares doentes ou com os próprios filhos, de forma a considerar como lazer algumas atividades das quais participam na igreja e que, segundo eles, suprem, mesmo de modo limitado, suas necessidades de diversão.

Os adultos mais jovens (AB, LR, AF, SB e RS) se mostraram mais ressentidos pela carência de momentos de lazer do que os mais velhos. Afirmaram que gostariam de poder, com amigos da comunidade, frequentar as pizzarias do centro da cidade, fazer pequenas viagens a alguma praia ou sítio. Entretanto, a exemplo dos adultos mais velhos, só que por falta de opções, confessaram ter, em algumas atividades da igreja, a possibilidade de se divertir.

Há também os momentos de confraternização citados pelos entrevistados como atividades de lazer (retiros espirituais no Carnaval, Páscoa, festas juninas, as comemorações pelo sucesso dos eventos da comunidade e o Natal), nas quais a escrita se manifesta nas trocas de mensagens pessoais. Para essas trocas, os presentes podem escolher cartões, pedaços de cartolina colorida ou papel sulfite, recortados quase sempre em forma de coração, nos quais escrevem para quem gostariam de homenagear mensagens classificadas em duas categorias, amor e amizade. Tais mensagens são então depositadas em duas caixas, conforme sua categoria, e depois são lidas por alguém para que todos as ouçam e conheçam remetente e destinatário, que se levantam, cumprimentam-se e são aplaudidos em meio a comentários e gracejos da plateia. Ler publicamente as mensagens trocadas através de cartões é uma prática bastante estimulada entre todos. Em consequência disso, os intervalos para leitura nos encontros informais são longos, mas de grande interesse para os participantes. As cópias também surgem com grande ênfase nesses encontros por causa das mensagens, muitas delas composições formulaicas destinadas à leitura coletiva.

Dos sujeitos pesquisados, FS e CP, os mais velhos de ambos os gêneros, foram os únicos a não participar desses momentos de confraternização; alegaram não ter idade para tanto, mas que, quando mais jovens, também participavam e se divertiam como os demais. Todos os outros pesquisados tanto recebiam mensagens como as escreviam, sendo que JD, AF e RS presidiam esses eventos e eram os mais entusiasmados com essa atividade, enviando e recebendo muitos cartões, em razão das funções sociais desempenhadas por eles: JD, líder comunitário; AF, locutor do programa religioso da rádio comunitária e organizador do grupo de oração e de liturgias; e RS, presidente da associação de moradores e coordenadora do grupo de jovens da paróquia.

As mensagens escritas em cartões, na maioria das vezes, mesclam trechos de uma escrita clichê, construções retextualizadas de textos poéticos e de versículos bíblicos, em meio a interrogativas diretas e hesitações típicas de uma conversação.

Como existe uma preocupação com que todas as pessoas presentes sejam contempladas, fato curioso chamou a atenção da pesquisadora. Convidada para uma confraternização na festa de São Pedro, ela foi surpreendida pela leitura de um cartão de amor, cujo remetente assinava como seu esposo, que estava presente. Entretanto, o cartão, apresentado a seguir, foi produzido por um membro da comunidade, não identificado, para ser lido e entregue como os demais, ato interpretado como uma maneira de fazer com que a pesquisadora e seu esposo fossem induzidos a participar dessa prática de escrita local.



Oração para recuperar a saúde

Senhor Jesus Cristo, divino médico. Vimos ao vosso encontro, para sermos curados pela vossa bondade e misericórdia, assim como curastes e perdoastes aos que de vós se aproximavam com humildade e confiança. A vós suplicamos, divino médico, tocai-nos com o vosso santo espírito, e se for da vossa vontade, sejamos curados das doenças do corpo, da alma e do espírito, e assim possamos viver a vida na paz e na alegria de Cristo, nosso Senhor. Amém.

Si eu subisse
 escrever na água
 como escreve
 na areia
 escreveria
 seu lindo
 nome no
 sangue da minha
 vida
 Valdeir

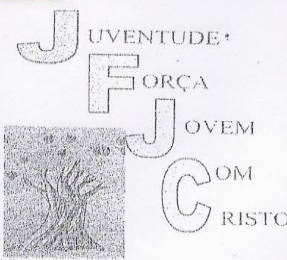
MSO-26
 JIA
 CART
 7 897668 106464

Texto nº 15: Cartão oferecido à pesquisadora.

Outras leituras coletivas ocorreram nas confraternizações. Nessas ocasiões, havia sempre mensagens religiosas a serem lidas, textos colhidos da internet com histórias de superação de dificuldades, de mudanças comportamentais (sempre do mal para o bem), textos retirados de livros de auto-ajuda que, depois de lidos, eram brevemente comentados por quem queria se expressar, independentemente do grau de escolaridade, idade e função exercida na comunidade, já que eram momentos de descontração, predispondo a uma participação mais livre.

Dos sujeitos pesquisados, mais uma vez, FS e CP, os mais velhos de ambos os gêneros e também os menos escolarizados não foram vistos participando dessas leituras compartilhadas. Os demais pesquisados, ao contrário, estavam sempre envolvidos e dispostos a fazer leituras nas ocasiões de confraternização.

Quando o grupo de jovens se encontrava para as confraternizações, e até mesmo nas reuniões de rotina, ocorriam muitas dinâmicas de grupo e, por vezes, a escrita surgia, por exemplo, como resultado de algum teste para identificação e exposição de qualidades pessoais. Nesse caso, os registros escritos correspondiam a cópias de testes encontrados em revistas ou em algum material de auto-ajuda, como mostrou AF no texto nº 16 abaixo, uma lista de tipos de personalidade apresentados por meio de leitura em voz alta, com o objetivo de que os presentes pudessem se identificar com algumas características e expusessem oralmente para a apreciação dos demais.



JUVENTUDE
FORÇA
JOVEM
COM
CRISTO

Grupo de Jovem JFJC
Comunidade Católica do Baldez
(Paróquia Nossa Senhora da Conceição)
"Lembra-te do teu Criador nos dias da tua juventude"
Ec. 12,1

No GRUPO EXISTE CADA TIPO.

NEURÓTICA: Exagerada, fala muito faz pouco, Distorcem as coisas, barrenta, Dramática, sente-se culpada, cheia de dúvida, crise de consciência. Existe tratamento e tem cura. 90% dos casos ocorrem com as mulheres.

PIEDOSA: Inteligente, Quer ver o outro sofrer e quanto ele sofre, Nega sempre, Nunca sente-se culpada, Se passa por psicótica. Não existe tratamento e não tem cura. 99% dos casos ocorrem com os homens.

PSICÓTICA: Relação entre mãe e filho, Amor e ódio, A mãe é tudo e pai é nada, o pai é sempre excluído e nunca incluído, tem grande possibilidade de suicidar-se.

SANGUÍNIO: Bom líder, atrai pessoas, inseguro, não segue de braços, gosta de conversar, Não para (está sempre em movimento), egoísta, individualista, desinibido, pra ele tudo é festa.
Personagem bíblico: PEDRO - Mateus 12, 14-15

MELÂNCOLICO: Talentoso, detalhista, abnegado, ira = Êxodo 32, 19, complexo de inferioridade = Êxodo 5, Números 11, 10, DEPRESSÃO.
Personagem bíblico: MOISÉS

MANÍACO: De fácil convivência, calma, conservador, lento, equilibrado, falta de motivação, cauteloso = Gênesis 1, 1-6, bom ouvinte = gen 3, 8, passivo, temeroso = gen 11 e 20, frio, sem emoção, eficiente, não se ofende - gosta de ser conselheiro.
Personagem bíblico: ABRAÃO = CAUTELOSO

Coordenador

Feliz o homem, cujo Deus é o Senhor!

44.245-000 Conceição do Jacuine. Ba - Rua João Marinho Abade. 92.

Grupo de Jovem JFJC
Comunidade Católica do Baldez
(Paróquia Nossa Senhora da Conceição)
"Lembra-te do teu Criador nos dias da tua juventude"
Ec. 12,1

JUVENTUDE:
FORÇA
JOVEM
COM
CRISTO

Colérico: Povo curto, agitado, cabeça quente, perssele nante, serimonioso, Características:
Crueldade x Perversidade = Satisfação do meu Ego
AGRESSIVIDADE = ATOS 15
AUTO-SUFICIÊNCIA = O QUE ELE FAZ É SEMPRE O MELHOR.
DINÂMICO = ATOS 16, 16
PRÁTICO = ATOS 20, 7
Personagem bíblico = PAULO...

TIPO CACTO: Intratável, espinhoso, polémico, sempre descontente, irritável. Já picadas em quem se aproxima. Desconhece seus problemas nos outros.

TIPO AVESTRUZ: Muito tímido, bloqueado, cheio de medo, fechado em si mesmo (ensismado). Não quer problemas p^{ro} não se comprometer.

TIPO BORBOLETA: Inseguro, carente, faz tudo para obter afeto e admiração. Superficial, sem caráter e pouco sincero.

TIPO FURACÃO: Está sempre no ataque, frequentemente vulgar, e com escassa sensibilidade. Favorece os outros pelos próprios interesses.

TIPO TARTARUGA: Velho antes do tempo. Preguiçoso, lento, sem vontade. Sem interesses nem motivações particulares. Paralisa-se na vida.

TIPO PAVÃO: Vaidoso, gosta de se esibir. Julga-se o melhor de todos. Geralmente bonito, mas com pouco miolo. Gosta dos rótulos e das exterioridades.

Coordenador

Feliz o homem, cujo Deus é o Senhor!

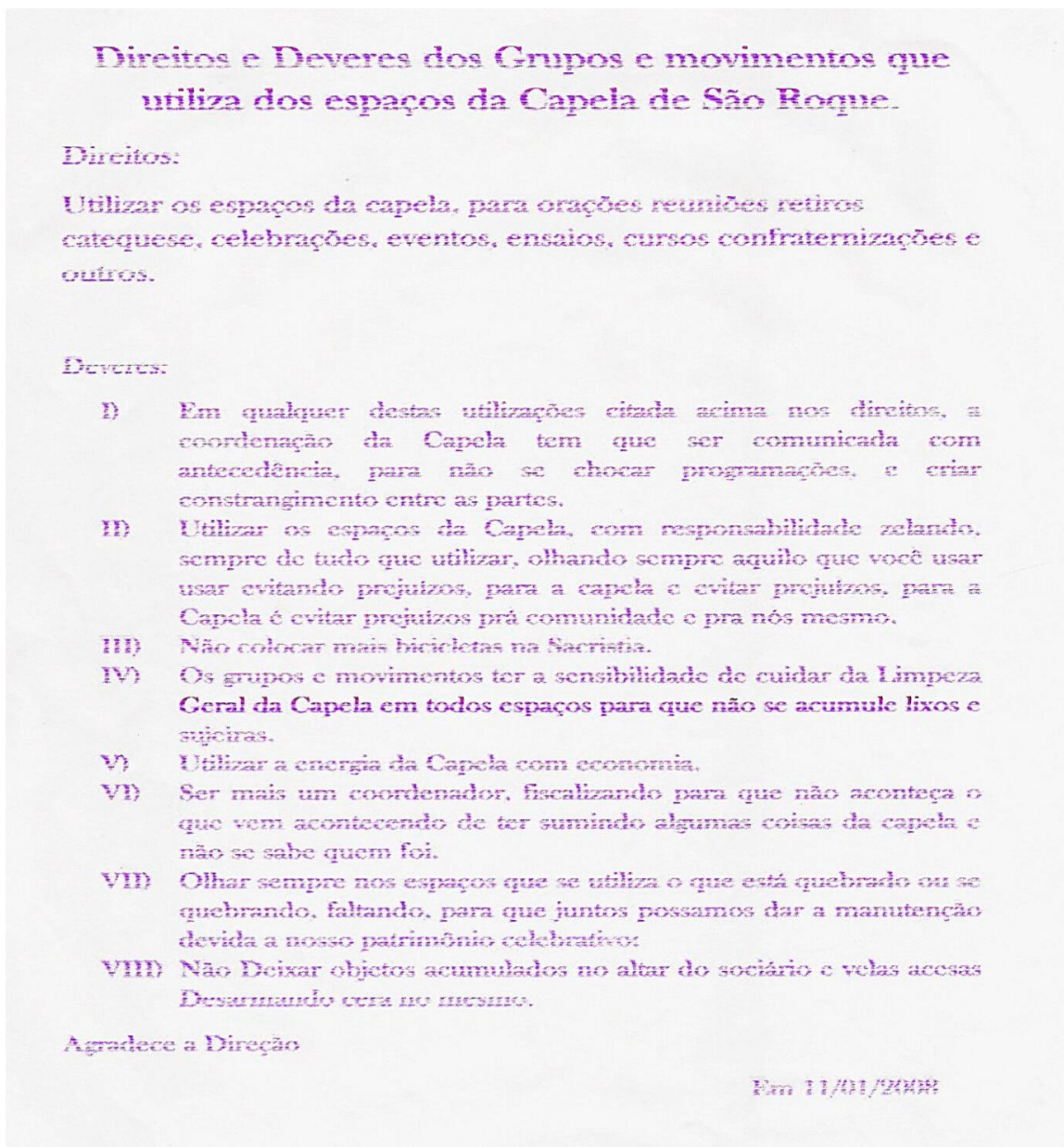
44.245-000 Conceição do Jacuine. Ba - Rua João Marinho Abade. 92.

Texto nº 16: Lista de tipos de personalidade usada em dinâmica de grupo

Nota-se que algumas características de personalidade estão relacionadas a personagens bíblicos, de acordo com indicações de leituras também bíblicas feitas, sem indicação bibliográfica.

III- A escrita em práticas de liderança comunitária

A função de JD como coordenador e “animador” de comunidade o motivou a elaborar um estatuto que denominou “documento com direitos e deveres” (texto nº 17 abaixo), já que, conforme se queixou, falta compreensão de algumas pessoas que o deixam sobrecarregado de atividades, utilizam as dependências da igreja e não colaboram na manutenção do espaço. JD mandou digitar o estatuto, fez cópias e as distribuiu entre as pessoas numa das reuniões da comunidade. Contou ter feito a leitura do documento para discussão e avaliação dos presentes, que teriam concordado com o seu teor, embora não o coloquem em prática.



Texto nº 17: Estatuto produzido por JD

JD também mencionou a utilização de cadernos para registro e organização de suas atividades como coordenador da igreja, mas não os disponibilizou para consulta, apenas mostrando um deles. Também disse que elaborou um texto (nº 18, a seguir), uma espécie de descrição do que considera um ideal de comunidade. Com as mesmas providências em relação ao estatuto, encomendou a digitação, fez cópias e as distribuiu com pessoas da comunidade, sendo que, dessa vez, deixou registrada sua assinatura em cada reprodução.

A Comunidade e seu Perfil

O que é uma Comunidade?

Comunidade significa comum acordo, é viver todos como família coletivamente ajudando um ao outro sem medir distâncias, achando que a comunidade é resume a pequeno grupo de pessoas.

É procurando entender as pessoas que está a sua volta com os seus defeitos e suas virtudes participando das suas alegrias, de suas tristezas, sofrimentos e dores dividindo para se todos momentos e etapas da vida de sua comunidade.

Não colocando as responsabilidades para os outros achando que da sua parte já fez tudo.

Ser comunitário não é achar que outro é inútil, mais é dar oportunidade com humildade, para que juntos possamos comungar as mesmas idéias e propostas para o bem comum , de um povo que ama e a colhe com o mesmo amor das primeiras comunidades cristã, guiadas pela presença de cristo.

Perfil:

Vivermos a exemplo de Jesus, dando exemplo de vida comunitária sendo solidários ,compreensivos, coerentes, benfazejos, solícitos. Responsáveis. Fies e amáveis.

Sorria: Jesus te Ama

Jesus te espera

Jesus te quer

Jesus te Admira

Pelos seus atos:

Aqui estava, em diagonal, a assinatura de JD, como se para confirmar sua autoria e responsabilidade

Os textos nº 17 e nº 18 de JD, conforme se vê, foram submetidos à digitação e, portanto, provavelmente sofreram interferência de quem os digitou. Além disso, principalmente em relação ao texto nº 18, percebem-se expressões formulaicas ou clichês e trechos que provavelmente foram copiados dos próprios textos que ele disse ler, devido às suas experiências com a escrita e à pouca escolaridade.

As reuniões da associação de moradores, ou de eleição de novos coordenadores dos grupos da igreja, vez por outra, são registradas em atas. Existem livros de ata destinados a cada grupo e as atas são produzidas por algum participante escolhido – pelo que se pôde notar, aqueles mais escolarizados e adultos mais novos, como AB, LR e AF (homens) e SB e RS (mulheres). O procedimento para a elaboração desses documentos normalmente é o seguinte: quem redige a ata observa as discussões, delas também participa e escreve os fatos que considera mais importantes em uma folha avulsa, em caderno ou agenda. Depois essa mesma pessoa passa a limpo os registros, posteriormente, em sua casa. Para isso, leva consigo o livro de ata e o devolve numa próxima reunião na qual faz a leitura em voz alta e colhe as assinaturas dos presentes, inclusive daqueles ausentes na reunião anterior. São, portanto, dois momentos de escrita. Como há uma grande mobilidade desses livros, eles nunca se encontram guardados num mesmo lugar ou em posse de uma mesma pessoa, acarretando em perdas e extravios de alguns deles.

AB fez menções constantes ao livro de atas da associação, pois, ao relatar alguma ação por ele liderada, dizia ter registrado tudo em atas e que elas estavam à disposição para consulta, mas, como não sabia com quem estavam, tentaria localizá-los para mostrar à pesquisadora o que havia feito. Tais livros foram muito tempo depois coletados em mãos de LR, que os havia recolhido das mãos de outro sujeito da comunidade que passou a ajudar nos trabalhos da associação.

Num dos livros de ata, foi possível localizar atas atribuídas a AB, LR e SB, como mostram os textos nº 19, 20 e 21 abaixo.

Ata de reuniões da Associação dos Moradores do Bairro do Baldez, ao vigésimo segundo dia do mês de maio de dois mil e três às dez e nove horas e trinta minutos, reuniram-se extraordinariamente a associação no rua transversal das Acácias s/n, na residência do senhor [redacted] es. Do diretório se fizeram presentes o Sr presidente [redacted] primeiro tesoureiro, os demais diretores por motivo pessoal não puderam participar. Eu Admilson levei a todos para orar o Pai-massa, em seguida expliquei o que tenho feito para atualizar a documentação, inclusive o título de utilidade pública projeto do vereador [redacted] e apoio de todos para fortalecer-mos nossa associação e, todos mostraram-se dispostos, convidei os presentes para um reunião com todas as associações e o prefeito municipal [redacted] no dia vinte e quatro do corrente, às dez e nove horas no salão do Café de São Roque no rua João Morinho abade. Foram levantados diversos problemas do nosso bairro como: calçamento, ou de imediato aterro para os buracos que acumulam água e lama nos dias chuvosos, iluminação pública e coleta de lixo que não ocorre com frequência.

Ata de reunião da Associação dos Moradores do Bairro de Baldez. Ao 15^o sítimo sétimo dia do mês de fevereiro de dois e quatro, no fundo da Capela São Roque. Onde o presidente iniciou com a oração do país se, colocando como assunto as regularidades da Associação como, estatuto da Associação, ficha de inscrição, lanonê, também comentou de benefícios de que será associado. Ainda sobre os sócios o presidente reforçou o convite a várias pessoas pagarem suas mensalidades. Como trabalhos a serem desenvolvidos disse que já está para iniciar o curso Pré-vestibular. Informados sobre o projeto da construção do sede da Associação que fora aprovada no orçamento para o ano de dois e quatro no orçamento da prefeitura. Sendo feito um Ofício (requerimento) pedindo um espaço livre de tempo na Turbuna da casa da cidadania. A moradora do Bairro [redacted] manifestou com indignação e reclamação a lancha de Transtorno a vida dos moradores e seus transeuntes das ruas São Roque e João Marinho Abade. O senhor [redacted] falou o respeito a respeito da rua Professora Maria José que acumula lixo e mal cheiro, reivindicou iluminação na mesma rua que já aconteceu até assalto. O presidente fez da necessidade tanto de se ter uma área de lazer como um Campo de futebol. [redacted] deu votos à coordenação da Associação. O senhor [redacted] expressou a alegria de estar participando das reuniões: está abaixo assinado [redacted] por mim assinada:

Texto nº 20: Ata redigida por LR, quando presidente da associação de moradores

37

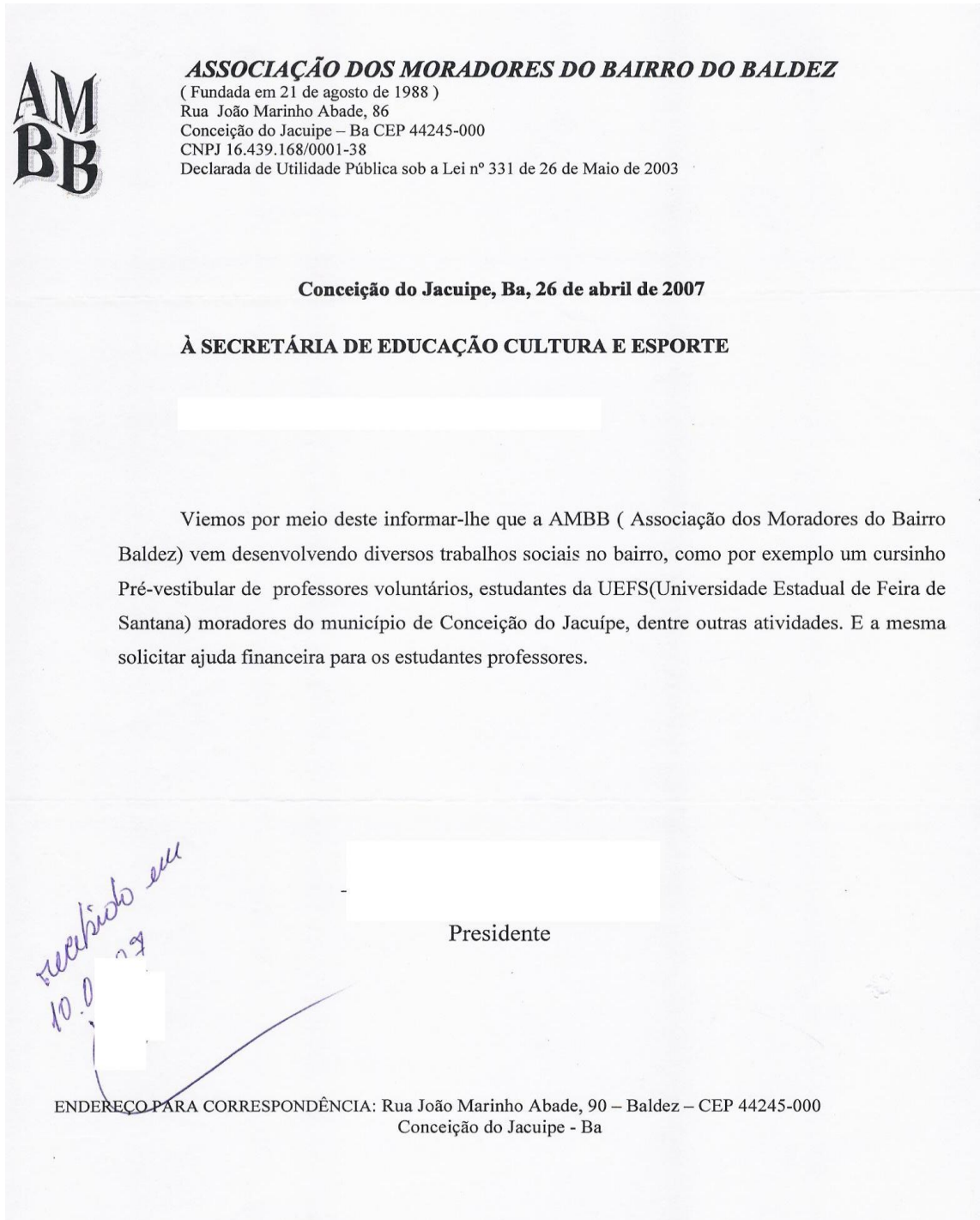
ta de reunião com a diretoria da Associação dos Moradores de
 Baldez, ao vigésimo sétimo dia do mês de junho de
 dois mil e oito, às dezesseis horas. O presidente
 deu início a reunião, falando a respeito da
 pessoa Sandra Sílvia Araújo Benquero, que pediu autorização
 AMBB para realizar uma pesquisa histórica e etnográfica
 na comunidade de Baldez, pesquisa esta onde serão colhidas
 histórias orais, fotográficas e também serão gravadas entre-
 vistas com os moradores do bairro. Sendo que a pesquisa es-
 trelada ao programa de Pós-graduação em estudo de
 mulheres da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. (AMBB
 Associação dos Moradores de Bairros de Baldez) entende que esse
 projeto é de fundamental importância para a comunidade pois
 trata de um levantamento histórico que ficará registrado
 na própria comunidade para conhecimento público. E além dis-
 senta como divulgação da própria AMBB perante a comu-
 nidade de moradores do bairro. Sendo por encerrada esta
 reunião em _____ primeiro secretário
 da ata, onde os demais presentes assinam.

Texto nº 21: Ata de reunião da associação de moradores redigida por SB

Sobre sua produção escrita, AB disse não escrever nada, mas, ao longo de seu depoimento, revelou ter escrito sobre o que julga ser um mandato popular; escrevia num caderno suas pretensões políticas e apresentava aos eleitores, de casa em casa. Disse ter escrito inclusive um resumo de sua vida, feito algumas cópias, com ajuda financeira de amigos e de alguns moradores do bairro, distribuindo-as na campanha eleitoral. Ele não

mostrou esse material porque alegou não lembrar onde havia guardado, entretanto, seu relato pôde ser confirmado nos depoimentos de LR e RS, que falaram da tentativa de eleger um representante da comunidade e de como a campanha foi feita.

Ofícios assinados por LR também foram coletados, como mostra o texto nº 22 a seguir.



Texto nº 22: Ofício de LR, quando presidente da associação de moradores

Mesmo não ocupando mais a presidência da associação de moradores (função exercida por RS), LR demonstrou ter alguma responsabilidade sobre a correspondência oficial da instituição quando os textos se destinam a órgãos oficiais (prefeitura, câmara de vereadores, promotoria pública, autoridades da igreja católica). Nessas situações, ele auxilia RS na elaboração dos textos que são lidos nas reuniões da associação de moradores para que os presentes fiquem cientes dos contatos feitos com outras instituições bem como da finalidade dessas comunicações. Nesse caso, RS, como presidente da instituição, AB e LR, como ex-presidentes e reconhecidamente mais atuantes nas questões sociais do bairro, são os que realizam essas leituras.

4.3 A ESCRITA NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS INDIVIDUAIS

I- Atividades de escrita em práticas religiosas

a) Sobre os homens:

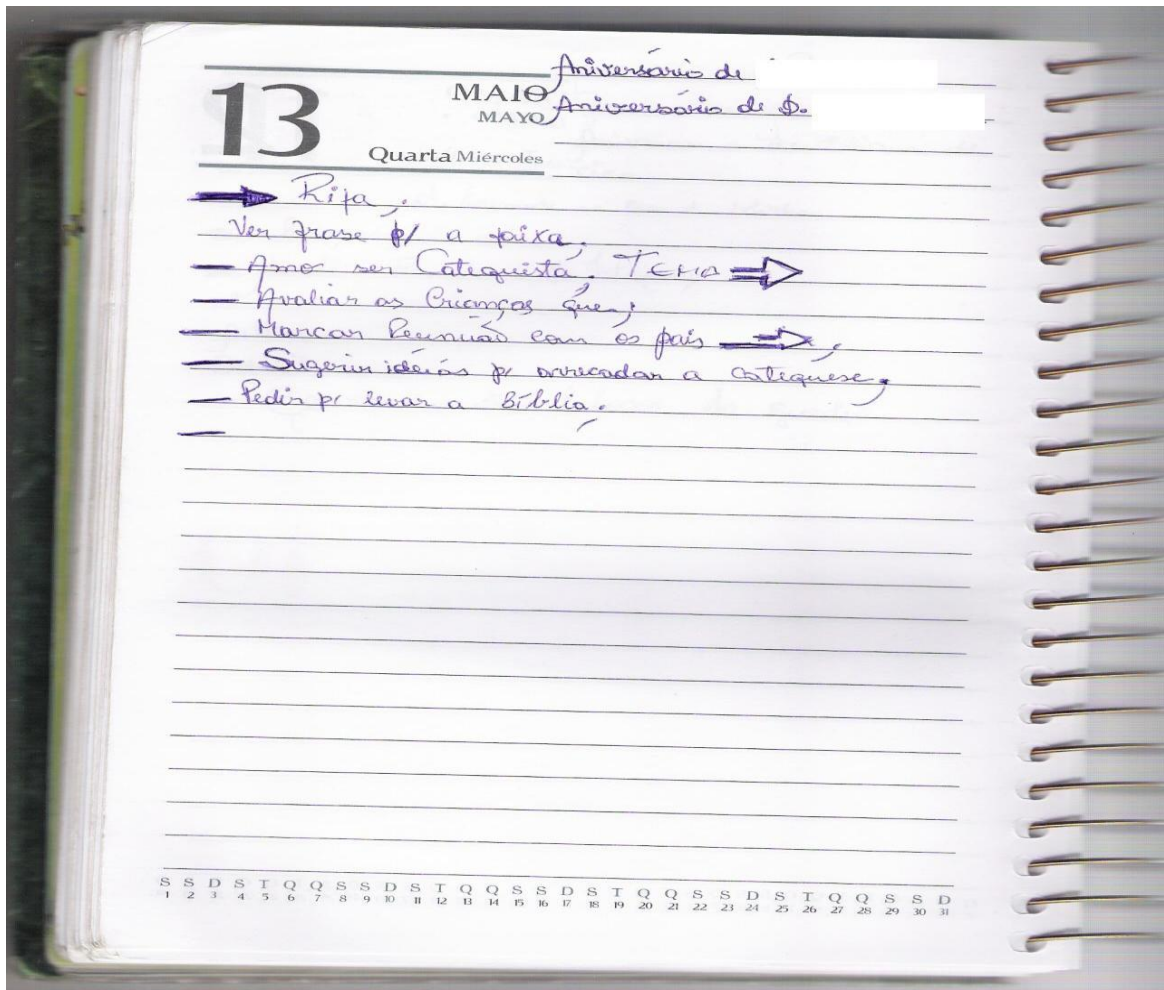
Em relação aos homens mais velhos e de baixa escolaridade, FS, apesar de ter declarado não ter tempo para ler, demonstrou, em sua fala repleta de referências religiosas e passagens bíblicas, uma prática de leitura da Bíblia e de textos de cunho religioso, o que foi confirmado ao se observar sua participação nas atividades da igreja católica do bairro. Mas, ao ser elogiado por se expressar bem e por seu vocabulário amplo, ele creditou isso à “força do destino” ou que poderia ser um “dom dado por Deus”. Já JD afirmou ler textos religiosos, principalmente em razão dos cursos que fez na escola de Formação de Leigos, pois tais cursos orientavam suas leituras para temas voltados à vida religiosa; entretanto, ele não forneceu mais informações sobre esses textos. De modo específico, JD mencionou a leitura de um livro que, segundo disse, não é recomendado pelos padres por fazer revelações “muito fortes sobre a criação e fim do mundo”, além de informações sobre a igreja. Disse que posteriormente emprestaria o referido livro à pesquisadora, mas, quando o fizesse, ela teria que ter cuidado ao lê-lo, pois uma parenta dele teria ficado com o “juízo fraco” diante do conteúdo do livro.

Dos homens mais jovens e de mais escolaridade, apenas AF citou a escrita religiosa e apresentou textos referentes a ela. Ele contou que tentou ser padre e, nessa época, trocava cartas com um sacerdote que o orientava. AF denominou “diário espiritual” o conteúdo dessas cartas, pois nelas tinha que relatar sua vida cotidiana e seu histórico. Primeiro enviou uma

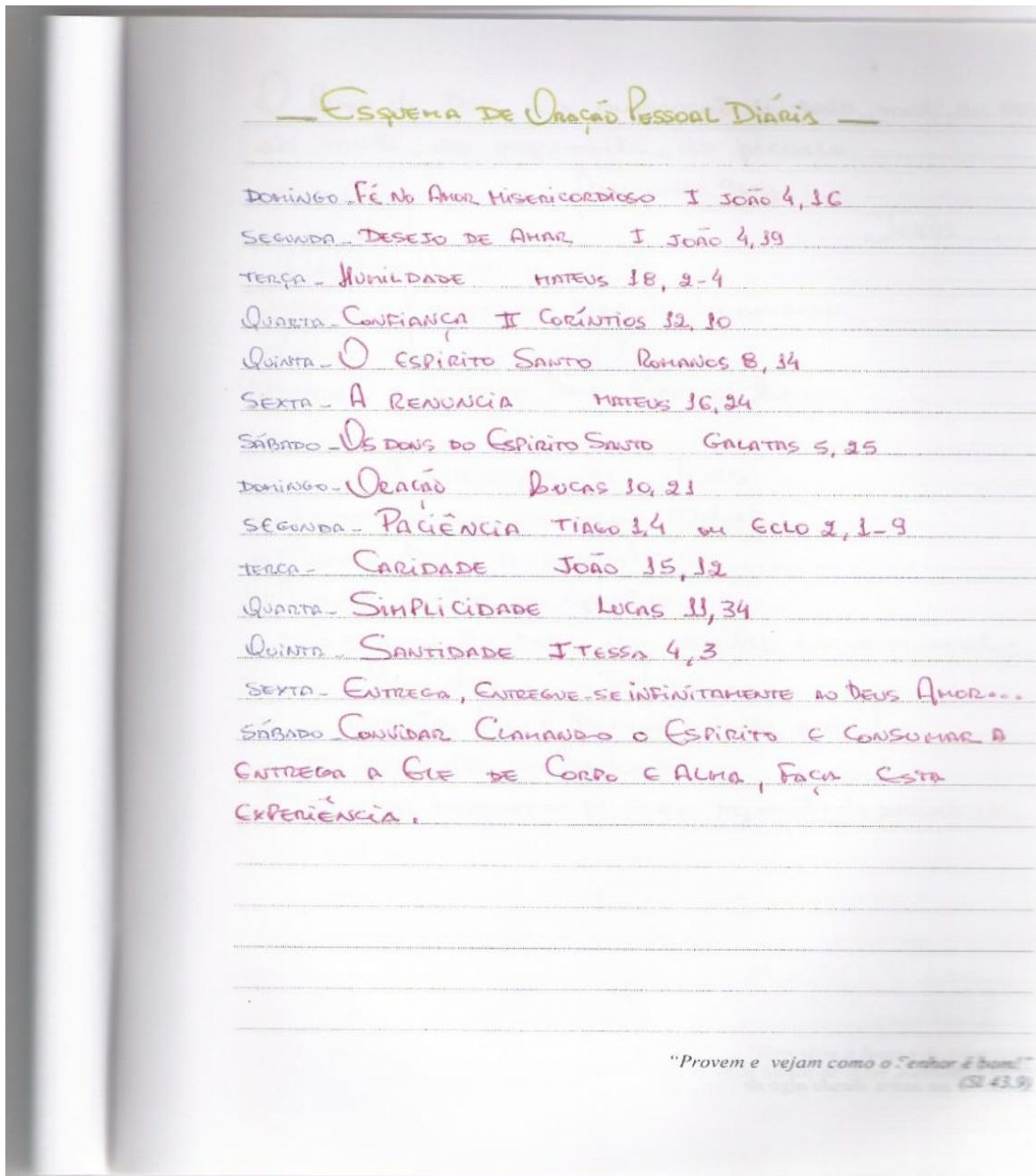
carta na qual se apresentava a um instituto católico de formação eclesial, no sul da Bahia, para onde iria se fosse aceito como seminarista; depois fazia resumos do que havia acontecido com ele e enviava ao padre, a cada mês. Sobre as cartas, ele relatou não ter tido qualquer dificuldade em escrevê-las, em razão de se tratar de sua própria vida.

AF possui muitos cadernos nos quais estão registradas mensagens, cronograma de atividades, sugestões de trabalhos e apresentações nas atividades da igreja. Há também, nesses cadernos, muitas citações copiadas de textos de autores religiosos, de partes da Bíblia ou pensamentos e pequenas narrativas de autoria desconhecida, mas de circulação fácil na internet.

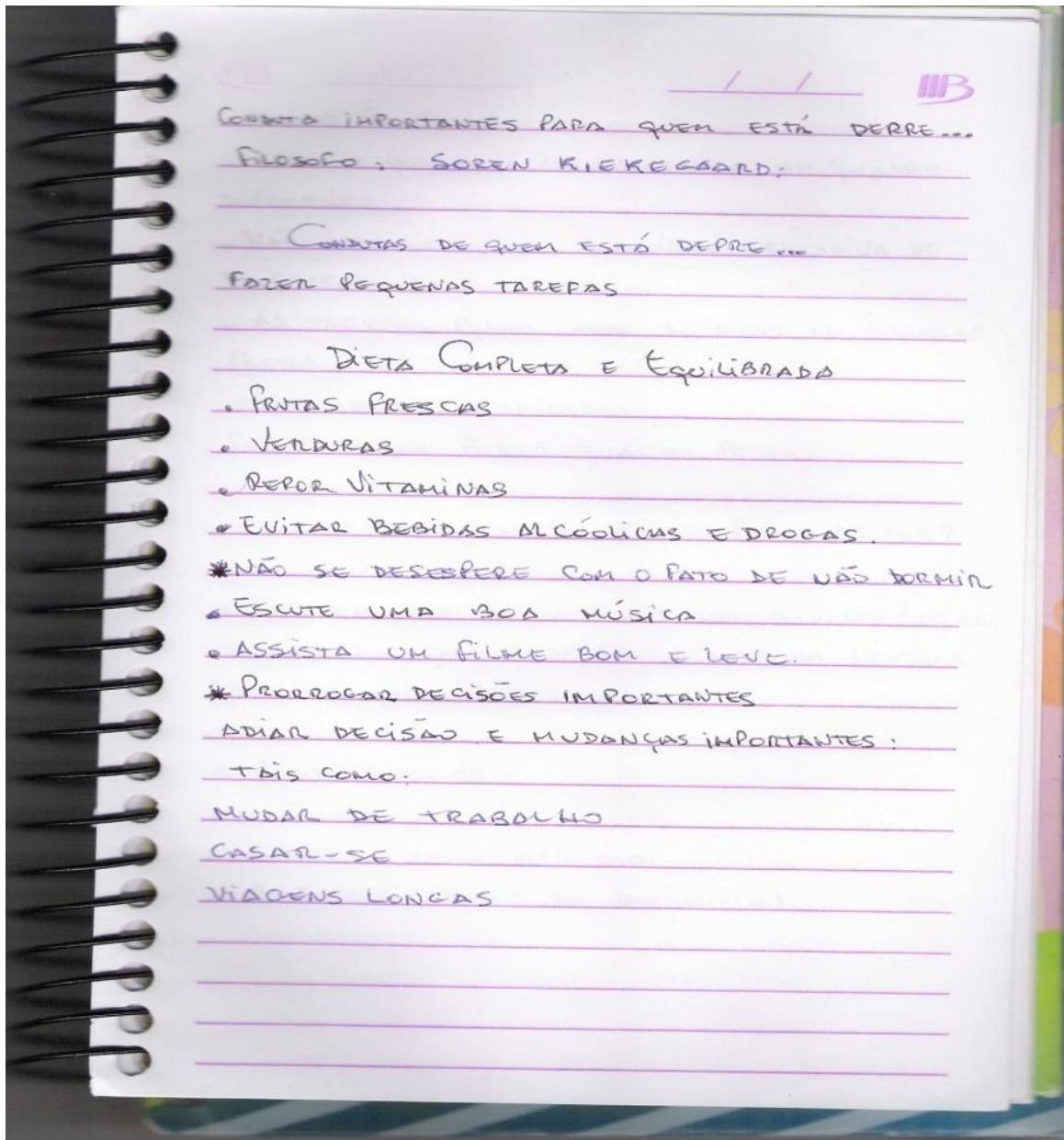
Depois de muitas visitas da pesquisadora à comunidade, AF disponibilizou alguns de seus cadernos e agenda dos quais puderam ser coletados alguns de seus escritos, como se mostra nos textos números 23, 24 e 25 a seguir:



Texto nº 23: Página de agenda de AF com pauta de reunião



Texto nº 24: Lista de orações diárias em caderno de AF



Texto nº 25: Cópia de texto sobre como combater a depressão em caderno de AF

Observa-se que os textos 24 e 25 correspondem a cópias de outros textos, mas sem indicação de fonte bibliográfica.

AF contou que era “tão ignorante” na época em frequentou o seminário, que não acertava passar por uma porta de banco ou ir a um supermercado fazer compras. Disse ter sido essa uma fase de muita leitura para tentar compreender a realidade, mas mencionou apenas leituras bíblicas. Questionado sobre já ser alfabetizado nessa época, AF alegou que “isso de nada adianta se a pessoa não sai de casa e não conhece o mundo”, referindo-se à sua deficiência física.

O seu depoimento foi intercalado por citações de passagens bíblicas e por declarações eloquentes sobre a comunidade, que disse ser unida enquanto católica, mas pouco envolvida

no tocante à cidadania, à noção de sujeitos sociais. Creditou isso a uma “questão cultural” e mostrou uma revista de vendas de artigos da Canção Nova com indicação de muitos livros que, segundo AF, trazem boas orientações para a vida religiosa e em comunidade. Mostrou, através da revista, alguns títulos que possui e que já os teria lido, todos eles religiosos.

b) Sobre as mulheres:

Dentre as mulheres mais velhas, CP, com menor escolaridade, não citou quaisquer atividades de escrita em práticas religiosas. Já TF e MM tanto mencionaram uma produção escrita em tais práticas, como mostraram textos referentes a elas.

TF, catequista e muito conhecida da comunidade, que recorre a ela quando necessário, mantém uma espécie de diário no qual registra por escrito fatos que considera importantes, mas que na verdade correspondem a uma expressão religiosa pessoal, através de referências exclusivas à sua vida doméstica, que servem de motivação para esse tipo de escrita. Os registros são feitos em pequenos livros de liturgia, em um espaço destinado a anotações e contêm algumas poucas linhas. São em grande quantidade. Sobre essa prática, como mostra o texto nº 26 abaixo, assim se manifestou:

Escrever, eu (riso) eu gosto, outro dia foi engraçado, que minha menina pegou o livrinho, aquele livrinho é o... como é que chama aquele que vê o evangelho do dia? Né? Aí ela abriu e disse “Mas não é que mainha escreve tudo que a gente faz, que a gente conversa!” É assim, quando acontece uma coisa, né? Aí eu vou lá e... Oh Nossa Senhora, agradeço a Nossa Senhora, anoto tudo ali embaixo. Aí meus livrinho tá tudo cheio de coisa, né? Tudo aí S (filha) olhando assim “Mainha, ó praqui!”, começou a sorrir, coisa que eu nem me lembrava mais tá tudo anotadinho lá, né...

Aí eu vou guardando, né? Quer dizer, se se foi aniversário dela, teve alguma coisa, eu escrevo, “Ó, obrigado Jesus, por hoje...” aí eu escrevo lá, né?

Texto nº 26: Trecho do depoimento de TF.

São exemplos da escrita religiosa de TF os textos a seguir:

Maria Lina

| domingo | segunda | terça | quarta | quinta | sexta | sábado | |
|--|---|---|--|---|--|--|--|
| | MARIA, MÃE DE DEUS 1 Nm 6,22-27 Sl 66(67) Gl 4,4-7 Lc 2,16-21 Ofício solene | Ss. Basílio Magno e Gregório Nazianzeno 2 1Jo 2,22-28 Sl 97(98) Jo 1,19-28 II semana do saltério | 3 1Jo 2,29-3,6 Sl 97(98) Jo 1,29-34 • BRANCO | 4 1Jo 3,7-10 Sl 97(98) Jo 1,35-42 • BRANCO | 5 1Jo 3,11-21 Sl 99(100) Jo 1,43-51 • BRANCO | 6 1Jo 5,5-13 Sl 147(147B) Mc 1,7-11 ou Lc 3,23-38 • BRANCO | |
| EPIFANIA DO SENHOR 7 Is 60,1-6 Sl 71(72) Ef 3,2-3a.5-6 Mt 2,1-12 Ofício solene | BATISMO DO SENHOR 8 Is 40,1-5.9-11 ou Tr 2,11-14; 3,4-7 Sl 103(104) Lc 3,15-16.21-22 Ofício festivo | <i>Katy</i> Hb 2,5-12 Sl 8 Mc 1,21b-28 1ª semana comum (Ano ímpar) I semana do saltério | 10 Hb 2,14-18 Sl 104(105) Mc 1,29-39 • VERDE | 11 Hb 3,7-14 Sl 94(95) Mc 1,40-45 • VERDE | 12 Hb 4,1-5.11 Sl 77(78) Mc 2,1-12 • VERDE | S. Hilário S. Maria no sábado 13 Hb 4,12-16 Sl 18(19)A Mc 2,13-17 • VERDE | |
| 2º COMUM - C 14 Is 62,1-5 Sl 95(96) 1Cor 12,4-11 Jo 2,1-11 II semana do saltério | 15 Hb 5,1-10 Sl 109(110) Mc 2,18-22 • VERDE | 16 Hb 6,10-20 Sl 110(111) Mc 2,23-28 • VERDE | S. Antônio 17 Hb 7,1-3.15-17 Sl 109(110) Mc 3,1-6 • BRANCO | 18 Hb 7,25-8,6 Sl 39(40) Mc 3,7-12 • VERDE | 19 Hb 8,6-13 Sl 84(85) Mc 3,13-19 • VERDE | S. Fabiano S. Sebastião S. Maria no sábado 20 Hb 9,2-3.11-14 Sl 46(47) Mc 3,20-21 • VERDE | |
| 3º COMUM 21 Ne 8,2-4a.5-6.8-10 Sl 18(19)A 1Cor 12,12-30 Lc 1,1-4; 4,14-21 III semana do saltério | S. Vicente, diácono e mártir 22 Hb 9,15.24-28 Sl 97(98) Mc 3,22-30 • VERDE | 23 Hb 10,1-10 Sl 39(40) Mc 3,31-35 • VERDE | S. Francisco de Sales 24 Hb 10,11-18 Sl 109(110) Mc 4,1-20 • BRANCO | CONVERSÃO DE S. PAULO 25 At 22,3-16 ou At 9,1-22 Sl 116(117) Mc 16,15-18 Ofício festivo | Ss. Timóteo e Tito 26 2Tm 1,1-8 ou Tt 1,1-5 Sl 95(96) Lc 10,1-9 • BRANCO | S. Ângela de Mériç S. Maria no sábado 27 Hb 11,1-2.8-19 (Sl)Lc 1,69-75 Mc 4,35-41 • VERDE | |
| 4º COMUM 28 Jr 1,4-5.17-19 Sl 70(71) 1Cor 12,31-13,13 Lc 4,21-30 IV semana do saltério | 29 Hb 11,32-40 Sl 30(31) Mc 5,1-20 • VERDE | 30 Hb 12,1-4 Sl 21(22) Mc 5,21-43 • VERDE | S. João Bosco 31 Hb 12,4-7.11-15 Sl 102(103) Mc 6,1-6 • BRANCO | 1 - Dia Mundial da Paz Maria, Mãe de Deus 7 - Epifania do Senhor 8 - Batismo do Senhor 25 - Conversão de S. Paulo | | | |

Janeiro 2007

Anotações: Tenho certeza que Deus não vai me deixar preso. Pondero por muito tempo. O crédito na minha lembrança de Deus e sua

intercessão de Maria. É com epifania em que diaz para lembrarmos a chegada de Jesus. Vou ser feliz que mais desejo de realizar

Texto nº 27: Registro de TF sobre seu cotidiano.

Maio 2008

Hoje 2 de Maio é aniversário de minha filha. Te peço diários que interceda a Deus por ela para que ela seja feliz. Deus te abra e te venha ajudar em tudo sempre que precisar. Te amo Mãe!

| domingo | segunda | terça | quarta | quinta | sexta | sábado |
|---|--|---|--|--|--|--|
| <p>1 - S. José, operário 4 - Ascensão do Senhor 11 - Dia das Mães Pentecostes 18 - Santíssima Trindade 22 - Corpo e Sangue de Cristo 30 - Sagrado Coração de Jesus 31 - Visitação de N. Senhora</p> <p>ASCENSÃO DO SENHOR 4 At 1,1-11 SI 46(47) Ef 1,17-23 Mt 28,16-20 Ofício solene</p> <p>PENTECOSTES 11 At 2,1-11 SI 103(104) 1Cor 12,3b-7,12-13 Jo 20,19-23 Ofício solene</p> <p>SANTÍSSIMA TRINDADE 18 Ex 34,4b-6,8-9 (SI)Dn 3,52-56 2Cor 13,11-13 Jo 3,16-18 Ofício solene</p> <p>8º COMUM 25 Is 49,14-15 SI 61(62) 1Cor 4,1-5 Mt 6,24-34 IV semana do saltério</p> | <p>5 At 19,1-8 SI 67(68) Jo 16,29-33 III semana do saltério</p> <p>12 Ss. Nereu e Aquiles S. Pancrácio Tg 1,1-11 SI 118(119),67-68, 71-72,75-76 Mc 8,11-13 II semana do saltério 6º tempo comum</p> <p>19 Tg 3,13-18 SI 188(198) Mc 9,14-29 III semana do saltério</p> <p>26 S. Filipe Néri 1Pd 1,3-9 SI 110(111) Mc 10,17-27 BRANCO</p> | <p>6 At 20,17-27 SI 67(68) Jo 17,1-11a BRANCO</p> <p>13 N. Senhora de Fátima Tg 1,12-18 SI 93(94) Mc 8,14-21 VERDE</p> <p>20 S. Bernardino de Sena Tg 4,1-10 SI 54(55) Mc 9,30-37 VERDE</p> <p>27 S. Agostinho de Cantuária 1Pd 1,10-16 SI 97(98) Mc 10,28-31 VERDE</p> | <p>7 At 20,28-38 SI 67(68) Jo 17,11b-19 BRANCO</p> <p>14 S. MATIAS, APÓSTOLO At 1,15-17,20-26 SI 112(113) Jo 15,9-17 Ofício festivo</p> <p>21 S. Cristóforo Magalhães e comps. Tg 4,13-17 SI 48(49) Mc 9,38-40 VERMELHO</p> <p>28 1Pd 1,18-25 SI 147(147B) Mc 10,32-45 VERDE</p> | <p>8 At 22,30, 23,6-11 SI 15(16) Jo 17,20-26 BRANCO</p> <p>15 Tg 2,1-9 SI 33(34) Mc 8,27-33 VERDE</p> <p>22 CORPO E SANGUE DE CRISTO Dt 8,2-3,14b-16a SI 147(147B) 1Cor 10,16-17 Jo 6,51-58 BRANCO</p> <p>29 1Pd 2,2-5,9-12 SI 99(100) Mc 10,46-52 VERDE</p> | <p>9 At 25,13b-21 SI 102(103) Jo 21,15-19 BRANCO</p> <p>16 Tg 2,14-24,26 SI 111(112) Mc 8,34-9,1 VERDE</p> <p>23 Tg 5,9-12 SI 102(103) Mc 10,1-12 VERDE</p> <p>30 SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS Dt 7,6-11 SI 102(103) 1Jo 4,7-16 Mt 11,25-30 BRANCO</p> | <p>3 Ss. FILIPE e TIAGO, APÓSTOLOS 1Cor 15,1-8 SI 18(19A) Jo 14,6-14 Ofício festivo VERMELHO</p> <p>10 S. Maria no sábado At 28,16-20, 30-31 SI 101(11) Jo 21,20-25 BRANCO</p> <p>17 S. Maria no sábado Tg 3,1-10 SI 11(12) Mc 9,2-13 VERDE</p> <p>24 S. Maria no sábado Tg 5,13-20 SI 140(141) Mc 10,13-16 VERDE</p> <p>31 VISITAÇÃO DE N. SENHORA SI 3,14-18 ou Rm 12,9-16b (SI)Is 12,2-6 Lc 1,39-56 Ofício festivo BRANCO</p> |

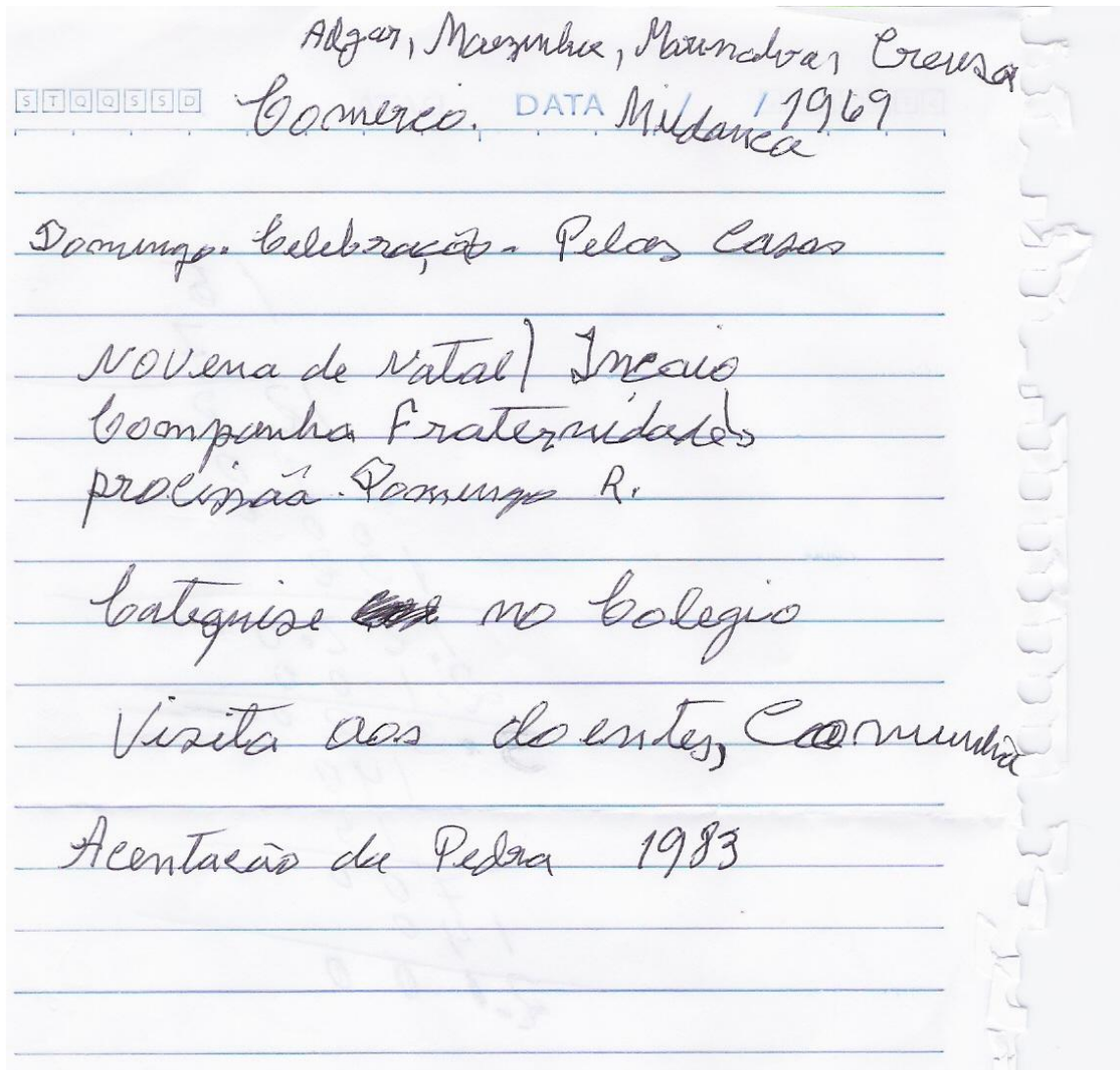
Anotações: Vós não alha o meu preado mas sim o desejo de mim dar e ser uma pessoa melhor. Toma nas tuas mãos Senhora todas as dificuldades que estão enfrentando. Sei que Vós juntamente com Maria me ajudará. Jesus eu confio em Vós. 15-02-008

Texto nº 28: Anotações de TF sobre fatos de seu cotidiano.

Ela revelou que ler a Bíblia é uma de suas diversões, um costume adquirido de seu pai, homem muito católico que exerceu grande influência na formação da comunidade. Além disso, é da leitura da Bíblia e de antigos cadernos que prepara as aulas de catequese.

Já MM, que assume algumas atividades comunitárias relacionadas à igreja católica, está sempre munida de lista de doações, escalas de trabalho, cadernos de anotações desenvolvidas na igreja, registro de cânticos e orações, todos por ela escritos. Quando entrevistada, portava um pedaço de folha de caderno com alguns registros (todos de teor

religioso) do que considerava importante falar sobre a comunidade, conforme mostra o texto nº 29 a seguir. Disse ter feito isso para não se esquecer de nada.



Texto nº 29: Lista produzida por MM.

Como catequista, MM disse escrever num caderno as aulas que prepara. Solicitada a mostrar o registro dessas aulas, alegou que precisava procurar e depois disponibilizaria, declarando, logo em seguida, que não sabia escrever.

O depoimento de MM sobre leitura coincide com o de TF. MM também revelou ler a Bíblia e os tais cadernos antigos de preparação das aulas de catequese. De modo geral, a leitura dessas duas senhoras compreende apenas os textos religiosos, conforme disseram.

Em relação às mulheres mais jovens, RS disse que antes lia muitos textos religiosos, principalmente por influência dos cursos promovidos pela Escola de Formação de Leigos, da Arquidiocese de Feira de Santana, dos quais ainda participa por ser coordenadora da Pastoral da Juventude e porque os custos são patrocinados pela paróquia da cidade. A sua atuação

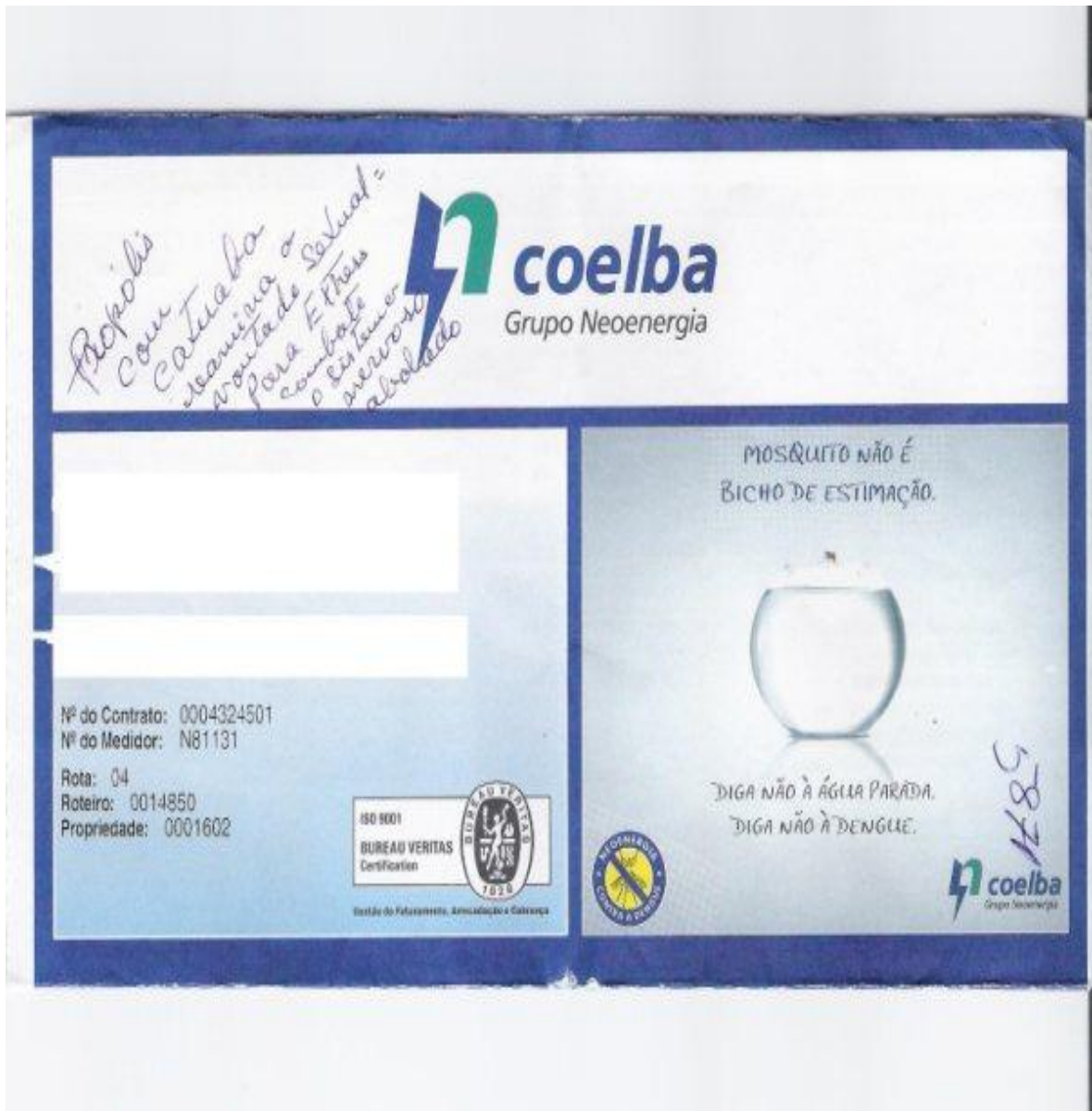
política na comunidade e suas pretensões escolares recentes diversificaram suas ações em relação à escrita. Para SB, de maior escolaridade entre todas as mulheres pesquisadas, a produção de textos de natureza religiosa é motivada por ser catequista da comunidade e ter que preparar suas aulas, registrando em um caderno todo o roteiro a ser seguido, além de preparar cartazes para exposição dos temas religiosos. Para isso, disse ler livros católicos e pesquisar em sites algo que possa ajudá-la em suas atividades de catequista.

II- A escrita em práticas de rotina doméstica

Práticas de escrita no contexto das atividades domésticas foram citadas apenas por sujeitos mais velhos e de pouca escolaridade, mais precisamente por CP e por JD.

CP, mulher mais velha, anota nomes de remédio ou, ao fazer compras, segundo suas palavras, “pra não esquecer, aí eu faço uma notinha”, o que corresponde a uma escrita utilitária para auxiliá-la nas tarefas domésticas. Nenhum escrito seu pôde ser coletado.

Já JD mostrou, logo no primeiro encontro com a pesquisadora, um caderno antigo, que parece ser compartilhado por sua esposa, com várias anotações sobre um curso de mecânica de automóveis, receitas culinárias, lista com valores de despesas e, em meio às folhas, marcadores de páginas manuscritos, uma carta de um parente de outra cidade, cartão do antigo INPS e carteira do curso de mecânica, em sua maioria textos utilitários. Em encontro posterior, ele disponibilizou uma pasta com registros escritos que faz em suportes diversos, conforme ilustram os próximos textos nº 30 e nº 31. São anotações de fatos do cotidiano que, segundo ele disse, servem para que possa refletir depois sobre os acontecimentos; são também registros de receitas caseiras ou de alguma tarefa cuja execução não pode ser esquecida.



Texto nº 31: Fatura de energia elétrica na qual JD copiou receita de remédio natural

III- Atividades particulares de escrita referentes à vida comunitária

a) Sobre os homens:

Em relação aos sujeitos mais velhos e menos escolarizados, FS mostrou-se orgulhoso de sua capacidade de memorização. Isso o tornou uma referência entre os moradores do bairro, com relação à história local, mas a partir da memória oral. Numa entrevista bastante longa, ele relatou muitos fatos referentes à comunidade, relacionando diversos nomes, datas, números e acontecimentos como se estivessem precisamente anotados. Ele deixou claro não ter necessidade de escrever nada, já que se servia de sua capacidade de memorização e, portanto, desse sujeito não foi coletado ou visto nenhum material escrito.

JD não apresentou nenhum texto que tenha lido ou escrito que faça parte de suas experiências particulares sobre vida comunitária, apesar de desempenhar função social no bairro. Entretanto, ele se esforçou em se mostrar como leitor e redator experiente.

Dos sujeitos mais jovens, LR é o único a realizar atividades de escrita voltadas à comunidade. Ele se queixou da falta de textos escritos sobre a história da comunidade, mostrando um CD-ROM que preparou com registros sobre a associação de moradores e alguns dos projetos referentes a ela. O CD-ROM é composto de algumas explicações escritas e muitas fotografias relacionadas a eventos e encontros realizados pela associação. Por causa de sua vivência escolar, dos contatos via internet que mantém com outras pessoas sobre experiência comunitária e de programas de TV sobre vida em comunidade, é um sujeito com visão crítica do local, o que provoca reações de outras pessoas.

LR disponibilizou alguns textos, como uma carta encaminhada ao arcebispo da Arquidiocese de Feira de Santana quando este visitou a comunidade. Nessa carta, LR, na época presidente da associação de moradores, descreve as dificuldades por que passava o bairro e solicita interferência do religioso, como se vê no texto nº 32 abaixo:



ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO DO BALDEZ

(Fundada em 21 de agosto de 1988)
 Rua João Marinho Abade, 86
 Conceição do Jacuípe – Ba CEP 44245-000
 CNPJ 16.439.168/0001-38
 Declarada de Utilidade Pública sob a Lei nº 331 de 26 de Maio de 2003

Sr. Arcebispo Dom _____, A Associação dos Moradores do Bairro Baldez vos parabeniza pela passagem do vosso aniversário dia 27 deste e vos acolhe carinhosamente por ocasião desta visita pastoral.

Tendo em vista o tema da sua visita “O Bom Pastor Visita Seu Rebanho” a (AMBB) Associação dos Moradores do Bairro Baldez em consonância com a (CCB) Comunidade Católica do Baldez sente-se bastante a vontade para lhe relatar um pouco da realidade precária, entretanto verídica deste Município e do Nosso Bairro.

Município

A observação que faremos não é uma crítica ao gestor e sim a sua forma de gerenciar o que lhe não pertence. Nesta gestão como em nenhuma outra nunca se ouviu falar e organizar tantas secretarias, tantos projetos para na verdade ser posto em prática, que o diga o Plano (Projeto) Diretor Participativo e tantos outros projetos mirabolantes.

A saúde daqui é o espelho do resto do país, mas aqui o espelho está um pouco mais rachado, ou seja, a saúde está de fato precária, a ponto de ser inútil gastar tinta e papel para descrever a calamidade, só diria uma coisa em relação a este tão sério assunto, estamos no meio da selva onde o que vale é “Salve-se quem puder”. Misericórdia não?

E a educação como vai? Bem, esta é uma pergunta complexa não acha? Pois dependendo de quem a responda a resposta não será muito agradável.

A (AMBB), oferece o curso “Aprender”, cursinho Pré-vestibular, que acolhe alunos concluintes do 2º grau, os quais se portam, me perdoe dizer, como “animais”.

Que o diga o professor e presidente da (AMBB).

: Estamos fazendo alguma coisa e o governo?^

E emprego? Deste não tenho nem o que falar, melhor não existe.

Bairro

Saneamento Básico, este como nenhum outro é o maior anseio da comunidade, um bairro mais digno, limpo e harmonioso, um bairro com cara de comunidade é o que queremos, mais eles não conseguem entender o que vem ser uma comunidade, que pena.

Outro fator importante e necessário é a pavimentação, a qual em 90% não temos e ainda o que temos é de péssima qualidade, feita as carreiras em épocas eleitoreira apenas para ganhar voto.

Esporte

Além de ser o maior bairro de Conceição do Jacuípe, o Baldez não tem uma área destinada a prática esportiva.

A AMBB (Associação dos Moradores do Bairro Baldez) tem todas as reivindicações em documento assinado como recebido pela prefeitura e câmara de vereadores.

Texto nº 32: Carta de LR ao arcebispo.

b) Sobre as mulheres:

Somente RS, a mais jovem entre as mulheres, escreve textos referentes à vida comunitária, como os ofícios a órgãos públicos (admitiu inclusive receber ajuda de LR quando esses textos exigem maior formalidade) e convites para participação de eventos da associação, como uma de suas atribuições. Sobre leitura, RS disse que lê atualmente textos sobre leis, trabalhos em comunidade e política e, quando pode, acessa a internet.

De RS, foram coletados alguns textos, dentre os quais o de nº 33 a seguir:

CONVITE

A Associação dos moradores do bairro baldez (AMBB), vêm por meio deste convidar Vossa Senhoria para participar da reunião que acontecerá no dia 01 de novembro de 2008 as 19:00hs nos fundos da Igreja São Roque.

Desde já agradecemos a sua presença!

Presidente

Conceição do Jacuípe, 29 de outubro de 2008.

Somos todos iguais na chegada e na partida.
(AMBB)

IV- Atividades de escrita em práticas particulares de lazer

a) A leitura de periódicos:

JD foi o único entre os homens pesquisados a citar a leitura de periódicos. Contou que lia gibis na época em que ainda morava em Salvador, mas não disse quais. Em seu depoimento, assim falou:

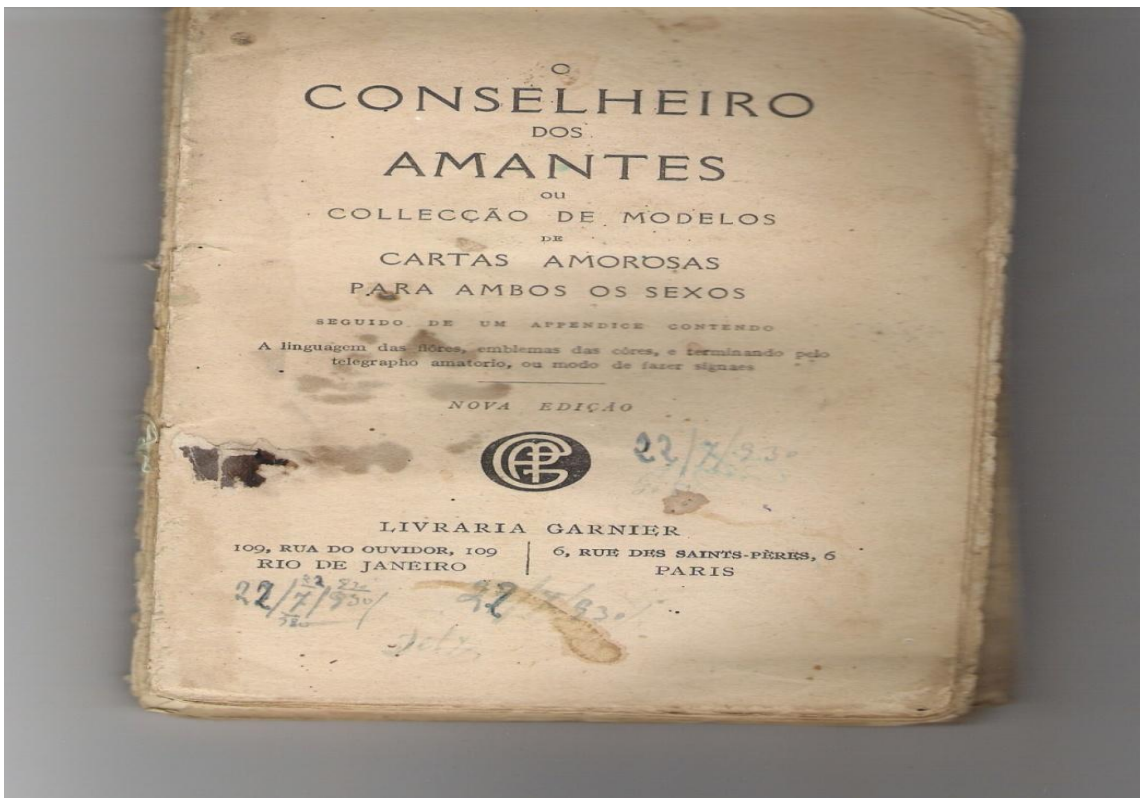
... e ler, eu lia muito. Eu lia pela rua, aqueles livrinhos, gibi. Em Salvador eu só dava peitada em gente. Ia pro, ia pro trabalho e ia lendo. Daqui a pouco tô me peitando mesmo, me xingava...

Texto nº 34: Trecho do depoimento de JD.

SB e RS, mais novas e mais escolarizadas, foram as únicas dentre as mulheres a citar a leitura de jornais e revistas; mas de forma evasiva, sem citar o nome de nenhum deles ou fazer comentários sobre tais leituras.

b) Os textos literários

De todos os homens pesquisados, apenas JD mencionou a leitura de texto literário, mesmo assim citou apenas um livro que disse consultar de vez em quando porque fala de “coisas bonitas”. O livro é bastante antigo e traz modelos de cartas amorosas, como se vê abaixo:



Texto nº 35: Capa de livro mostrado por JD

Somente RS, a mulher mais jovem, disse gostar de escrever poemas em cadernos, mas não mostrou nenhum deles.

c) A correspondência em mídia digital

Tanto os mais velhos quanto os mais jovens mencionaram como lazer as visitas que fazem a vizinhos e amigos no próprio bairro.

Apenas os sujeitos mais jovens, mais precisamente LR, entre os homens, e RS, entre as mulheres, disseram trocar *e-mails* ou participar de *chats* com amigos e pessoas de outras comunidades.

d) Outros meios midiáticos de lazer

Todos os sujeitos mais velhos disseram que assistem a novelas, noticiários e aos programas religiosos veiculados pela Canção Nova, emissora paulista do movimento de Renovação Carismática da igreja católica, e que ouvem programas de rádio, preferencialmente os católicos como o que vai ao ar, de segunda à sexta-feira, das 18:00 às 19:00 horas, por meio de uma emissora comunitária de rádio FM do município.

Os mais jovens também disseram assistir à televisão e citaram os mesmos programas assistidos pelos mais velhos, além dos de auditório e outros sobre educação e ação comunitária.

V- Atividades de escrita de formação intelectual ou escolar

Somente LR e SB, os mais escolarizados de ambos os gêneros, mencionaram suas experiências com a escrita acadêmica. LR mostrou trabalhos que escreve para seu segundo curso de graduação e para uma pós-graduação que faz. Depois afirmou ler livros voltados para sua área profissional e sobre educação, mas sem citar quais. SB também mencionou os textos acadêmicos que produz e falou da leitura que tinha que fazer por indicação da universidade. Além disso, contou buscar na internet textos que possam aprimorar seus conhecimentos.

VI- Atividades de escrita na vida profissional

De todos os sujeitos pesquisados, apenas homens mais jovens AB e LR citaram atividades de escrita que fazem parte da vida profissional. AB limitou-se a citar os currículos que prepara e encaminha a empresas. Chegou a mostrar uma cópia de seu currículo, impresso em uma folha de ofício, no qual constava uma foto sua em 3X4 seguida de seus dados pessoais, da informação de que sua documentação estava completa e atualizada, sua

escolaridade, experiência de trabalho e uma frase expressando seu objetivo profissional. Apresentou o texto como se fosse seu, mas era, na verdade, um currículo que obedecia a um modelo muito copiado no município e que é feito por prestadores de serviço de digitação mediante as informações dadas pelos candidatos a emprego. Até a frase com as pretensões profissionais era a mesma vista em vários currículos de outros moradores da cidade.

LR falou de livros referentes à sua área profissional (ele é professor de matemática) e de textos sobre educação, que o ajudam no seu trabalho.

4.4 ATITUDES SOBRE ESCRITA NO CONTEXTO DAS EXPERIÊNCIAS PARTICULARES

Mesmo havendo sujeitos que em seus depoimentos mencionaram usos efetivos da escrita, a maioria foi resistente na apresentação de seus textos e outros simplesmente não os mostraram. Dos entrevistados, os mais velhos de ambos os gêneros, FS e CP, não apresentaram quaisquer escritos; TF e MM resistiram em mostrar os textos que produzem e sequer apresentaram aqueles que elas leem. JD foi o único a disponibilizar mais facilmente os textos que disse produzir, mas não fez o mesmo com aqueles que disse ler. Sobre a produção deste sujeito ainda há de se considerar a possibilidade de a digitação que manda fazer interferir nos seus textos.

Com os sujeitos mais jovens não foi diferente e, apesar de todos falarem acerca de sua relação com a escrita, apenas LR e AF (dentre os homens mais novos) disponibilizaram com menos resistências o acesso aos seus textos, ainda assim isso só ocorreu após alguns encontros com a pesquisadora.

Outro aspecto relevante sobre as atitudes dos sujeitos em relação à escrita são as constantes solicitações de auxílio à pesquisadora para a produção de alguns textos. As circunstâncias relativas a isso compreendem aquelas nas quais a formalidade na produção é mais exigida, sendo que as solicitações partiam sempre dos mais jovens e mais escolarizados, com a alegação de que, como professora, a pesquisadora não cometeria “erros” de escrita.

As atitudes dos pesquisados sobre a escrita estão apresentadas conforme a escolaridade dos sujeitos, em três níveis a seguir:

1- Entre os sujeitos de pouca escolaridade:

FS, homem mais velho, confessou pouca intimidade com a escrita que, conforme fez questão de enfatizar, não se deu por causa de sua pouca escolaridade, tão valiosa à sua época de estudante, a ponto de dizê-la incomparável aos ensinamentos de hoje. Ele enfatizou sua capacidade de aprendizagem, contando ter aprendido a ler em apenas um ano, seu primeiro ano de escola, e ter sido aprovado nas avaliações, inclusive com desempenho superior aos outros colegas da 2ª série. Confessou sentir dificuldades em leitura e escrita, porque disse que “as coisas vão mudando” e hoje não lê nem escreve mais por causa da visão, além de dizer que sua caligrafia nunca foi boa, pois “caligrafia é um dom”. Estudava numa turma multisseriada. A leitura de seu tempo de menino, segundo disse, requeria atenção, porque era feita em voz alta, com interrupções para que outro desse continuidade. E, caso não fosse retomada do ponto exato em que foi interrompida, havia o castigo da palmatória. FS disse ser esse o momento mais importante do aprendizado e que hoje não é mais assim, mas, naquele tempo, “a leitura em conjunto era fundamental”.

Assim como FS, JD esforçou-se, na entrevista, em compensar sua pouca experiência escolar afirmando que a qualidade do ensino à época em que estudou era muito superior ao que se vê atualmente. Ele, entretanto, procurou enfatizar sua relação com a escrita para se mostrar como um ativo redator/leitor, conforme mostra neste trecho de seu depoimento:

Pesquisadora: Ô seu Zé, então o senhor sempre gostou de escrever, foi?

JD: Foi... eu num sou chegado muito, gostava de ler, mas menos do que escrever. Ler eu gostava que sempre quando eu achasse um pedaço de papel no caminho... até hoje eu sou assim, se eu achar e tiver letra eu pego.

Pesquisadora: É mesmo?

JD: Escrever, eu gostava demais. Naquele tempo o pessoal num sabia ler pra fazer cartaz...

Pesquisadora: E hoje?

JD: Hoje eu escrevo ainda, mas nem tanto, mas gosto. Gostar eu gosto.

Pesquisadora: E aí quando o senhor escreve, o senhor escreve o que assim?

JD: Ah gosto mais de escrever... é... ideologias assim...

Pesquisadora: Ideologias... (risos). O que é ideologia, seu Zé? (risos) Escrever ideologia?

JD: Idealizar coisas (risos) e transcrever é, eu sou igual a criança para idealizar, ficar botando coisa na ideia... quero fazer um livro, quero fazer isso... É, tem essas ideias na minha cabeça...

Pesquisadora: O senhor pensa em fazer um livro sobre o quê?

JD: Sobre igreja e política.

Pesquisadora: Igreja e política?

JD: É

Pesquisadora: O senhor é filiado a um partido?

JD: Sou, desde que cheguei aqui.

Pesquisadora: Qual é o partido?

JD: Agora eu tô no PSL. Mas ó, eu gosto mesmo de escrever... é, não é brincadeira, não. Qualquer pedaço de papel que eu pegar eu tô escrevendo. Minha senhora, eu vou pagar um recibo de de energia, de água, quando eu chego na casa (Casa Lotérica), ele já tem alguma coisa escrita na no verso (risos)

Pesquisadora: O senhor vai colocando o que vai encontrando pelo meio do caminho?

JD: É, se alguma pessoa mandar eu comprar uma coisa, eu escrevo ali mesmo. Aí, se chego lá, pai manda eu fazer um jogo de bicho, eu só pa não ficar sem escrever, eu escrevo na (risos)... aí quando eu chego lá, já ta escrito no verso... só alivro a barra de, o código de barra e pronto. (risos) Eu sou assim, gosto mesmo de escrever...

Texto nº 36: Trecho do depoimento de JD.

CP, a mulher mais velha, demonstrou vergonha por sua pouca escolaridade, preferiu evidenciar o gosto do filho LR pelos estudos, descrevendo-o como bastante esforçado e que vive em meio a muitos livros. Ela contou que nunca gostou de estudar, cursou apenas as quatro primeiras séries fundamentais, e que nenhum de seus irmãos concluíram os estudos, pois trabalhavam na roça e era cansativo frequentar a escola. Sobre escrita, disse que não costuma escrever. Se falou pouco sobre suas práticas de escrita, ela manteve a mesma atitude em relação à leitura. Contou apenas que coube ao pai dela o papel de ensinar os filhos a ler, em casa mesmo, e disse não ter paciência para leitura.

2- Entre os sujeitos de nível médio:

As mulheres mais velhas, TF e MM, hesitaram mencionar suas experiências de escrita e fizeram questão de negar realizá-las no cotidiano. Ambas disseram que não sabiam escrever, apesar de ter sido coletado material escrito das duas. Tanto TF quanto MM estão afastadas da escola há tempos, a primeira, inclusive, mesmo dizendo ter completado o nível médio, evitou dar mais informações sobre seu período escolar, e sequer disse que curso fez. A segunda, ao contrário, mencionou sua formação e relatou fatos que dificultaram a conclusão de seu curso secundário, ao mesmo tempo em que valorizava seu desejo e esforço para estudar. Essas duas mulheres demonstraram não reconhecer suas experiências como leitoras e redatoras.

A mulher mais jovem, RS, tem experiência escolar mais recente e, na época de seu depoimento à pesquisadora, preparava-se para fazer vestibular frequentando o curso da associação. A escrita escolar é o seu modelo de escrita, já que, como exerce liderança em atividades religiosas e comunitárias, confessou se sentir preocupada com a possibilidade de “escrever errado”. Daí ela buscar ajuda em LR (homem mais escolarizado) para escrever textos mais formais, o que demonstra que ela censura sua própria escrita.

Dos homens, AF não só assumiu as leituras que fazia, mas também os textos que produzia, na maioria religiosos. Sua história pessoal desperta nele o desejo de registrá-la por escrito, porém disse não saber escrever. Mas ele é procurado por membros da comunidade para corrigir os trabalhos dos cursos vocacionais antes de serem apresentados e, assim como RS, preocupa-se em escrever correto.

AB não externou nenhuma atitude sobre suas escritas, pois mostrou-se preocupado exclusivamente em conseguir emprego e, por isso, dedicava-se a reproduzir uma escrita padrão para a preparação de seu currículo. Evitou mostrar alguns textos que disse ter escrito, com exceção do currículo, a exemplo daqueles produzidos no período em que fez campanha como candidato a vereador. Sobre eles alegou não saber onde os tinha guardado.

3- Entre os sujeitos de nível superior:

LR e SB, únicos com experiência universitária, veem a escrita como instrumento de acesso a uma vida melhor. Ambos têm uma concepção de escrita com perfil escolar. Para LR, a escrita viabiliza a busca de conhecimento, que lhe possibilita ajudar a sua comunidade. Já SB disse ter feito o curso da associação para “aprender a escrever” e que seus textos são muito elogiados na faculdade. Chegou a dizer que não é “ruim em redação” porque “está praticando”. Ela disse que o ensino superior está lhe “abrindo os olhos”, fazendo com que veja melhor o mundo, inclusive fez com que falasse “diferente”. De acordo com suas palavras, “antes as vistas só viam um lugar fixo; sem estudos, o pobre sente ainda mais dificuldade” e por isso orienta e acompanha a vida escolar dos filhos.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 OS USOS E AS ATITUDES DOS SUJEITOS EM RELAÇÃO À ESCRITA

Gnerre (2003, p.6) afirma que “produções linguísticas adquirem valor no contexto social e cultural apropriado”. Na comunidade do Baldez, as práticas compartilhadas de escrita são reguladas, de modo geral, pela função social dos sujeitos pesquisados, principalmente no contexto das práticas religiosas. Esses usos compartilhados compreendem atividades diversas realizadas num espaço coletivo, no qual os sujeitos interagem, por interesse comum.

A maioria das ações observadas, portanto, no Baldez, se desenvolve em torno da igreja católica, e é nesse contexto religioso de valores tradicionais que os usos da escrita tornam mais evidentes os conflitos e as relações de poder locais. Ao se considerarem as ações dos sujeitos na comunidade, percebe-se que as demais práticas coletivas (de lazer e de liderança comunitária) fazem parte das atividades religiosas.

Podemos afirmar que, na comunidade do Baldez, as práticas de escrita constituem as práticas religiosas de grupo e por estas são constituídas. Tanto que todos os sujeitos que exercem alguma função social de relevância na comunidade frequentaram os cursos vocacionais citados, e lá foram submetidos a atividades de leitura e produção de textos. E que os fatores idade e escolaridade interagem para caracterizar as práticas de escrita compartilhadas, tanto no contexto religioso quanto no de liderança comunitária, já que a experiência escolar dos sujeitos relaciona-se à sua faixa etária.

O valor dado às produções escritas em atividades religiosas compartilhadas e nas demais atividades se relaciona à função social de seus autores e se reflete nas leituras em grupo, na negociação de sua interpretação, e no que é dito através delas. As práticas de escrita estão de acordo com as atividades cotidianas valorizadas pelo grupo social, conforme os eventos dos quais os sujeitos participam. Sobre isso, os dados mostram que:

a) A produção escrita destinada às festas do padroeiro é de responsabilidade daqueles que têm funções específicas na igreja. Se os textos são para exposição pública, a revisão desses textos escritos é feita pelos mais jovens e mais escolarizados. A esse respeito, é importante observar que TF e MM não revisam os textos, embora se responsabilizem por eles, apesar de serem de mesma escolaridade de AB, AF e RS. Isso pode ser atribuído à experiência escolar mais remota e irregular de ambas. Inclusive é o que demonstram seus

escritos, notadamente o de MM (texto nº 29), por apresentarem falhas de escrita recorrentes em indivíduos com pouca escolaridade.

b) A função de JD e MM no templo os autoriza a anotar num livro-caixa as receitas e despesas referentes à igreja, embora eles não disponham de conhecimento específico para a composição de tais livros. Dentre os sujeitos pesquisados, LR e SB possuem maior escolaridade e conhecimento para lidar com questões contábeis; entretanto, isso não lhes é autorizado no contexto local, dentro das relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos nas práticas religiosas. JD e MM só admitem a necessidade de intervenção quando esses registros são destinados à análise por autoridades eclesiais ou à apreciação pública, como no texto de nº 05. Ainda assim, porque a intervenção é feita pela secretaria da paróquia, uma instância hierarquicamente superior às lideranças religiosas da comunidade;

c) AF, por sua função social no contexto religioso e sua idade/escolaridade, é o único a orientar e a interferir na produção dos textos destinados aos cursos da arquidiocese, como mostra o texto nº 11;

d) JD exerce sua autoridade sobre os demais sujeitos já que é coordenador da igreja, função central para a comunidade. Por sua idade e baixo grau de escolaridade, muitas vezes é objeto de crítica por parte dos mais jovens que chegam a julgar algumas de suas ações inadequadas, desnecessárias ou radicais, inclusive seu próprio filho, AF, que faz comentários sobre as ações do pai nas atividades da igreja, julgando-as ultrapassadas. JD as defende como sendo imprescindíveis para a manutenção da ordem e das tradições, embora as críticas se intensifiquem quando o nível de escolaridade de quem as faz é maior. Daí as tentativas de LR de interferência na realidade local e sua avaliação negativa sobre os textos que JD diz produzir. Apesar de todas as críticas, o que ele escreve é respeitado e acatado pelas pessoas;

e) Os sujeitos mais jovens e mais escolarizados são os que mais desenvolvem e diversificam as atividades de escrita coletivas no contexto religioso, também por conta da diversidade de eventos promovidos pelo grupo jovem da igreja;

f) O fator gênero, além dos fatores idade/escolaridade, é pertinente para a caracterização das relações de poder nas atividades coletivas, dentre elas as de escrita. Dentre os sujeitos mais velhos, apesar de MM mencionar já ter havido críticas sobre sua atuação na igreja, os conflitos no âmbito religioso são maiores entre os sujeitos do gênero masculino. Até a forma como JD e MM lidam com essas situações é divergente: MM se mostra ressentida com qualquer avaliação negativa sobre sua atuação na igreja; JD admite que essa é uma situação comum a qualquer pessoa que esteja à frente de uma comunidade e que, portanto, só lhe resta manter-se firme em seus propósitos. Isso mostra que, de modo geral, as mulheres,

principalmente as mais velhas, têm mais dificuldade em conviver em espaço público por se manterem mais circunscritas ao ambiente doméstico, ao contrário dos homens, que predominam nos espaços públicos locais.

No contexto das atividades coletivas de lazer, de influência marcadamente religiosa, a função social é importante em detrimento da escolaridade dos sujeitos, porque são apenas os líderes comunitários que conduzem os momentos de confraternização; além do mais, os textos redigidos e lidos por todos não são para o público externo, já que se destinam apenas aos participantes das atividades da igreja. São ocasiões sócio-afetivas que possibilitam maior participação dos membros da comunidade e nelas se excluem concepções mais institucionalizadas acerca da escrita, de modo a não haver censura sobre o que ou como os indivíduos escrevem ou leem e sobre quem o faz, diferente do que ocorre nas práticas religiosas destinadas ao público externo e de liderança comunitária.

Pode-se afirmar que, nas práticas de liderança comunitária que são vinculadas às práticas religiosas, a função social também caracteriza os usos de escrita, como mostram os textos nº 17 e 18 apresentados por JD. Ele se sente autorizado a dar orientações à comunidade sobre como conviver e usufruir dos espaços coletivos da igreja e o faz por meio da escrita, que formaliza acordos orais, transformando-os em regras de convivência destinadas à leitura compartilhada.

Os fatores idade e escolaridade prevalecem quando os sujeitos mais jovens e mais escolarizados assumem a condução dos trabalhos da associação de moradores, o que inclui a produção e leitura dos textos. Nessa circunstância, prevalece a preocupação com o domínio formal da escrita quando esta é submetida à apreciação pública: quanto mais burocráticos os textos, mais a responsabilidade sobre eles recai sobre os jovens de maior nível escolar. Isso é possível perceber quando SB chega a passar a limpo atas da associação que precisam ser registradas em cartório, ou quando LR auxilia RS a redigir correspondências a órgãos públicos ou a autoridades municipais. Ou mesmo quando o próprio LR assume a redação desses documentos, entregando-os a RS para que ela, como presidente da associação, possa assiná-los.

Assim como nas práticas religiosas, o fator gênero, principalmente entre os sujeitos mais velhos, é pertinente para caracterizar as atividades de escrita no contexto comunitário, já que nele prevalece a participação masculina. Apenas as mulheres mais jovens RS e SB, a mais escolarizada, se envolvem mais diretamente nas atividades relativas a esse contexto, o que as fazem utilizar a escrita também aí.

Principalmente em atividades político-partidárias, o fator gênero é determinante também para caracterizar as práticas coletivas dos sujeitos, pois apenas os homens participam destes eventos e, portanto, são eles os únicos a mencionar práticas de escrita relacionadas a esses contextos; ainda assim, somente os mais jovens e mais escolarizados, casos de AB e LR, que assumem mais efetivamente a produção e leitura de textos voltados para essas atividades. Isso ocorre, provavelmente, porque essas atividades envolvem intervenções na comunidade e participação em contextos sociais mais amplos, como os partidos políticos, que se constituem ainda em um universo predominantemente masculino.

As manifestações de escrita na comunidade do Baldez são mais intensas e mais variadas em contextos compartilhados de práticas religiosas e de liderança comunitária. Neles, como vimos, são produzidos textos de gêneros diversos, como cartazes, listas, faixas, programações, atas, convites, ofícios, fichas de inscrição dos grupos de atividades, prestações de contas, dentre outros. Há um considerável número de encontros e eventos promovidos tanto pela igreja católica local, quanto pela associação de moradores, instâncias que identificam o grupo de sujeitos enquanto comunidade e promovem uma articulação entre eles, principalmente no estabelecimento das relações de poder, o que é feito intensamente através dos textos.

O conjunto de dados mostra, também, que tanto nas atividades compartilhadas quanto nas individuais são os mais jovens que apresentam produção, leitura e cópia de textos mais intensas e diversificadas, na mesma proporção em que também são várias as suas atividades cotidianas.

Quanto à leitura, de modo geral, os textos religiosos são os mais recorrentes, seja nas atividades compartilhadas ou nas individuais, o que reflete a própria natureza de formação da comunidade estudada. São textos específicos desse contexto bíblico documentos com instruções da igreja, livros de campanhas, orações e mensagens de orientação religiosa. Em posição secundária estão os textos relacionados às práticas de liderança comunitária, de conteúdo político-social e, nesse caso, de evidente interesse dos homens.

Não foi observada a circulação de jornais e revistas pela comunidade. Também é importante observar que nela não existe biblioteca, livraria, nem mesmo uma banca de jornal. Os textos jornalísticos aparecem nos telejornais a que os sujeitos dizem assistir. Assim sendo, as atividades de escrita dos sujeitos estão limitadas aos campos religioso e comunitário.

A relação particular dos diversos sujeitos com a escrita também se diversifica conforme os contextos de que fazem parte. Pode-se afirmar que os fatores função social e idade/escolaridade, assim como nas práticas compartilhadas, predominam na caracterização

dos usos particulares da escrita decorrentes principalmente das atividades religiosas e de liderança comunitária. Além desses fatores, o gênero dos sujeitos parece influenciar essa relação, assim como as relações familiares.

As funções sociais de JD e AF orientam suas práticas individuais de escrita: JD escreve breves observações de sua realidade social (como no texto nº 30), além de lembretes de tarefas a executar e copia máximas populares que, de alguma forma, servem de apoio ao seu discurso de líder comunitário. Ele ainda menciona a leitura de periódicos, entretanto não faz referências específicas sobre tais textos e, mais uma vez se colocando como um leitor ativo, mostra um antigo livro (texto nº 35) que é propriamente um manual com modelos de cartas amorosas. Nota-se, por parte dele, uma preocupação em valorizar um tipo de leitura que o aproxime de práticas socialmente prestigiadas, associadas intensamente às práticas escolares, mesmo sem realizá-la em seu cotidiano, mas que, ao citá-la, lhe confere certo *status*. Já a produção, leitura e cópia de textos realizadas por AF são igualmente oportunizadas por sua função social e religiosa dentro da comunidade, e por seu grau de escolaridade .

Sobre LR, seu envolvimento com questões político-sociais da comunidade influencia e autoriza a produção de textos de conteúdo reivindicatório (como no texto nº 32) e a leitura constante de textos que possam subsidiar suas reivindicações. A sua maior escolaridade e a função social lhe possibilitam experiências mais amplas e visão mais crítica da realidade.

O fator gênero deve ser considerado quando os dados mostram que apenas os homens, independente da faixa etária, são mais enfáticos em revelar nas suas práticas particulares de escrita a influência de sua função social na comunidade, já que são eles que frequentam mais os espaços coletivos e buscam delimitar território nas relações de poder local. São eles que se colocam sempre à frente na maioria das atividades comunitárias. Isso se deve ao fato de persistirem na comunidade concepções conservadoras sobre funções e espaços de atuação de homens e mulheres, pois estas, principalmente as mais velhas, limitam-se impreterivelmente à igreja e ao ambiente doméstico. TF e MM, por exemplo, mulheres mais velhas e com nível médio de escolaridade, leem e escrevem textos pessoais relacionados às suas experiências religiosas, como se vê nos textos nº 28 e 29. Decorre disso o fato de, no ambiente familiar, notarem-se usos mais intensos da escrita por parte das mulheres. São elas as administradoras da casa e dos filhos. Mesmo RS, a mais jovem, conta sobre seus afazeres domésticos cotidianos que a fazem permanecer em casa por um tempo considerável. E SB, além do emprego na clínica, alega ter muitas ocupações em seu lar. Nesse contexto, observa-se uma tendência à diversificação nos usos da escrita à proporção que a idade diminui e a

escolaridade aumenta. CP e MM, por exemplo, citam listas de compras; TF, MM e SB citam a leitura da Bíblia; SB lê, corrige e ajuda a produzir as atividades escolares dos filhos; RS fala de um hábito típico de indivíduos mais jovens e de gênero feminino, que é a produção, leitura e cópia de poemas registrados em cadernos. Ela, portanto, faz da escrita uma prática de expressão afetiva, íntima. SB e RS também mencionam a leitura de periódicos, jornais e revistas, mas não especificam tais textos, demonstrando que talvez o acesso que têm a eles seja apenas casual e em circunstâncias que não puderam ser observadas.

O fator profissão, relacionado à escolaridade/idade, também caracteriza os usos individuais de escrita, como se percebe em LR e SB, já que são os mais escolarizados e suas profissões requerem a produção e leitura de textos. Isso de certa forma se estende a AB por conta de sua procura por emprego, pois prepara currículos seus para encaminhá-los a empresas.

É possível dizer que as relações familiares também são pertinentes para caracterizar os usos que alguns sujeitos fazem da escrita: o envolvimento de AF em práticas religiosas aponta para a influência de seu pai JD sobre as suas práticas escritas nesse contexto. E TF cita o pai como referência de religiosidade e conduta social exemplares. Seus escritos, essencialmente de manifestação religiosa, indicam o contexto no qual se insere e a influência das orientações dadas pelo pai.

As observações em campo revelam ainda, nos usos particulares, uma diversidade de meios e recursos comunicativos relativos à mídia eletrônica e digital. A televisão e o rádio representam para os sujeitos pesquisados fontes de lazer e informação, algumas delas relacionadas às suas práticas cotidianas, principalmente as religiosas, por meio de programas dessa natureza. De outro lado, mas dessa vez no universo específico dos mais jovens, estão os meios digitais, o acesso à internet para fins comunicativos, para a troca de experiências com movimentos comunitários ou em fins utilitários como a busca de oportunidades de emprego ou fonte de leitura referente às atividades cotidianas. Há ainda o fato de todos os sujeitos estudados possuírem telefone móvel e dele se servirem para a transmissão de pequenas mensagens digitadas e de conteúdo variado. Todos esses meios e recursos inserem outros parâmetros de usos da língua, bem como estabelecem outras relações com a escrita.

Podemos também afirmar que, a despeito da diversidade de práticas de escrita em usos compartilhados e individuais, todos os sujeitos pesquisados têm em comum uma experiência em práticas religiosas católicas que orienta consideravelmente a produção, leitura e cópia de textos, que fazem parte de outros contextos de práticas.

E observa-se, segundo os dados, que os fatores função social e idade/escolaridade são pertinentes para caracterizar não apenas as práticas coletivas e particulares de escrita, mas também a atitude dos sujeitos com relação a elas.

Há entre os pesquisados o reconhecimento da autoridade local daqueles que estão à frente das atividades comunitárias, principalmente no âmbito religioso, no qual, mesmo durante a produção compartilhada de textos em que o seu sentido é negociado, prevalece, por exemplo, a avaliação de JD sobre os textos relativos aos eventos religiosos, a despeito das críticas a ele dirigidas pelos mais jovens e mais escolarizados. Mesmo sendo um sujeito mais velho e de pouca escolaridade, JD tem em sua função social no contexto religioso o respaldo para orientar as práticas coletivas de escrita.

Já durante as atividades da associação de moradores, a escolaridade exerce maior influência na atitude dos sujeitos relativas aos usos coletivos de escrita que são feitos. Nesse contexto parece haver o entendimento de que, quanto mais experiência escolar os sujeitos têm, mais eles estão autorizados a orientar as atividades de escrita, ou até mesmo de assumi-las, como é o caso de RS, presidente da associação, que se vale de LR, sujeito com maior escolaridade, quando da composição de textos mais formais. Essa atitude dos sujeitos se explica pela finalidade e características desses textos, já que são destinados a toda comunidade e/ou a órgãos oficiais e fazem parte de gêneros textuais próprios de contextos formais, aprendidos na escola.

O fator gênero influencia a atitude dos sujeitos mais velhos e menos escolarizados com relação às suas experiências pessoais com a escrita. Os homens, ao contrário das mulheres desta faixa etária, se empenham em apresentar um julgamento positivo sobre sua pouca escolaridade e não assumem suas dificuldades com os usos da escrita, esquivando-se com relação a isto. Eles se esforçam para mostrar o contrário, defendendo um saber sobre a escrita e nunca assumindo não saber escrever.

FS, por exemplo, mesmo sem função social definida, é um sujeito de relações sociais amplas; não participa efetivamente das ações comunitárias, mas é reconhecido por todos e se reconhece como uma referência para a história oral da comunidade. Sua fala bem articulada revela uma experiência de escrita perpassada pela oralidade, já que adquirida em práticas religiosas e comunitárias coletivas. Tanto que ele vê sua expressão oral com um “dom divino. Na verdade ele tem domínio rudimentar de escrita e não admite isso, daí valorizar sua memória em detrimento do registro escrito. Ele tenta justificar o conhecimento e experiência elementar de escrita que possui afirmando que seus anos de escola foram suficientes para isso, não percebendo que a sua formação de leitor faz parte da sua formação religiosa.

Já JD faz questão de se assumir como leitor e redator, chegando até a avaliar a escrita de sujeitos mais escolarizados, como quando fala que um seminarista da comunidade não sabe escrever. Entretanto sua crítica é sobre a caligrafia do indivíduo e não sobre o seu domínio de escrita. Ele é evasivo quanto às suas experiências de leitura, mesmo ao revelar sua participação nos cursos vocacionais, citados pelos mais jovens como promotores desse tipo de experiência. Boa parte do que ele diz produzir parece cópia, que não assume como tal. Nesse caso, infere-se que sua função social lhe impõe um posicionamento positivo, e ao mesmo tempo contraditório, em relação à escrita como se ela fosse requisito para sua condição de líder comunitário, já que no Baldez as práticas de escrita instituem as práticas coletivas dos sujeitos pesquisados. Como sua pouca escolaridade soa ameaçadora dessa condição, além das críticas dos mais escolarizados, JD desenvolve a estratégia de valorizar o seu saber escolar, de tentar adaptar-se a um modelo de escrita institucionalizado. Daí suas citações de leituras que parecem não ter sido feitas e as cópias e apropriações de textos alheios como sendo seus, conforme mostram os textos 17 e 18. O que JD e FS têm em comum, além de serem mais velhos e menos escolarizados, é o fato de demonstrarem, cada um a seu modo, certo constrangimento ao falar sobre suas relações com a escrita.

Já a mulheres mais velhas, de forma geral, estão mais restritas ao espaço doméstico e, portanto, menos expostas a julgamentos, o que provavelmente as faz assumir suas limitações e afirmar que não sabem escrever, até com certo ressentimento, como se manifesta CP.

No caso de CP, a ausência de uma função social definida dentro da comunidade, as esporádicas participações nos eventos comunitários e sua pouca escolaridade contribuem para limitar sua relação com a escrita ao contexto doméstico, ao mesmo tempo em que a deixam à vontade para assumir o pouco domínio e experiência com as ações de escrita. Já TF e MM, ao contrário de CP, possuem o ensino médio, e suas relações com os textos são contraditórias, já que ambas dizem não saber escrever, embora o façam. No caso de MM, há uma censura mais evidente quando ela mesma delega atividades de escrita aos mais jovens ao solicitar deles, por exemplo, a produção de cartazes, justificando sua atitude ao dizer que eles são mais habilidosos e criativos, ou quando admite a interferência da secretária do padre na reescrita dos livros-caixa e das prestações de contas que a própria MM produziu, caso que implica uma censura à produção textual de pessoas com menor conhecimento da modalidade escrita da língua.

Ao contrário dos sujeitos mais velhos, os dados evidenciam que os mais jovens, marcados pela correlação entre idade e escolaridade, apresentam atitudes em relação à escrita estabelecidas pela sua recente experiência escolar, que os torna mais preocupados com

aspectos formais da escrita, e isso se intensifica à medida que o nível escolar é maior. Enquanto os mais velhos se mostram mais evasivos quanto às suas práticas de escrita, os sujeitos mais jovens demonstram preocupação com o seu desempenho com relação à escrita ao tentar aproximar os textos que redigem do modelo escolar. Suas preocupações se voltam para a questão do escrever bem e, quando afirmam que não sabem escrever direito, referem-se ao domínio formal do código escrito e por isso são mais críticos e explícitos no tocante às suas limitações, apesar de possuírem experiências individuais de escrita mais amplas e diversificadas do que os sujeitos mais velhos.

Para AB, a escrita serve para referendar suas ações, como nos textos que diz ter produzido a fim de divulgar suas pretensões políticas; entretanto, pareceu temer uma avaliação da pesquisadora sobre esses seus textos ao evitar mostrá-los. AF difere de AB em suas atitudes ao mostrar o que produz, lê ou copia, mas apresenta as mesmas preocupações formais; no caso de RS, suas funções na comunidade como presidente da associação de moradores e coordenadora da pastoral da juventude tornam mais tensa sua relação com a escrita. Ela é quem mais apresenta preocupações com os usos formais de escrita e o faz de modo direto, revelando censuras e expectativas sobre seus próprios textos, ao mesmo tempo em que vincula a continuidade dos estudos à possibilidade de escrever bem.

As atitudes pessoais de LR e SB com relação à escrita são semelhantes e possivelmente sofrem influência de sua experiência escolar no ensino superior, que os faz ter uma perspectiva mais acadêmica de produção e recepção de textos do que os outros jovens. Ambos também se sentem mais seguros em relação ao modelo escolar de escrita a ponto de SB dizer que seus textos “não fazem vergonha na faculdade” e de LR criticar o fato de, em alguns momentos, não ser procurado para revisar os textos produzidos para os eventos religiosos.

Por outro lado, os dados mostram atitudes diferentes entre LR e SB influenciadas pelo fator gênero. O primeiro apresenta uma orientação sócio-cultural mais ampla, que extrapola os limites da comunidade, inclusive sendo o único a revelar uma postura mais crítica e pró-ativa sobre as condições sociais da comunidade por meio dos textos que escreve. Já SB, apesar de sua experiência escolar diferenciada com relação aos outros sujeitos, faz questão de ressaltar seu vínculo ao contexto religioso da comunidade e não expande suas perspectivas de produção e recepção dos textos para além dos limites de seu curso universitário e de sua vida religiosa, mesmo que escreva documentos da associação de moradores.

Conforme os dados revelam, o modelo de escrita que em maior ou menor grau subsidia a atitude de todos os pesquisados, considerando-se as diferentes experiências e

conhecimentos sobre a escrita, é o escolar. Por conta desse reconhecimento de um modelo formal, nenhum dos sujeitos pesquisados considera como práticas de escrita qualquer produção ou leitura de textos, particular ou coletiva, realizada no contexto religioso, de lazer e da liderança comunitária. Mesmo aqueles textos referentes a gêneros formais trabalhados geralmente pela escola, como atas e ofícios.

No que diz respeito à cópia de textos, JD, do grupo dos homens mais velhos e de pouca escolaridade, sempre assume a autoria do que apresenta como seus escritos em atividades coletivas no contexto religioso e de liderança comunitária. Seus textos deixam transparecer não apenas a influência das leituras que ele disse fazer sobre questões político-sociais, mas demonstram ser a junção de fragmentos de textos copiados daqueles com os quais entra em contato por meio dos cursos vocacionais. Essa inferência é possível a partir da descrição desses textos feita por alguns dos entrevistados.

Já TF, entre as mulheres mais velhas, redige textos particulares repletos de máximas religiosas e exortações copiadas da bíblia ou de livros de oração. Da mesma forma que JD, ela reconhece esses escritos como seus, assumindo-lhes a autoria. Ao se apropriarem de textos alheios ou de trechos deles, eles lançam mão de uma estratégia para suprir dificuldades em ocasiões nas quais gostariam de produzir seus próprios textos, como parece ser com TF e sua necessidade de registrar momentos de sua vida particular ou de expressar sentimentos, ou, com JD, quando se sente no dever de produzi-los em suas atividades de liderança comunitária.

Os sujeitos mais jovens, com relação aos usos compartilhados de escrita, são os que mais copiam textos, principalmente nas atividades religiosas de preparação de eventos, por conta das mensagens dos cartazes. Também, nos encontros do grupo de jovens e de confraternização, eles sempre compartilham a leitura de trechos de textos copiados de algum livro religioso ou de auto-ajuda.

Os mais jovens, de nível escolar médio, como AF e RS, gostam de copiar, em agendas e cadernos, frases de efeito e pensamentos ligados a atitudes positivas sobre a vida, além dos poemas registrados por RS. De acordo com os dados, nessas circunstâncias, o fator escolaridade também é fundamental para o estabelecimento de diferentes atitudes. Quando se consideram LR e SB, sujeitos mais escolarizados de todos, nota-se que estes não costumam copiar textos, preferindo produzi-los, tanto em suas práticas coletivas, quanto particulares.

A cópia era uma prática de destaque nas salas de aula tradicionais nas quais ocorriam muitos exercícios de reprodução em cadernos dos textos dos livros didáticos e cujos objetivos eram basicamente a memorização de estruturas gramaticais e o aprendizado da leitura e da escrita. Para a escola tradicional, a cópia era uma prática social importante, daí acreditar-se

que os mais velhos, mesmo os que têm escolaridade média completa, como TF, ressignificam-na como uma atividade de produção escrita e não como uma transcrição. Nesse aspecto, justifica-se a postura dos sujeitos mais jovens em função de suas experiências escolares mais recentes, pois, apesar de ainda praticada nas salas de aula, não é dada à cópia a mesma importância como em outros tempos. De modo geral, a cópia parece ter sido internalizada, principalmente nos sujeitos mais velhos, como um modelo de escrita e por isso repetições e reproduções de frases feitas são recorrentes nos textos coletados.

5.2 ORALIDADE, ESCRITA, CONTEXTO E OUTRAS LINGUAGENS

Grande parte das práticas de escrita observadas na comunidade do Baldez, principalmente nos contextos de usos coletivos relaciona-se de maneira complexa com atividades orais, seja pela produção e leitura compartilhadas de textos, pelos diálogos que se estabelecem a partir da escrita ou que a ela dão origem. Conforme afirma De Certeau (2008, p. 336, vol 2), “a oralidade constitui também o espaço essencial da comunidade”; ela organiza as relações entre os sujeitos, além de lhes servir como um modo de inserção na cultura escrita, socializando-a por meio de práticas orais. Dessa forma, a interrelação entre oralidade e escrita no Baldez se configura a partir dos contextos observados de práticas coletivas e corresponde à forma como os sujeitos pesquisados se inserem nesses contextos.

No contexto religioso de práticas compartilhadas, principalmente, são muitas as situações nas quais oralidade e escrita se mesclam. Nele, é grande a incidência de manifestações orais como as orações, exortações e homilias, aliadas às leituras oralizadas e aos comentários sobre elas, além das negociações que precedem a produção de textos para os eventos religiosos. De certa forma, essas práticas orais representam um modo de inserção dos sujeitos no universo da escrita, para se instituírem como leitores e redatores, proporcionada por experiências coletivas de leitura e produção de textos. Isso muitas vezes é marcado por negociações e conflitos entre os sujeitos, em função das próprias posições que eles ocupam na estrutura da comunidade e de suas experiências de escrita.

Tanto no contexto religioso das práticas compartilhadas, quanto nos momentos coletivos de lazer, que integram essas práticas religiosas, valorizam-se as manifestações orais a partir da escrita. Nesses contextos, a leitura em voz alta das mensagens trocadas entre os participantes, em meio aos comentários dos presentes, constitui um mecanismo de integração

dos sujeitos e incentivo à adesão nas ações da comunidade. São ocasiões nas quais também surgem relatos orais que rememoram acontecimentos marcantes da comunidade e casos particulares vivenciados por alguns dos participantes e que sejam de interesse coletivo como, por exemplo, as histórias de como a igreja foi construída, a visita de alguém ilustre ao bairro, o tratamento de saúde a que alguém do grupo se submeteu ou a participação em algum evento religioso fora da comunidade. Já no contexto das práticas coletivas de liderança comunitária, as atividades de escrita como a produção e a leitura compartilhadas de correspondências, atas, textos político-sociais e jurídicos relacionam-se a práticas orais.

Pode-se considerar que, dentre outros fatores, as leituras coletivas em voz alta nos diversos contextos de práticas, as negociações orais precedentes à produção de textos, os comentários sobre mensagens lidas e trocadas entre as pessoas, mostram relações complexas entre escrita, oralidade e contexto. Essas relações são parte das tradições de escrita locais, caracterizadas pelas próprias interações regulares e cotidianas entre os indivíduos e a situação discursiva de que fazem parte. Dessa forma, são relevantes a função social de alguns e a manifestação de seus saberes por meio de estratégias orais e/ou escritas que caracterizam os textos em circulação na comunidade.

Nota-se uma tendência dos sujeitos mais velhos e menos escolarizados a terem como referência uma escrita compartilhada que se baseia na oralidade, principalmente no contexto religioso, com as rezas, orações e narrativas de histórias bíblicas de transmissão tradicionalmente oral. FS, por exemplo, demonstra considerar importante a retenção de fatos e saberes na memória, como o registro da história local, de modo a poder transmiti-los oralmente. Já os sujeitos mais jovens, por sua maior escolaridade e pela diversidade de contextos e ações e de experiências com a escrita nas quais se envolvem, apresentam-se menos limitados a esta relação de dependência entre oralidade e escrita. Para LR, por exemplo, a escrita é que possibilita a preservação da história local e não sua transmissão oral. Além disso, entre os mais jovens, a relação entre contexto, escrita e oralidade é mais variável, já que não há uma dependência da oralidade para terem acesso ao texto escrito em decorrência de eles serem mais escolarizados e apresentarem experiências diversificadas com gêneros textuais, inclusive com textos midiáticos, em contextos sociais também diversificados.

Segundo Marcuschi (2008), a cultura eletrônica é responsável pelo surgimento de novos suportes que veiculam uma infinidade de novos gêneros textuais e estes se modificam conforme as necessidades sociais. Pelas observações em campo, percebe-se a presença na comunidade de novos gêneros de escrita em decorrência dos usos da mídia digital por parte dos jovens pesquisados. Esses usos contribuem para que esses sujeitos não se restrinjam aos

gêneros de escrita tradicionais, expandindo inclusive seus contextos de atuação. Os e-mails, os “torpedos” via celular, os bate-papos virtuais, as aulas na modalidade de educação a distância, as pesquisas sobre vários conteúdos, todas essas situações citadas pelos jovens pesquisados se fundamentam na escrita e interagem com outras linguagens mais simples e mais rápidas, como a linguagem dos símbolos e ícones que substituem palavras e expressões, além das abreviaturas, imagens e sons. Foi observado, por exemplo, o envio, pela internet e pelo celular, de mensagens de boas festas de fim de ano nas quais foram empregadas essas outras linguagens, como foi o caso dos textos enviados nessas ocasiões por AF e RS para a pesquisadora.

Considera-se ainda que a mídia digital possibilita entre esses jovens usos mais intensos da escrita, seja, dentre outros fatores, pela linguagem mais informal, pelo pouco tempo que demanda ou por sua praticidade de manipulação; além disso são constituídos processos de socialização mais modernos que vão incorporando outras práticas e costumes. Os meios midiáticos alteram a relação dos sujeitos com a escrita à medida que tornam os usos mais complexos e aumentam as possibilidades de produção, leitura e cópia de textos, principalmente por disponibilizarem ferramentas diversas para essas atividades. É ainda importante destacar, conforme atesta Marcuschi (2008), que, pela natureza híbrida dos gêneros midiáticos, elementos da oralidade e da escrita se mesclam, muitas vezes sem definição de limites entre eles. Dessa maneira, é possível aos interlocutores virtuais, menos preocupados sobre como “escrever bem”, estabelecer interações mais dinâmicas e informais, além de dispor, a um só tempo, de diversas formas de linguagem.

Heath (1983) enfatiza, na pesquisa etnográfica que realizou em comunidades norte-americanas, que a constituição de diferentes concepções de usos da escrita é marcada pelas diversas ações dos sujeitos no cotidiano e por suas referências sócio-históricas individuais e coletivas. Assim sendo, as diferentes formas de apropriação da escrita, sua relação com a oralidade e outras linguagens no cotidiano dos sujeitos em uma dada comunidade estão relacionadas aos contextos nos quais as práticas de escrita se constituem.

A escrita compreende uma prática social articulada no conjunto de outras práticas sociais e estas é que vão determinar o lugar, o papel e o grau de relevância de suas manifestações, pois elas se efetivam a partir de usos contextualizados (MARCUSCHI, 2007). Nos diversos contextos de interação no Baldez, as diferentes relações dos sujeitos pesquisados com a escrita, e desta com outras práticas sociais e outras linguagens, compõem uma ordem funcional inerente a essa comunidade, às suas tradições culturais e de escrita. As práticas cotidianas de escrita são complexas, sua forma de apropriação e o modo como os sujeitos se

inserir nos contextos estão perpassados pela oralidade e incorporam novos meios de interação, de acordo com aspectos sociais, históricos e culturais que determinam, na comunidade, as condições pelas quais os sujeitos interagem.

5.3 ESCRITA E *HABITUS* LINGUÍSTICO

Os sujeitos pesquisados, conforme mostram os dados, compõem uma comunidade organizada em práticas cotidianas nas quais se evidenciam valores adquiridos ao longo da vida e que orientam as suas ações em vários campos sociais, em permanente processo de constituição. Ou seja, são valores que orientam comportamentos e práticas coletivas e individuais, permitem interpretações da realidade, fundamentam modos de vida e identificam a comunidade enquanto um grupo social.

No Baldez, é possível identificar um campo social central na vida da comunidade, que é o campo religioso, estabelecido por meio das constantes atividades da igreja católica local. Este campo se expande para outras esferas da vida dos sujeitos, dada a sua importância para a comunidade, de modo a instituir dois sub-campos que dele fazem parte: o político-social e o de lazer, constitutivos e constituídos de ações de linguagem que servem para instaurar espaços de ação nos quais os indivíduos, dinâmica e continuamente, segundo Bourdieu (1998), buscam se adequar de modo a atender às especificidades e exigências de cada campo. Assim, por exemplo, é pela participação nos cursos de formação religiosa e consequente atuação dos sujeitos como leitores e redatores que eles são instituídos nas práticas religiosas locais, bem como orientam suas ações para a participação nos sub-campos, conforme determinações históricas e sociais próprias da comunidade.

Essas determinações atuam sobre quem pode ou não assumir certas funções dentro dos campos e que ações de linguagem são esperadas dos sujeitos nessas funções. É assim quando, como já visto, no campo religioso, apenas os mais velhos, como JD e MM, podem ser os responsáveis pela igreja local e, nesse contexto, são eles que coordenam os usos de escrita nas atividades compartilhadas, embora as atividades de escrita deste campo que são destinadas a um público externo sejam supervisionadas por quem tem nível maior de escolaridade. Ao contrário, as ações de escrita de cunho religioso do sub-campo de lazer, tradicionalmente destinadas a um público interno, são controladas exclusivamente por quem assume função de liderança neste contexto, independente do fator escolaridade. Já nas atividades do sub-campo

político-social, o fator escolaridade dos sujeitos é determinante para caracterizar as suas atividades de escrita, o que concede a LR, por exemplo, respaldo para a produção de textos oficiais, ou a SB a tarefa de passar a limpo as atas das reuniões.

O campo e sub-campos sociais observados no Baldez delimitam as ações dos sujeitos em seus espaços cotidianos, estabelecendo-lhes possibilidades de atuação, num processo no qual forças sociais externas relacionadas, no caso, ao reconhecimento de um modelo escolar de escrita pela sociedade se incorporam à estrutura interna da comunidade, que compreende, dentre condições sociais e históricas peculiares, a realidade linguística de cada sujeito, conforme sejam suas experiências e conhecimento sobre a escrita. A relação entre essas forças define o valor das produções linguísticas no contexto sócio-histórico do Baldez, a partir do reconhecimento prévio, pelos sujeitos, de uma língua legítima, bem simbólico que é reproduzido institucionalmente de acordo com as relações de poder de uma sociedade estratificada, e que serve de parâmetro para as suas ações cotidianas e singulares de ler e produzir textos. Neste contexto, diferentes modos de os sujeitos se relacionarem com a escrita, e, por meio dela, com outros sujeitos, revelaram-se nas diversas atividades observadas nos campos sociais e no que estas pessoas dizem sobre estas ações.

De acordo com os dados, todas as pessoas pesquisadas compartilham uma concepção escolar de escrita, conservadora, que serve de referência às suas ações e condiciona suas atitudes com relação às atividades de leitura e produção de textos que desenvolvem nos diferentes contextos, mas em função de um conhecimento prático e experiências de escrita que são diversos entre os sujeitos. Por isso, os homens mais velhos pouco escolarizados se defendem de um julgamento negativo ao comparar as boas qualidades do “estudo de antigamente” com o que consideram um ensino pouco produtivo dos dias atuais. Por sua vez as mulheres mais velhas com nível médio de escolaridade, mas afastadas do sistema de ensino há anos, dizem simplesmente que não sabem escrever, embora o façam em suas atividades religiosas cotidianas. Já os mais jovens dizem não escrever bem, por influência recente de experiências de escrita no contexto escolar. Assim sendo, embora suas atitudes sejam diferenciadas com base em experiências e ações singulares de leitura e produção de texto, elas mostram uma preocupação comum em atender a um modelo de língua legitimado socialmente e reproduzido pela escola, que tradicionalmente mantém como meta o domínio de gêneros formais de escrita. Neste contexto, a concepção predominante de escrita se limita à noção de código, cuja aquisição e domínio são considerados imprescindíveis ao reconhecimento social dos indivíduos.

O sentido atribuído à escrita pelos sujeitos pesquisados pressupõe a existência de uma força que não atua por imposição física, mas pelo reconhecimento da legitimidade dentro de um campo de atuação e conforme os interesses que estão em jogo, inclusive aqueles relativos ao estabelecimento das relações de poder. Trata-se de uma visão que traduz aquilo que a escola reproduz e a sociedade legitima sobre as práticas de escrita, e essa concepção hegemônica é disseminada em diversos contextos sociais. Assim, o que conta é uma autoridade social acumulada (BOURDIEU, 1998) por determinados sujeitos, evidenciando quem pode escrever ou o que deve escrever, ou, como nas palavras de Gnerre (2003), quais são os “conteúdos referenciais consentidos”. Pode-se afirmar que os sujeitos observados têm incorporado que os usos da escrita requerem uma competência associada a aspectos normativos e formais, como ter uma boa caligrafia e domínio formal do código linguístico. Para os mais escolarizados, por exemplo, essa competência está na base do que consideram ser “escrever bem”.

A partir dos valores sociais e historicidade de cada campo de ação, são configuradas as posições sociais dos sujeitos na comunidade, que têm na linguagem um instrumento para se estabelecerem nessas posições. Segundo Bourdieu (1998), as posições são definidas por regras que se incorporam de modo natural às ações dos sujeitos, e não por valores declarados. Dessa forma, ocorre um processo imperceptível pelo qual os sujeitos vão se ajustando ao que está socialmente determinado, mas, ao mesmo tempo, atendendo ao modo como a comunidade está estruturada. Nesse processo, os sujeitos demonstram não perceber os usos que fazem da escrita em diversas esferas de sua vida, como ocorre com TF, por exemplo, quando ela afirma que, em seu cotidiano, não escreve, mas, ao contrário do que diz, faz anotações de acontecimentos nos pequenos livros de liturgia. Já MM registra por escrito a movimentação financeira da igreja local, faz listas de doações e escalas de trabalho, lê textos bíblicos, e nada disso é citado como atividade de escrita, e sim como prática religiosa. SB, por sua vez, cita prioritariamente como suas atividades de escrita aquelas desenvolvidas em seus estudos no curso superior, mas não menciona o fato de sua profissão e sua função de catequista requererem esse tipo de atividade. Há ainda JD, que, à frente da igreja católica do bairro, apresenta-se como um homem de muitas leituras, mas não cita o que lê. AB, ao falar de sua campanha para vereador, diz ter produzido textos para a ocasião, mas não os mostra, e JD e TF fazem cópias de textos alheios e os assumem como de sua autoria.

No confronto mediado pela linguagem entre forças externas e condições internas que regulam cada campo observado, alguns fatores se sobressaem ou se articulam entre si. Assim, vão se definindo papéis nas relações de poder locais, o que, na comunidade estudada, implica

tensões, principalmente no desempenho de práticas compartilhadas de escrita no campo religioso, porque nele a função social de sujeitos, que muitas vezes só apresentam grau elementar de escolaridade, é fator relevante.

Nessa perspectiva, o campo social e sub-campos observados, cada um deles espaço inacabado constituído a partir de ações de linguagem, conforme já dito, constituem vários *habitus* linguísticos. Estes, no caso, resultam de diferentes atividades e experiências de escrita que dizem respeito à estrutura interna do campo e sub-campos observados, e, ao mesmo tempo, das forças externas que neles atuam, referentes ao modelo legitimado de escrita que todos almejam poder reproduzir nas suas atividades cotidianas, tendo em vista as relações de poder da sociedade. Essas forças externas são usos socialmente referendados e incorporados ao universo linguístico particular dos indivíduos, por meio de seu conhecimento e de suas próprias experiências de leitura e produção de textos para fins específicos, de acordo com perspectivas e esquemas de percepção singulares das ações de escrita. Assim se explica, por exemplo, o esforço constante de JD em se apresentar como leitor e redator dinâmico, mesmo com as evidentes dificuldades que tem nos usos de escrita; ou a associação que RS faz entre fazer um curso superior, escrever melhor e melhorar sua atuação social na comunidade; ou as tentativas apenas de LR, único sujeito com curso superior completo, de intervir na realidade local por meio dos textos que produz e encaminha a autoridades, ou de escrever a história local. Há também o caso das mulheres mais velhas, distanciadas pelo tempo das práticas escolares, que têm seus usos de escrita influenciados por seu constante contato com textos religiosos, diferente dos mais jovens, que têm recentes experiências escolares que os fazem avaliar negativamente algumas produções escritas dos mais velhos. Tanto essas atitudes quanto outras já descritas estão condicionadas histórica e socioculturalmente e revelam *habitus* linguísticos que permitem articular o individual e o social, dois estados da mesma realidade e da mesma história coletiva que se incorporam nos sujeitos de modo dinâmico.

Nesse processo, o espaço social determina a incorporação dos *habitus* linguísticos dos sujeitos de modo imperceptível e os faz agir linguisticamente dentro de condições objetivas. Assim, os sujeitos se adaptam, como for possível, às forças sociais que determinam as relações de poder na comunidade e desenvolvem um senso prático de como se apresentar em determinados contextos, a partir da posição que neles ocupam, o que possibilita práticas mais ou menos adaptadas a situações específicas. Portanto, justificam-se atitudes como as de FS, por exemplo, cujas dificuldades com a escrita ele não admite e, em função disso, valoriza sua memória, valendo-se do respaldo que a comunidade dá às suas narrativas orais da história local. Tudo isso, como já dito, passa pela incorporação de regras que regulam a dinâmica das

práticas cotidianas dentro das relações de forças que compõem os *habitus* linguísticos. Corresponde, conforme mostram os dados, a definir quem faz usos ou não da escrita, como e por que o faz, no campo e sub-campos sociais observados. É possível, então, afirmar que as ações dos sujeitos pesquisados em relação à escrita são orientadas por *habitus* linguísticos que refletem as características da realidade na qual esses sujeitos foram socializados e que são produto da trajetória social de cada um deles e também produtores de saberes e práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem etnográfica adotada nesse estudo permite a afirmação de que as atividades cotidianas de escrita são circunstanciais, baseiam-se em práticas socioculturais e, em certa medida, reproduzem as condições sócio-históricas nas quais ocorrem. Os usos da escrita observados na comunidade estudada, e entendidos de modo amplo como produção, leitura e cópia de textos, compõem espaços de interação e são caracterizados conforme as diferentes práticas sociais e a maneira como os sujeitos se inscrevem nessas práticas, de acordo com alguns fatores biossociais que os caracterizam. Nesta perspectiva, retomados os objetivos propostos para esse trabalho e a pesquisa realizada, é possível afirmar que:

a) A escrita em circulação na comunidade, como já apontado, atende às necessidades próprias do campo religioso e sub-campos político-social e de lazer. Assim sendo, os usos da escrita dos sujeitos pesquisados definem a sua participação em atividades religiosas, centrais na comunidade e compostas de relações sociais hierarquizadas, e, nessa circunstância, servem à necessidade dos sujeitos de se posicionarem e se comunicarem neste contexto de práticas, de acordo com os interesses particulares ou coletivos, assim como no sub-campo político-social. No contexto afetivo-social do lazer coletivo, os usos compartilhados de escrita intermedeiam as relações internas de pessoas do grupo, de acordo com as suas intenções comunicativas.

b) Os fatores biossociais caracterizam os usos de escrita, conforme as especificidades dos contextos de práticas, sendo que os fatores idade e escolaridade são *a priori* interdependentes nesta pesquisa, devido à escolha dos sujeitos, que neles se baseou. Assim, viu-se que, em atividades coletivas, a função social dos sujeitos é fator predominante na orientação das práticas de escrita do campo religioso e do sub-campo de lazer, já que estas se destinam aos sujeitos da comunidade que integram estes campos, excetuando-se apenas os casos nos quais os fatores idade/escolaridade, no campo religioso, tornam-se igualmente pertinentes, conforme apontado na análise do trabalho, em razão de preocupações formais com os textos destinados a um público externo. Os fatores idade/escolaridade são, porém, predominantes no sub-campo político-social, por este mesmo motivo, e por este contexto não tratar das questões mais tradicionais da liderança comunitária que se inserem no campo religioso, e que se baseiam na função social dos sujeitos.

Nas práticas individuais, a função social e idade/escolaridade são fatores determinantes para a caracterização das atitudes dos sujeitos em relação à escrita, principalmente no caso dos líderes comunitários, que demonstram se importar, cada um a seu

modo, com suas habilidades como produtores e leitores de textos. Daí, por exemplo, as apropriações de textos alheios através de cópias feitas pelos sujeitos mais velhos, ou as declarações dos mais jovens, aliando melhor atuação comunitária a habilidades de escrita que eles relacionam à continuidade nos estudos.

Observa-se que o fator gênero é pertinente para caracterizar, de maneira geral, as ações individuais dos sujeitos, ao se constatar que as mulheres fazem usos de escrita menos intensos e mais circunscritos ao campo religioso e às suas atividades domésticas, diferente dos homens, cujas ações particulares de escrita estão mais relacionadas a aspectos político-sociais da vida comunitária. Esta realidade reflete-se na diferenciação de atitudes dos sujeitos com relação às suas práticas de escrita, quando se considera que os homens são os que mais escamoteiam suas dificuldades com textos e/ou fazem questão de evidenciar em seus depoimentos algum contato com a escrita, enquanto as mulheres admitem suas limitações, e por isso se mostram mais receosas de serem avaliadas em relação ao que escrevem ou leem.

As relações familiares exercem influência sobre a inserção de alguns sujeitos no campo religioso e nos usos de escrita que dele fazem parte, de acordo com a análise. O mesmo é possível afirmar sobre a profissão dos sujeitos jovens e com maior grau escolar, que propicia usos mais específicos de leitura e produção de textos relacionados ao contexto de trabalho, como, por exemplo, a atividade de professor na comunidade, que, neste caso, integra o sub-campo político-social.

Os usos de escrita e a atitude que os sujeitos do Baldez mantêm sobre estas atividades na sua vida cotidiana são, portanto, orientados por fatores biossociais.

c) Conforme a análise dos dados, as relações entre escrita, oralidade e contexto, próprias da comunidade estudada, caracterizam modos de interação dos sujeitos em suas práticas sociais. As experiências de leitura coletiva e em voz alta, as consequentes discussões e comentários em torno do que é lido, ações tão valorizadas nos contextos observados, concedem aos sujeitos oportunidades de socialização e revelam, conforme mostra este estudo, singularidades do grupo pesquisado, como um todo, e também dos sujeitos que o constituem, em suas relações com as ações de escrita. Observa-se ainda, de acordo com os dados, a interação entre oralidade e escrita e outras linguagens, principalmente em textos de gêneros digitais, que caracterizam determinados usos de escrita que são feitos pelos sujeitos jovens.

A realidade das relações singulares entre escrita, oralidade e contexto aponta, portanto, para a necessidade de se observarem as tradições de escrita dos diferentes grupos sociais, ainda muito pouco estudadas, para que se possa analisar criticamente a visão institucional e

excludente de língua e escrita, baseada em um modelo formal e individualizado, que predomina na nossa sociedade e que é reproduzida pela escola.

d) Os usos da escrita na comunidade do Baldez são relativizados pelas estruturas de poder locais, configuradas em contextos específicos de práticas, como é possível observar ao se compararem as práticas escritas que fazem parte das atividades religiosas com as que fazem parte das atividades da associação de moradores, ao mesmo tempo em que reforçam ou questionam valores estabelecidos nas relações de poder. No campo religioso, por exemplo, está tradicionalmente instituído que funções de liderança destinam-se a pessoas mais velhas cuja conduta religiosa e comunitária respalda-as a assumir posições de destaque dentro desse campo. Entretanto, em algumas ocasiões, relacionadas aos usos de escrita, essas qualificações conflitam com exigências sociais externas (como o seu domínio formal), gerando tensões mediante as quais os sujeitos tentam se manter nas posições ocupadas e, para isso, desenvolvem estratégias de ação em que possam se adequar a essas exigências, sem alterar a organização e funcionamento do campo social em que estão atuando. Assim, a partir do estudo das manifestações de escrita que circulam em uma comunidade urbana atual, como o Baldez, pode-se afirmar, conforme Street (1984), que padrões socioculturais de um dado grupo social caracterizam os usos da escrita e o significado que estes têm para os sujeitos em sua vida cotidiana, sem perder de vista o papel central das relações de poder, que se manifestam nas pressões por uniformização exercidas pela sociedade em geral e pelos sistemas educacionais modernos.

e) A visão escolar de escrita, baseada no modelo de língua próprio de grupos de prestígio e reconhecido por toda a sociedade, está entranhada culturalmente, ou naturalizada pelos sujeitos estudados, constituindo-se em *habitus* lingüísticos, já que é incorporada à atitude que eles mantêm sobre os usos diferenciados que fazem da escrita nos campos observados. Essa tensão entre estas forças externas vindas da sociedade e a realidade das práticas de escrita nos diversos contextos desencadeia situações de tensão, e algumas vezes de aparente contradição, maiores entre os sujeitos que mantêm posição social de destaque nas relações de poder locais e possuem baixa escolaridade, ou que estão há muito afastados do contexto escolar. Estes podem, como se viu, escrever textos de inspiração religiosa e não os ver como atividades de produção de textos, e sim religiosas; apropriar-se de textos alheios por vê-los como modelo de língua, entre outras situações já expostas, de acordo com as diferentes experiências de escrita que mantêm na sua vida diária.

Os usos de escrita, por meio dos quais os sujeitos pesquisados interagem socialmente, e o comportamento mantido sobre estas manifestações são orientados, portanto, tanto pela

estrutura social que institui um modelo escolar de escrita como ideal, quanto pelas condições histórico-sociais e culturais peculiares à comunidade, observadas nos campos sociais que a compõem de acordo com os diferentes saberes e experiências sobre a escrita dos sujeitos, vistas nas diversas práticas de escrita que fazem parte das ações locais.

É preciso que se entenda que a escrita inscreve os sujeitos dinâmica e continuamente em campos de ação do cotidiano; portanto, constitui a realidade social e por ela é constituída. Como afirma Marcuschi (2001, p.40), “a distribuição e os papéis da escrita não são os mesmos em todos os contextos ou situações”. A esse respeito, Gnerre (2003, p. 75-76) alerta para o risco das “grandes generalizações em lugar de olhar para realidades específicas”, pois assim deixa-se de “incluir articulações importantes de diferenças dentro das sociedades”.

Diante das considerações anteriores, enfatiza-se que investigar os usos sociais da escrita contribui para a percepção de que ela tem significados e funções diversos para sujeitos e grupos sociais distintos, a partir de como esses usos, sujeitos e grupos estão inseridos em contextos culturais mais amplos. Nesse sentido, a abordagem etnográfica empreendida permite que se olhe para condições efetivas de usos e diferentes relações com a escrita, cujo conhecimento é significativo, por exemplo, quando se ensina, via escola, a ler e a escrever. Acredita-se, portanto, que esse estudo sobre os usos da escrita na comunidade do Baldez pode colaborar, no âmbito geral, para discussões acerca das complexas relações entre sujeitos, grupos sociais e escrita, aliando-se a outras abordagens e/ou outros domínios de estudo com vistas a um conhecimento cada vez mais detalhado e fundamentado sobre ações de linguagem em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

- BAZERMAN, Charles. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BOLTANSKI, Luc (2005). Usos fracos e usos intensos do *habitus*. In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-marie. *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p. 155-163.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- _____. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- _____. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- DE CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. *A invenção do cotidiano: 2. Artes de fazer*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CESAR, América Lúcia Silva. A propósito de etnografias. In: *Estudos Linguísticos e Literários*. n.33-34, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 9.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.
- GIRARDI JUNIOR, Liráucio (2007). *Pierre Bourdieu: Questões de Sociologia e Comunicação*. São Paulo: Annablume. Fapesp.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOODY, Jack; WATT, Ian. *As consequências do letramento*. São Paulo: Paulistana, 2006.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, Escrita e Poder*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Texto e Linguagem).

HANKS, William F.. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin/William F. Hanks*. São Paulo: Cortez, 2008.

HAVELOCK, Eric. A equação oralidade – cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: Olson, David R.; TORRANCE Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

HEATH, S. B.. Literate traditions. In: *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1983.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOYOLA, Maria Andréa. Bourdieu e a Sociologia. In: *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Junho, 2002, vol. 17. nº 49, p. 11-29. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em: 13 jun. 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (Org). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001).

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Bananeiras Filmes. Intérpretes: José Dumont; Nelson Dantas; Nelson Xavier e outros. Roteiro: Eliane Caffé e Luiz Alberto de Abreu. São Paulo: Video Filmes, c2004. 1DVD (102min).

ORLANDI, Eni Puccinelli. A sociolinguística, a teoria da enunciação e a análise do discurso (convenção e linguagem). In: _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4.ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2006.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: USP/Faculdade de Educação. n. 20, p. 60-70, Maio/jun/jul/ago. 2002.

STREET, M. B.. Introduction: the new literacy studies. In: *Writing: the nature, development, and teaching of written communication. Variation in writing: functional and linguistic-cultural differences*. LEA, NJ, USA, 1984.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa quantitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987. Cap. 5, p. 116-130.